

ESCRITA

Ano I N.º 8 1976 Cr\$ 10

Revista Mensal de Literatura



OS CINCO PREMIADOS DO PARANÁ: FORMOSA DOS PARAQUEDAS, TRAMA DE NATAL, AGENDA, AMANHÃ É OUTRO ANO E COMO SE FOSSE UM BOI

**CIRO DOS ANJOS,
AGORA INSPETOR
DE CALÇADÃO**

**OS HEREGES
DO VENEZUELANO
USLAR-PIETRI**

**LUÍS ROMANO
E A BÍBLIA DA
CAUSA AFRICANA**

**JAGUAR INICIA
UMA SÉRIE: OS
GRANDES AUTORES**



ESCRITA

Editor

Wladyr Nader

Redação

Astolfo Araújo

Hamilton Trevisan

Editor de Arte

José Américo Mikas

Criação Fotográfica

Leila Leandro de Castro

Fotografias

Pororoca

Colaboradores

Antônio Torres (Rio)

Flávio Moreira da Costa (Rio)

Maria Amélia Mello (Rio)

Caio Fernando Abreu (Porto Alegre)

Henry Correa de Araújo (Belo Horizonte)

Ana Lagoa (Brasília)

Reinoldo Atem (Curitiba)

Nagib Jorge Neto (Recife)

João Baptista Natali Jr. (Paris)

Uma publicação da

Vertente Editora Ltda.

Rua Monte Alegre, 1434

Fone: 62-3699

05014 — São Paulo (SP)

Assinaturas

(por vale postal
ou cheque visado)

anual: Cr\$ 100,00

semestral: Cr\$ 50,00

Números Atrasados

Cr\$ 10,00

Distribuição

Abril

Composição/Impressão

Planimpress

Registrado na D.C.D.P.

do D.P.F. sob o n.º 1464-P.209/73

ÍNDICE

- 3 — Entrevista com Ciro dos Anjos
- 4 — Um cartum do Jaguar
- 6 — O cabo-verdiano Luís Romano entrevistado por Nei Leandro de Castro; e um trecho de Negrume
- 13 — **Luzia-Homem**, romance clássico de Domingos Olímpio
- 16 — Os cinco grandes premiados do Paraná
- 26 — **Los Herejes**, conto do venezuelano Arturo Uslar-Pietri
- 28 — Nelly Novaes Coelho e a literatura infanto-juvenil
- 30 — Três poemas de Mário Chamie
- 31 — Seis poetas novos
- 33 — Três contistas novos
- 36 — Livros e Informação
- 37 — Registro
- 38 — Cartas

PAUTA

O grande sábio é um monte de estrume, nesta civilização de desodorantes e supositórios. Tente imitá-lo. Não sei se a Razão pertence aos líquidos, sólidos ou gasosos. Tentei agarrá-la e não consegui. Pode ser que para alguns a literatura seja um passatempo agradável, divertido. Para outros, é um grito, e nem sempre exercício de inteligência, mas da burrice profundamente humana. Nunca vi um gato burro, uma galinha burra. O escritor, às vezes, morre de fome, o industrial, às vezes, morre de enfarte. A segunda é mais bela e mais digna. Nos infinitos círculos do inferno cabem todas as mitologias, todos os deuses, todos os demônios. A ciência nos ensina a sermos complicados: quantas justificativas, explicações, teorias, para o gesto mais simples. Até que um dia compreendemos que a doença é a cura. Quando um soldado visigodo rachava ao meio com sua espada um soldado ostrogodo, simplesmente um soldado visigodo rachava ao meio um soldado ostrogodo. (Samuel Rawet em *Jornal do Brasil*, 4/4/76)

O impasse desesperador em que se debate o cinema nacional, comprimido (comodamente, aliás) entre o ufanismo histórico e as superproduções, poderia ser rompido se os realizadores "profissionais" deixassem o economês que atualmente reveste suas discussões e voltassem a se preocupar com a nossa realidade. Problemas de distribuição/comercialização não podem ser mais fundamentais do que o enfoque da realidade do país nos anos 70. As misérias do homem brasileiro não podem ser ignoradas como têm sido. Assim as relações entre a literatura e o cinema nacional, que foram quase sempre decepcionantes (bem intencionadas às vezes como em "Vidas Secas" e "São Bernardo"), têm que se ajustar imediatamente. O distanciamento da florescente/vibrante literatura brasileira contemporânea é um suicídio artístico. Duas sugestões práticas: a) incluir nos certames literários prêmios para roteiros cinematográficos; b) seminários estaduais sobre os problemas da integração literatura-cinema. Espero que a nova geração de cineastas possa manipular sua ação renovadora de tal forma que passe por cima dos imobilistas que impedem o surgimento de um cinema brasileiro realmente moderno. (AA)

Segundo a revista *Time* (edição de 5/4/76), os escritores norte-americanos estão se cansando das tournées promocionais que as editoras lhes impõem como expediente para aumentar a vendagem dos livros. Percorrendo as principais cidades do país, eles dão centenas de entrevistas, fazem manhãs, tardes e noites de autógrafos até em lojas de departamentos e comparecem a programas de televisão do tipo bate-papo. Os heróis das letras queixam-se das contínuas viagens de avião, da comida sempre ruim, das noites mal dormidas e da atmosfera de nonsense em que geralmente transcorrem suas incursões pela tevê. (Nora Ephron, autora do livro "Crazy Salad", reunião de ácidos ensaios sobre a condição da mulher americana, viu-se inadvertidamente num programa dedicado à arte culinária, tendo de discorrer sobre hortaliças, em companhia de um fazendeiro de gado e de um criador de lampreias.) A possibilidade de se furtar a essas maratonas é quase nula. Os editores, gente pragmática, querem o máximo de retorno para seu investimento e negam apoio publicitário, ou seja, condenam ao limbo os que não colaboram. Transformados, como disse um deles, em verdadeiros cassetes humanos, os escritores têm de reconhecer que a aparição no vídeo e demais artifícios fazem disparar as vendas, aumentando-as por vezes em milhões de exemplares. Visto de nosso ângulo, o quadro torna-se irônico. Os literatos norte-americanos gemem em virtude do excesso de algo que nos falta quase totalmente. Em matéria de divulgação editorial, o esquema de marketing mais avançado e eficiente do Brasil é o praticado pelos cegos cantadores do Nordeste. (HT)

Ainda não estão muito claros os motivos que levaram o *Jornal do Brasil* a suspender (temporariamente, esperamos) o suplemento Livro, que, além de reencensar as mais recentes publicações nacionais, estampava reportagens de interesse imediato do leitor habitual e era, sobretudo, um termômetro do que realizava o nosso parque editorial. Mas uma coisa, certamente, não passou despercebida de ninguém: os anunciantes — editoras, livrarias, fábricas de papel, gráficas, firmas de fotolitos ou de fotos, para citar apenas algumas — tinham se esquecido de sua existência. Desaparecido o suplemento, gregos e troianos ficaram de mãos abanando. Resultado: nas duas páginas dedicadas a livros do JB de 21 de março, seis anúncios de quatro firmas diferentes, um deles de duas colunas, de alto a baixo. O apoio que está vindo agora, nos bem menores espaços diários que o *Jornal do Brasil* tem reservado aos livros, deveria ter vindo muito antes, para evitar que o suplemento desaparecesse. E para evitar o que aconteceu com o Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, que só ia dar uma parada mas não circula há mais de um ano. Provavelmente por razões semelhantes. (WN)

Ciro dos Anjos está voltando da casa de Plínio Doyle. De mais um sabadoyle, como são chamadas as tradicionais reuniões de sábado na casa do escritor.

— É o jeito que a gente acha de se encontrar, agora que nesta cidade não existem mais cafés sentados nem livrarias amistosas. Em torno das fantásticas coleções de revistas de Plínio só se reúnem os “velhotes”: Drummond, Afonso Arinos de Melo Franco, Pedro Nava, Alphonsus Guimarães Filho, Murilo Araújo, Américo Jacobina Lacombe, Mário da Silva Brito, Álvaro, Deolindo Couto Filho, Raul Bopp, Homero Homen (este o mais moço, o Benjamim da turma) e outros. O Plínio exige pontualidade, reclama, fiscaliza as faltas.

Não seria coisa de mineiro, apreciador de um bom papo?

— Olhe, tem muito mineiro ali, mas isso é mesmo aquela coisa antiga do escritor em busca de outro escritor.

COM OUTROS APOSENTADOS

Um pouco de biografia: Ciro dos Anjos nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, décimo terceiro dos 14 filhos de Antônio e Carlota dos Anjos. Depois viveu em Belo Horizonte e com 40 anos veio para o Rio, de onde saiu duas vezes — quatro anos para dar aulas no México e em Portugal e 15 para morar em Brasília, de onde voltou o ano passado. Agora vive em Copacabana. (“Fico à toa, andando pela praia junto com outros aposentados, como um inspetor de calçado”.) Foi preciso a busca da cidade grande, velho cacoete dos escritores. Ainda hoje isso é necessário? Ou já está na hora de fazer o contrário?

— Foi bom existir Brasília, porque o status de capital federal dava uma importância insustentável ao Rio de Janeiro e aos títulos conseguidos aqui. Com a descentralização, o escritor pôde fazer a sua vida na província, sem esperar a consagração da capital. É verdade que a vida da cidade pequena acaba virando mesmice, mas a cidade



DE AMANUENSE A INSPETOR DE CALÇADÃO

Norma Couri

Uma entrevista com Ciro dos Anjos

grande é esmagadora. Boas são as cidades médias do tipo Atenas no tempo em que Sócrates saía pelas ruas batendo papinhos. O Rio está tão grande que rouba uma porção de tempo precioso ao escritor. Mas estimula. O ideal seria buscar estímulos aqui e então fugir, ir escrever longe, numa cidade tranqüila, como fazem os europeus. Esta cidade é sedutora e feminina demais. Obriga a gente a se voltar para fora.

PROVINCIANO GOSTOSO

Em cidades como São Paulo e Brasília aconteceria a mesma coisa?

— A vida cultural de São Paulo é mais orgânica e por isso lá as pessoas se jogam para dentro. E Brasília é especial. Enquanto no Rio só se vai a coquetéis, em Brasília, naquela cidade-metálica-ano 2.000, ainda se pode bater um papinho ao pé do fogão, fumar um

cigarrinho calmo, conviver com o vizinho naquele jeito provinciano gostoso. O tráfego flui e lá se respira melhor. É uma ótima cidade para se trabalhar.

Essa constante procura de condições ideais de trabalho revela um perfeccionista (Ciro tem só seis livros publicados: “O Amanuense Belmiro”, “Abdias”, “Montanha”, “Exploração no Tempo”, “A Criação Literária” e “Poemas Coronários”). Mas ele se defende:

— Flaubert escrevia seis ou sete vezes cada texto. Mas isso é porque ele usava pena de pato: sabe como é, faz calos nos dedos. Com máquina de escrever ele chegaria a 20 versões, como eu. Vou emendando até quando Deus quer, corrigindo a datilógrafa, mexendo os tipos na mesa do tipógrafo (no tempo em que esse contato saboroso ainda era permitido), correndo atrás do editor para refazer o livro mais uma vez. O leitor nem sempre percebe as mudanças. Mas para mim são fundamentais.

Ciro entra na biblioteca cheia de livros de velhos autores, senta-se na cadeira acolchoada e aponta, orgulhoso, a estante um pouco desfalcada (“distribuí muitos livros entre os meus seis filhos”).

— As maiores afinidades tive com Proust, Stendhal e o velho Anatole France, tão fora de moda. E, claro, Machado de Assis.

Uma olhada rápida não acusa a existência de nenhum novo autor na biblioteca. Motivo?

— O mais novo autor que tenho lido é mesmo Machado de Assis. Esse eu leio e releio 10, 20 vezes. E, depois, acho os romances modernos muito pouco convidativos. Não sei se é culpa do gênero ou da geração. Mas que pergunta perigosa a sua, vão me chamar de quadrado por aí.

EM FRANCA LIQUIDAÇÃO

E a língua portuguesa?

— Entrou em franca liquidação, parece que daí vai sair uma língua nova. De minha parte prefiro continuar com Machado.

Uma vez Ciro declarou ser um “animal essencialmente político”.

Em outubro Ciro dos Anjos completa 70 anos. Mas desde agora está pensando em parar. Pretende entregar à José Olympio o 2.º volume de suas memórias e então dedicar-se à leitura dos livros de sua biblioteca. Principalmente os clássicos gregos e latinos. Não está muito interessado em latino-americanos, por exemplo. Confessa ter lido Borges e “Cem Anos de Solidão” com agrado. Cortázar, para ele, “não chega a ser um delírio. Não gosto do realismo fantástico. A vida real já é tão rica, absurda e misteriosa que deve ser trabalhada em si mesma”.

Como tal, dizia, "não posso fugir inteiramente aos embates emocionais da militância política e muito menos desinteressar-me das condições em que se processa a vida do país". Essa aridez literária contemporânea da qual ele se queixa não seria causada pela estagnação política?

— Mesmo nos momentos de crise as obras literárias se elaboram subterraneamente e até com mais vigor. Em qualquer história literária há períodos de brilhante explosão e de pausas. A política não chega a impedir a produção. Dante escreveu num período agitado da vida italiana, o mesmo aconteceu com Stendhal. E, depois, não sou partidário de engajamentos, a literatura deve ser livre.

Nem a fértil literatura latino-americana se salva?

— Li Borges com muito agrado. E com igual prazer "Cem Anos de Solidão". Mas Cortázar não chega a ser um delírio. Não gosto do realismo fantástico. A vida real já é tão rica, absurda e misteriosa, que deve ser trabalhada em si mesma.

ENFARTE GARANTIDO

Ciro ouve com aquele olhar desconfiado de todo bom mineiro o texto que ele próprio escreveu há 10 anos: "... não disputem vagas na Academia de Letras. Uma eleição ali é enfarte garantido para quem não tem boas artérias. Quando algum acadêmico amigo me convida a candidatar-me, peço baixinho ao meu anjo da guarda que não me deixe cair em tentação".

O anjo de Giro não era bom e em 1969 ele entrou para a Academia Brasileira de Letras, cadeira n.º 24, na vaga de Manuel Bandeira.

— Bem, eu nunca fui antiacadêmico. Achava, sim, muito difícil ganhar a eleição. Quem me convenceu a enfrentá-la foi Aurélio Buarque de Holanda, durante um jantar. Resisti à idéia até a sobremesa. Mas depois de três uísques aceitei. No dia seguinte, pela manhã, telefonei desfazendo o consentimento mas já era tarde, Aurélio já havia assegurado minha candidatura.

Valeu a pena?

— Lá o convívio é agradável, estimulante e extremamente ameno.

E as mulheres, elas não merecem a Academia?

— Não vejo, pessoalmente, razões para que se negue acesso às mulheres.

A maior ambição do acadêmico Giro dos Anjos já foi ser amanuense (designação antiga da carreira de escriturário) como Belmiro. E, na linha das funções públicas, foi também oficial de gabinete, diretor de imprensa oficial de Minas Gerais, membro de conselho administrativo, assessor de ministro, diretor do IPASE e professor de estudos brasileiros no exterior a convite do Itamarati. Agora está pré-aposentado de seu cargo de conselheiro do Tribunal de Contas.

"NÃO QUERO MAIS ESCREVER"

— Não quero mais escrever. Este ano vou entregar à José Olympio mais um livro, o segundo volume de minhas memórias, que já estão no capítulo 28. Depois vou ler. Fico abatido olhando esses livros na biblioteca. Vou morrer sem ter lido muitos. Gostaria de ler os clássicos gregos e latinos. Como é que eu posso ler os modernos? Hoje só leio livro que tenha pistolão, e muito poderoso.

OS GRANDES AUTORES: HENRY MILLER





CARNAVAL

Ciro dos Anjos

MINAS

Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a Rua Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo.

Os dias de festa coletiva, introduzindo o elemento multidão na minha esfera e propondo-me novos espetáculos ou novas sugestões, interrompem o equilíbrio do meu pequeno mundo e nele vêm produzir desnivelamentos que suscitam mais fundos movimentos interiores.

Neste carnaval de 1935, hoje começado, mais do que nunca senti de modo tão vivo a impossibilidade de me fundir na massa, de outro

sanfonista que não esmolava nem era cego, e tocava apenas por amor à arte, ou talvez para chorar mágoas. E chorava-as tão bem que cada um que o cercava sentia as suas mágoas igualmente choradas. O artista se revelava por esta forma perfeito, extraindo, dos seus motivos individuais, melodias ajustadas às necessidades da alma dos circunstantes, que ali iam buscar expressão para sentimentos indefiníveis que os povoavam e só se traduziriam por frases musicais.

Esse traço da generosidade inconsciente dos grandes artistas se encontrava no sanfonista da Ladeira da Conceição. Satisfazendo à necessidade de dar forma aos pensamentos imprecisos de suas saudades e de seus amores, lograva articular uma linguagem que nos servia a todos e que, por igual, nos falava de nossas saudades e de nossos amores; transportava-nos, assim, à atmosfera de alvoroçado bem-estar em que a gente mergulha quando encontra a definição de um sentimento e sua forma de expressão. Proporcionando ao espírito válvulas por onde se evadem as emoções

que o comprimem, a expressão — seja musical, literária ou plástica — não só o alivia, mas também o excita.

O sanfonista da Vila traduzia para mim as coisas complicadas de minha alma. O cego, que encontrei na esquina, não o fez com a mesma eficiência, mas, em todo caso, me lembrou o outro da ladeira de minha vila, e isso já foi muito fazer, porque assim despertou dentro de mim esquecidas harmonias.

A sombra de Camila me subtraiu à realidade de Jandira e reconduziu-me às estradas perdidas de Vila Caraíbas, que levam àquela serra muito azul e esquiava.

E desviou-me no tempo. O Ano-Bom chegaria sem que eu o celebrasse com o rito do costume, que é uma ceia em casa do Florêncio, se este não me viesse buscar quase à meia-noite. A questão, bem se vê, não é o ano velho ou novo, mas a ceia sempre apetecível, da casa do amigo. Mariana põe nela todo o seu estilo culinário, e o estilo é a mulher, em capítulos de cozinha. Eis aí o segredo de Florêncio: por isso é que vive naquela bem-aventurança que todos lhe invejamos.



foto de Frederico Spitale

FAMINTOS É A BÍBLIA DO PROLETARIADO E DA CAUSA AFRICANA. SEU AUTOR, LUÍS ROMANO, VIVE HÁ 14 ANOS NO BRASIL.

Nei Leandro de Castro

O único homem que não está armado tem um livro nas mãos.

Os outros, com fuzis e catanas em punho, formam um círculo em torno dele, o chefe, que lê em voz pausada:

“Um menino veio chegando aos berros, dizendo que o pai estava morrendo num fundo, lá embaixo. Lúcio mandou buscar a picareta do moribundo e passou o lápis na boca para avivar a tinta, a cortar inteiramente o nome de Pedro Santos, na folha do ponto. O menino desatou a chorar e foi afastado para não perturbar a chamada.

Seis corpos de trabalhadores foram depositados ao pé do capataz, para ele tomar nota e riscar os nomes, conferindo as ferramentais. O de Pedro Santos, nu, braços estendidos em cruz e olhos vidrados que faziam medo.

Da boca saía espuma onde os moscardos poisavam, embrenhando-se pelas barbas e pelas narinas. As pernas em V, a mostrar a nojeira de um buraco ainda úmido de excremento. Pelas coxas, marcas da diarreia que vitimara Pedro Santos”.

Naquele mesmo dia, quando a noite baixasse sobre a selva da Guiné Portuguesa, aqueles homens partiriam para a guerra. Uma guerra em que estavam há mais de dez anos, pela independência de uma terra subjugada há cinco séculos.

O homem que agora empunhava um livro iria trocá-lo por um fuzil e sairia à frente dos seus companheiros de luta. Talvez não voltasse. E era muito provável que, ao receber um tiro na cabeça ou uma rajada pelo corpo, ele tivesse sua última lembrança voltada para o povo e a terra que aquele livro descrevera com tanto amor e fúria.

O livro de capa amarela, com o título em letras brancas dilaceradas por abutres, se chama “Famintos”. Seu autor: Luís Romano, um caboverdiano nascido na Ilha de Santo Antão, em 6 de outubro de 1922.

O arquipélago de Cabo Verde, formado por dez ilhas, se situa entre a costa ocidental da África e as grandes profundidades do Atlântico oriental. São ilhas de origem vulcânica (em 1951 ocorreram as últimas erupções no arquipélago)

com uma área de pouco mais de quatro mil quilômetros quadrados.

Os compêndios oficiais, particularmente os publicados durante o regime salazarista, dão como irrefutáveis a descoberta e o povoamento de Cabo Verde pelos portugueses, a partir de 1460. Atualmente, teses que defendem a presença anterior de árabes no arquipélago (teriam sido dizimados pelos portugueses) ganham mais força e apoio, já que as pesquisas podem ser desenvolvidas com liberdade.

Cabo Verde, segundo a História de Portugal, foi povoado com europeus da metrópole — algarvios, minhotos, judeus, etc. — e escravos vindos da Guiné, na África vizinha, já então sob o domínio português.

As dez ilhas formam dois grupos. As orientais e meridionais, chamadas de Sotavento, são quatro: de São Tiago, do Fogo, de Maio e Brava. O grupo de Barlavento ou ocidental abrange as Ilhas do Sal, Boa Vista, de Santa Luzia (desabitada), de São Vicente, de São Nicolau e de Santo Antão.

PARDALINHO DA HORTA NA SOLTURA

Luís Romano Madeira de Melo, filho de portugueses, nasceu e passou sua infância na ilha de Santo Antão.

— Fui um boneco bem educado. Quando eu era menino, a minha vida foi como um pardalinho da horta na soltura. Sem sorças nem barbilhos na sabosura da fazenda, a espiar todas as coisas proibidas pela gente grande, a açoitar os segredos pelas frinchas das tarimbadas, a fazer os mandados às avessas, de vontade.

Luís Romano tem uma pronúncia em português que pode confundir com certa influência do francês, língua que ele fala e escreve corretamente. Já testemunhei muitas vezes a explosão de sua ira cabo-verdiana quando aludem ao seu sotaque.

— Meu sotaque é cabo-verdiano, meu idioma é o cabo-verdiano.

A ira aparente se desfaz num sorriso. E, passada a comoção do que ele considera um insulto, Luís Romano pode levar horas falando ou discutindo sobre sua língua materna, língua que possui uma literatura própria (“é isto que torna um idioma autônomo”).

Mas o vocabulário à lusitana (sorças, barbilhos, frinchas, etc.) ficou entranhado nele, por formação cultural e imposição nos bancos escolares.

— A cartilha à portuguesa era o meu tormento dia por dia e o meu pesadelo à noite, com medo do sol nascer. Desde quando veio-me a intuição da vida, minha língua não é aprendida nem praticada. Mas nela é que fui ninado e achei-a falada no nosso Cabo, gemida na nossa morna.

O idioma de Cabo Verde e a morna, sua música popular, tiveram sua divulgação proibida no arquipélago enquanto durou o regime de Salazar. Em sua infância na Ilha de Santo Antão, o menino Luís Romano testemunhou o absurdo destas proibições e guardou também a paisagem de uma terra estéril, de um povo faminto e oprimido. Fez descobertas que passaram a incomodar sua adolescência.

— Fiz descobertas. Eu era qualquer coisa mais do que aquilo que queriam meus pais. Eu era um menino esfomeado e deus não era

Deus, era uma arca de pão e lágrimas de mel. Então, destruí deus — a caixa de vidro cheia de pão, cheia de mel.

Dessa infância ele evoca também a descoberta do sexo, um traço bem marcante no escritor e no homem. Me lembro de um conselho seu, numa daquelas conversas intermináveis na varanda de sua casa, em Natal, onde o conheci em 1962.

— Quando você estiver só numa cidade estranha, procure uma puta para lhe fazer companhia.

Deu uma baforada no cachimbo e continuou, muito sério:

— As melhores companheiras de um estrangeiro sozinho são as putas. São excelentes, desde que você saiba cuidar delas. Em qualquer cidade onde você chegue, escolha uma “democrata” (gíria de prostituta, em Cabo Verde), pegue sua mão e saia a caminhar com ela pelas ruas. Leve-a a restaurantes bons, a boates, a todos os lugares em que você entraria com sua mulher, sua noiva ou namorada. No começo, claro que ela vai estranhar. Mas depois que se refaz do medo e do susto de estar recebendo tratamento humano, ela será a melhor companheira do mundo. São umas santas, rapaz.

MARIA PRETINHA

A sensualidade em Luís Romano é tão forte quanto a sua carga de idealismo, que jamais arrefeceu em 28 anos de andanças e exílio. Suas lembranças mais remotas são igualmente para a miséria do seu povo e para as delícias do sexo recém-descoberto. Com encantamento, ele relembra Maria Pretinha, seu primeiro amor.

— Um dia de noite, Maria Pretinha veio buscar-me lida e ficar mais eu. Ela ensinou-me tudo que sabia e eu já tinha sonhado. Ela deu-me tudo que tinha para dar e nos demos a mão da palavra jurada de guardar o segredo até o dia que o mundo acabasse! Foi Maria Pretinha que me abriu o entendimento, acordou-me o gozo do corpo, quebrou-me o cabresto, engrossou-me a fala, levantou o meu espírito, esmalhou-me os meus botões encaroçados, eu que era um rapaziño medroso, sem ainda intuição nas asneiras da mofineza.

Quando o adolescente deixou a Ilha de Santo Antão para cursar

o liceu na Ilha de São Vicente, a despedida dos amantes foi dolorosa. No cais, diante de toda família (“Maria Pretinha tinha mais viço e saúde que as minhas primas ricas de lá da Fajã”), a negrinha, cria de casa, rompeu sua condição de escrava.

— Maria Pretinha chorou, dependurada em mim, sem vergonha de nada. Depois, meteu a mão no seu corpinho e tirou, desencovado de lá, um lencinho de mão onde ela tinha aparado três pingos de sangue. Ela deu-me o lenço, para que eu lembrasse de uma vez a ventura a que nós ficamos amarrados no primeiro encontro.

Diante de revelações como esta, D. Maria José — com quem Luís Romano é casado há 30 anos e com quem teve um casal de filhos — tem uma reação muito própria. Esboça um sorriso tímido, balança a cabeça e comenta:

— Ah, esse Luís. Este homem não se emenda.

O ADOLESCENTE

O adolescente fez o liceu em São Vicente, onde teve o seu primeiro emprego, numa fábrica de cigarros. Depois, na Ilha do Sal, fez estágio numa indústria salineira e trabalhou numa companhia de aviação italiana. Aos 19 anos, se recusou a servir ao exército português: sabia que ia ingressar num exército expedicionário colonial e, como soldado, jamais teria coragem de matar um irmão.

A partir daí, começaram as dificuldades. Foram anos difíceis, sem emprego, mas também o começo de pôr no papel a história do seu povo. “Famintos” é escrito nessa época e lido em manuscrito, por um círculo muito exclusivo de amigos, entre eles alguns colegas de liceu que mais tarde seriam líderes na guerra de independência de Guiné e Cabo Verde.

Quando a polícia política de Salazar começou a fechar o cerco em torno dele, Luís Romano entrou clandestinamente num navio de carga francês. Descoberto tão logo o cargueiro zarpou, o comandante francês decidiu o rumo de sua vida: em vez de entregá-lo à polícia portuguesa, lhe ofereceu um emprego em Marrocos, numa indústria de sal que precisava de técnicos.

TÉCNICO SALINEIRO

O conhecimento de Luís Roma-

no sobre técnicas de sal era quase nenhum, limitava-se a um estágio de curta duração. Mas, em pouco tempo, ele se destacou na Societé Schéréffiënne de Sels, suprimindo a falta de conhecimento com um esforço sobre-humano, aliado a uma curiosidade espantosa acerca de tudo que lhe chega como desafio intelectual. E dentro de alguns anos ele se tornaria um dos mais respeitados técnicos salineiros do Marrocos francês. O ex-fugitivo era agora o Dr. Melo, tecnicien en sel, a quem a firma Henrique Lage, em 1960, faria uma excelente proposta de trabalho. Destino: as salinas de Macau, no Rio Grande do Norte, Brasil. Salário invejável para qualquer técnico de renome.

Em Marrocos, Luís Romano passou pelas salinas Lac Zima, Dessenon e Taza, de 1947 a 1960. Ele olha para o passado e não recorda uma só vez os sucessos da profissão. Antes, escuta a hora amarga dos desertos africanos, revê a paisagem, os homens no trabalho escravo, como "camelos mudos, serenos e fatalistas".

— Marrocos-Sertão — diria mais tarde — é opressor, duro, sempre triste. Vivo como um selvagem no meio dos motores. No meu peito há cravos de arame farpado. Não posso mais avançar, a noite acaba-se aqui. E de novo eis-me homem-motor, construindo enorme pirâmides de sal.

A mesma paisagem — ofuscante, monótona, impiedosa — ele vai encontrar nas salinas de Macau, um dos maiores produtores salineiros do Brasil. O sal de Macau é sua riqueza e sua miséria, glória e decadência da pequena cidade na região oeste do Rio Grande do Norte. A cidade inteira se sustenta das salinas. E o sal, como um deus cruel e implacável, cobra dízimos muito altos de todos os seus habitantes. A salubridade excessiva transforma em velhos enrugados homens de trinta anos. Cega-os a claridade do sol refletido na paisagem branca. O reboco das casas é devorado lentamente, eternamente, até surgirem seus esqueletos de tijolos. E a cidade permanece imutável em sua pobreza, embora nela estejam localizadas algumas das maiores e mais ricas indústrias do país.

Um comentário malicioso afirma

que as salinas de Macau comem até a virgindade das meninas de lá.

Marrocos-Sertão Macau é uma só paisagem interior do poeta, contista, romancista e etnógrafo Luís Romano. Mas o técnico existe, é um fato real. Quando chega ao Rio Grande do Norte, ele encontra salinas que produzem 75 mil toneladas. O Dr. Melo inicia a mecanização da extração do sal. Inventa, ele mesmo, um dispositivo mecânico que impulsiona e acelera a produção, que chega a atingir as 600 mil toneladas. Em 1962, os mil olhos de Matarazzo se voltam para este homem silencioso, distante, com idéias esquisitas, mas produtivo. Vem o contrato de trabalho com as Indústrias Reunidas Matarazzo, para o cargo de diretor de salinas, que Luís Romano vai ocupar de 1962 a 1967.

A empresa lhe dá mansão em Natal e um avião em que ele volta das salinas para a capital do Rio Grande do Norte, nos fins-de-semana. Do primeiro contato com o novo emprego, restou na lembrança uma autocrítica amarga:

— O sol a pino tostava as carnes na braseira circular, desfigurando os salineiros em espantalhos de farrapos. Havia o estroncar dos instrumentos, o retesar dos músculos, as mãos crispadas empunhando pás, os pés desnudos ferindo-se nos cristais de sal, a sede física, a sede imensa de muita coisa. Havia o pensamento assassinado, a vida morrendo aos poucos e a libertação longe da realidade. "Achei tudo lindo!", disse, ao apertar a mão do chefe-negreiro daqueles condenados.

UM CABO-VERDIANO EM NATAL

O bairro de Petrópolis, em Natal, é um dos mais aristocráticos da cidade. Na avenida Hermes da Fonseca, a principal rua desse bairro, numa casa de dois pavimentos, mora o Dr. Melo, diretor de salinas das Indústrias Reunidas Matarazzo. O alto funcionário trabalha de segunda a sexta-feira em Macau e passa os fins-de-semana na cidade. Em Natal, ele vive a maior parte do seu tempo trancado num vasto escritório entulhado de livros e papéis. Ali, o Dr. Melo desaparece e surge o escritor cabo-verdiano Luís Romano, em seu trabalho infatigável de levantar o que ele chama de a "história do meu povo". Foi nes-

se escritório onde o romancista deu os últimos retoques no livro que, em 1947, era lido em manuscrito por um pequeno grupo de cabo-verdianos idealistas, no embrião da luta contra o jugo colonial português.

Como a cidade de Natal não dispunha de condições para a publicação de "Famintos", Luís Romano viaja ao Rio e acerta sua publicação, autofinanciada, através da Editora Leitura. "Famintos" é publicado em 1962. Luís da Câmara Cascudo, um dos apresentadores do livro, registra o perfil do homem e do escritor: "Alto, forte, ombros de gladiador romano, lembra àqueles pilotos da Ligne, como Mermoz e Saint-Exupery, a fortaleza serena, o ânimo inarredável, a consciência da vontade".

Mas o livro que iria correr mundo, ser traduzido para o inglês, o russo, o italiano e o francês, passa quase despercebido em Natal. Ninguém parece notar a sua importância na luta de libertação que já surge na África portuguesa. A África está muito distante, o sonho de liberdade parece inatingível, mas alguém comenta, na orelha do romance: "O seu autor, entretanto, continua tranqüilo e convicto de que escrevendo 'Famintos' terá oferecido ao mundo uma visão da realidade em sua terra e contribuído com alguma coisa para que seu povo encontre o caminho da liberdade, que há de vir, como uma fatalidade histórica, mais cedo ou mais tarde". Fatalidade histórica, doze anos depois das palavras escritas pelo folclorista Veríssimo de Melo, o sonho da liberdade de Cabo Verde começava a ser real e palpável.

BÍBLIA DA CAUSA AFRICANA

"Famintos" não passa despercebido pela repressão salazarista. O livro é proibido de entrar em Portugal. Mesmo assim o autor consegue fazer chegar ao continente português e às colônias de ultramar cerca de dois mil exemplares. A guerra de libertação já está deflagrada em Guiné, Angola e Moçambique e o romance — que seria chamado de "a bíblia do proletariado e da causa africana" — é lido nas clareiras da selva, em vésperas de combates, para motivar os homens que fazem a guerra contra o colonialismo português.

Certa vez, alguém procurou a editora de "Famintos" e comprou o

que restava da edição, cerca de 500 exemplares. Romano nunca teve dúvidas de que aqueles livros jamais foram lidos. Teriam sido comprados e destruídos por agentes da Pide no Brasil.

— Estamos cercados de pides — ele costumava dizer àqueles em que acreditava poder confiar. — Eles são muito mais numerosos e mais espertos do que qualquer um de nós pode julgar. Trata-se de uma máquina azeitada, com peças renovadas, trabalhando há quase meio século.

Muitas vezes o encontrei na varanda de sua casa, sozinho, o cachimbo na boca (“o cachimbo é o meu melhor e mais fiel confidente”) e de olhos fechados. Parecia estar muito distante, embalado pelo vaivém da cadeira de balanço. Talvez estivesse naquela hora combatendo, à sua maneira, um momento de descrença. Um conselho do poeta:

— Quando se sentir inquieto — há momentos de descrença e outros de fanatismo — feche os olhos docemente e viva aquilo que naturalmente lhe vier aos sentidos.

O GOURMET

Ao abrir os olhos, surgia o homem que nunca se permitiu demonstrar cansaço ou desilusão. Na manhã de sábado ou domingo, o anfitrião e gourmet lançava à queima-roupa o convite irresistível:

— Hoje almoças comigo uma cachupa.

Na mesa, o epicurista Luís Romano é uma curiosa mistura do francês requintado, do árabe glutão e do cabo-verdiano e nordestino de mesa farta. Nos 13 anos que viveu em Natal ele adquiriu ou desenvolveu o costume de não permitir que o convidado se levante da mesa antes de serem consumidos todos os pratos servidos. A cachupa, comida típica de Cabo Verde, é um cozido de milho preparado com toucinho, carnes e legumes. Vem para a mesa em grandes travessas e Romano toma a iniciativa de servir. Se você como devagar, ele grita, entre um bocado e outro:

— Não comes nada, rapaz. Que negócio é esse? Na minha casa, tens de comer igual a mim ou mais do que eu.

Se você esvazia o prato, ele o renova sempre, principalmente se o prato servido é a sua cachupa, com gosto de infância, que ele um dia

comparou à própria língua do arquipelago:

— A nossa língua é cria de uma mistura de gente, colhida numa só cachupa de um pilão de família.

Essa sua maneira franca e generosa de receber o aproximou de muitos natalenses, particularmente em volta de sua mesa, nos fins-de-semana. Recém-chegado, ele renunciou a muitos sábados e domingos de trabalho para formar um círculo de amizade. Saía do casulo, do intenso trabalho intelectual, para comer, beber e trocar idéias com os natalenses. Causeur, Luís Romano conquistou de saída uma grande plateia, com a facilidade com que ele absorve o ouvinte ainda hoje. Gourmet com cursos de cozinha pelo mundo afora, atraiu pessoas para quem um bom prato, um fino canapé ou um camarão ao alho e óleo estavam acima de qualquer reivindicação ou ideal libertário.

Tornam-se conhecidas as reuniões dos sábados na casa da avenida Hermes da Fonseca. Romano recebe com vinhos, queijos franceses e camarões enormes que ele traz de Macau, no avião da firma. Comenta-se, entre algumas pessoas que o frequentam, que ele mantém um viveiro particular de camarões na região salineira onde trabalha. Mas não passa muito tempo para que Luís Romano perceba que muitos vão à sua casa, sob o pretexto de trocar idéias, à procura de um Camembert, de um Chateau Lafite ou guiados pelo cheiro dos seus camarões gigantes. A um acadêmico (Natal é a única cidade do país com duas academias de letras), mais famoso pela sua gula do que pelos livros e discursos que publicou, ele diz:

— Sei que aprecias mais os camarões do que as idéias. E estas eu desconfio que as tenhas.

Outro acadêmico insiste para que ele ingresse na maçonaria. Romano, curioso, passa a questioná-lo sobre as atividades da loja, sua posição, seus princípios e finalidades. Crivado de perguntas a que não sabe responder, o acadêmico lança um argumento que julga irrefutável:

— Olha, Romano, isso tudo que você quer saber é de menos importância. O que vale é que nas quarta-feiras temos uma feijoada espetacular!

— Mas isto é merda — replica Romano. — Daí a duas ou três horas tudo isso vira merda, rapaz.

Os amigos de improviso começam a estranhar a sinceridade daquele estrangeiro. Afastam-se ou são afastados e Luís Romano volta a dedicar mais tempo ao seu trabalho, trancado a chave no escritório.

— Tais-toi. Tu ne comprends rien de politique.

— Ah, papa, tu m'ennuis.

Esse trecho de diálogo, uma repressão em tom bem humorado, pode ser ouvido chez Luís Romano, entre ele e sua filha, Maria Teresa. Os dois se entendem e se desentendem como adolescentes. Maria Teresa sempre deu mais preferência aos estudos de Medicina: a literatura e a política ficaram em segundo plano. Hoje, a Dra. Maria Teresa está em Cabo Verde, como voluntária, preenchendo o quadro ultradeficitário de médicos no arquipelago.

O diálogo em francês é um hábito familiar cultivado durante os 14 anos vividos em Marrocos. Deixando Cabo Verde, Romano procurou manter a língua cabo-verdiana como o meio de expressão da família. Mas os garotos, que receberam educação em língua francesa, logo passaram a adotar o francês em casa. D. Maria José os acompanhou o então Luís Romano viu, dentro da própria casa, desfeito o elo de sua comunicação verbal. Como um bom democrata, foi voto vencido e também adotou o francês nos diálogos caseiros, hábito que permanece até hoje.

— O francês é uma língua terna, sensual, não agressiva. Não serve para expressar ira. Por isso, quando quero dizer palavrão, digo em italiano ou em árabe. Aí, sim.

Mas não foi sem dor e mágoa que ele se viu sem um interlocutor em sua língua materna, em que ele escreve poemas e contos. Seu livro mais recente, “Negrum” ou “Lzimparim”, saiu em edição bilíngüe, português e cabo-verdiano. Mesmo fugindo à nossa percepção, principalmente quando falado, o cabo-verdiano tem um ritmo envolvente, intenso, como neste trecho de poema:

“Mâdergadinha ê de pardal-rej'nó; se viaja ê grande: — ba bô camin! se menina ê nova, compô-l sê sáá;

se menina é mansa dexâ-l só na carã na guintura de cama-de-cancarã". (1)

CIDADÃO FRANCÊS

Em 1958, Luís Romano e toda a família adotam a cidadania francesa. Esta foi a única maneira de entrar em Portugal (e sair ileso), para ver os pais que estavam morando em Lisboa. Foi a última vez que viu o pai ("branco de cabelos dourados, de boa consciência e honrado"). Dez anos depois, eu fui ao bairro de Amadora, a uns 20 quilômetros de Lisboa, visitar o casal de velhos. Entre um gole e outro de Porto, tive de responder a mil perguntas sobre o filho distante e na despedida recebi abraços de forte calor paternal. O pai morreria poucos anos depois. A esclerose, confidenciou-me Luís Romano, fez com que, em seus últimos dias de vida, ele rezasse diariamente pela alma de Salazar, a quem sempre fizera uma silenciosa mas obstinada oposição.

— Quando eu soube disso, chorei feito criança. O monstro conseguiu destruir até a consciência do meu pai.

O Monstro, o prof. Oliveira Salazar, seria retratado assim num epigrama:

"Admirou-se da própria grandeza. Impôs aos oprimidos que dependiam dele

o capricho das idéias sem bases racionais.

Fazia loucuras.

Ele era tudo e foi um monstro."

Em 1967, sem nenhuma explicação, Luís Romano é despedido das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Nunca viria a saber dos motivos que causaram seu desemprego, mas sempre desconfiou que

por trás de tudo podia estar a mão invisível da Pide. A partir daí, saltou de empregos, sempre como técnico salineiro, recusando-se agora a se prender por contratos longos. Aos amigos, ele dizia com convicção que a hora de Cabo Verde e da África estavam bem próximas. Cabo Verde, mais do que nunca, era "terra batendo no meu coração, penhascos no meio do mar, matando e formando sonhos dia a dia".

PORCAS E PARAFUSOS

— O 25 de abril de 1974 foi encontrá-lo numa situação de desemprego, em Natal, aos 52 anos de idade. Sob a euforia do momento, diante das perspectivas abertas ao seu sonho, este aventureiro, já avô, fez as malas e veio morar no Rio de Janeiro. Natal, no seu isolamento geográfico e cultural, não mais servia para os seus fins. Lá, Romano se sentia cada vez mais ilhado, principalmente porque a maioria de sua correspondência já não lhe chegava às mãos. Instalou-se no Rio, com um emprego em Niterói, numa loja de peças para automóveis.

— Veja a que estou reduzido — dizia bem humorado, mas com um pouco de ressentimento. — Hoje estou por trás de um balcão, a vender porcas e parafusos.

Sorria e arrematava:

—C'est dommage... C'est la vie.

De repente, daquela ilha perdida no Atlântico ("Minha terra é um grão de areia que nasceu no mar"), chega um telegrama assinado por um ex-colega de liceu, Aristides Pereira. O secretário do PAIGC convidava para dar sua ajuda ao movimento de reestruturação cabo-verdiana. Poucos dias depois, outro telegrama: um organismo da ONU chama o téc-

nico Luís Romano de Melo para desenvolver as modalidades técnicas necessárias ao parque salineiro de Cabo Verde.

A DOCE VIAGEM DE VOLTA

Parece não haver nada de inesperado em tudo isto. Nos seus 28 anos de exílio, Luís Romano aguardou sempre o momento da volta, nessas condições. Mas a emoção toma conta do aventureiro cinqüentão e o faz parecer um adolescente. Vive ansiosamente todos os minutos que o separam da viagem de volta. Diante dos amigos, não se contém: quando fala dos seus planos, toma a palavra e se surpreende, ele mesmo, fazendo vibrantes discursos, com a voz trêmula e os óculos embaçados pelas lágrimas que ele não esconde e nem sequer enxuga. Quem privou de sua convivência em seus últimos dias de exílio ouviu centenas de vezes os seus planos iniciais em Cabo Verde.

Dizia o técnico salineiro:

— Vou planejar e dirigir o parque salineiro do arquipélago. Atualmente, produzimos 45 mil toneladas de sal. Devo elevar aquilo para meio milhão de toneladas.

Dizia o poeta, idealista, cabo-verdiano e cidadão do mundo:

— Quando descer do avião em Cabo Verde, vou tirar os sapatos e pisar na terra. Vou me ajoelhar e beijar a terra, porque ela é minha mãe, mãe de todo o meu povo. Depois, pedirei um minuto de silêncio por todos aqueles que morreram para que ela um dia fosse livre.

(1) Em português: "A madrugadinha é do pardal-rouxinol; / se a viagem é grande: — Vai teu caminho! Se a moça é donzela, compõe-lhe a saia; / Se a menina é mansa, deixa-a só na epiderme / na quentura da cama de caniço."

O que a CHRIS tem, com desconto, que as outras não têm: Dicionário Aurélio, Graphis Anual, Photo Graphis e Graphis Poster. Na Livraria CHRIS você também encontra todos os jornais e revistas da imprensa nanica, além da coleção completa da revista Escrita.

Av. Paulista, 809 - S. Paulo
Aberta até às 22 horas, inclusive aos domingos.

IBRASA - Livros Que Constroem LANÇOU:

- Guia da Educação Sexual no Lar - Ralph G. Eckert
- Como Alterar o Comportamento Humano - H. R. Beech
- O Incrível Mundo da Física Moderna - George Gamow
- Nova Mitologia Clássica - Mário Meunier

ASSINE O COGUMELO ATÔMICO
12 edições — Cr\$ 20,00
88350-Brusque-SC

LANÇAMENTO DA NOVA ÉPOCA EDITORIAL

RAPTO SEM RESGATE

ROMANZO DE NICOLAS FEELING'S

CARVÕ

Luís Romano



“Estóra de temp q’Inglês ta mandá na Mund”

... p’um fríntcha de porta p’on-de pôv ta passá, um pur um, lá na fund daquéle rua cardíd, tchõ ta rê-vê friáza, t’intchê de tchegador de carvõ, cada um c’sê marmita espun-drád num mõi, e nô t ta segrá sê pá, mas fiád e tá frêrchá que nem na-vaá de barba.

Era um réncia cumprid de cabéça de gente, c’sês quêxada e braç levantád, ôie ta pedí um esmõla de trabái, pa quele Hõme nem tmasse fê nem tençõ, ta dá que pensá c’ma le n’dinha consciêça nem sâng de cristõ de mesma casta. Nem ta pâr-cê de mesma naçõ de famía!

Quem era mas grande ta firmá na bic de sê pê, ta bescá altura, pa ser notád, na mêi daquel’afrota de fala e pintch, pôv espacentád praquê sõi já tinha nicíd e fõa de contratád ta t’intchê num dzend-fazend, justament na derradêr dia de carregament daquele vapor carvoêr.

... paquele gréta d’antrada es ba t’infíá pa ses pont de trabái.

Ái fóra, na rua, quem sbêjá, fcá juntád, moda bitche na c’rral de cõima, cansád e esp’nhád de mõsca de fêrrõ, pquê vontade éra otchá um regõj e um arránj pa güentásse govêrr’ de casa, já q’as-alma-desimpá-rada tinha trizíd quele vapor pa bêsse intchê de carvõ, espõs de tant semána sem um pít na baía.

Quem era mas intíg n’dá cansá de reptí: — “e gõ dzíd c’ma Sam’-cente um dia ta fcá vapor, ta cabá trabái e ta cabá ligria!

Dquiánada pit dá snal pâ c’rregá. Antõ surdí rúma e mas rúma de sác t’esbordá de lingáda, t’interpí carrín de fêrr, pa miêr p’xêsse, de cârcháda, ques corda ta cortás batõ surdí rúma e mas rúma de sác t’esbordá de lingáda, t’interpí carrín de fêrr, pa miêr p’xêsse, de cârcháda, ques corda ta cortás batõ de pêt,

cabéça merguiád pa tchõ, moda boi na canga, naquele andar sujegád e intalád na mêi de dõs linha de férr inficád na cemênt. Éra guindástre ta sbi, ta d’chê carga de péda de carvõ pa dent daquês lantchõna de bandõga estancád, ta blancá naquele mar bõrrád, curbíd d’ázete de máqna e de vez inquant esterçaád na paéta de rebocador.

P’esse banda: mõi de gente, fêt fremínga, ta rmá péda de carvõ na sac, ta levantá quele puêra escúr p’informá um camín escritid na tchõ, confõme ques junta de muêr tá bem ta pintchá ses cárga esbõrdád, desde quintalõ, pa na volta rebocá carrín tchõ de sac basí, num gripassá sem mancõnha.

Quem tava t’oá de longe, ta pensá c’mõ ques gente tinha indudecíd ses cabéça. Dâi de câis é que ta tmád ciêça drêt daquele desuspêr.

Pa mõi-de-báxe: sõ t c h e g a d õ r lambúd na ses pá, ta raspá fund de lantchõ, aonde péda era r’mád na cõssa, pquê guindástre n’dá pará, nem tá temp pa fêzê um cegárr, méme que suôr moásse tud rôpa, qant a mas s’um cámbra nevaásse criatura c’sê fêrráda bó d’zê lume, na lomb semp baxád. Inda pur castíg tinha esse puêra maldit que tá t’antrá pa venta de cada um, ta tapá ôie e bóca, ta tmá fala e fõlg, t’intpí tud’ás portenhõla.

Pa mõi-de-riba: p’xadõr de câb, c’sês lomb clêjád dum cecatriz fêt um limbriga, que fcâs desse corda, sempe ta pxá carr-de-carvõ com’-arêa.

Quem ta antrá gõra modêrr, ta sintí sim c’mê fêrr quente, quele ardume de mlaguêta amõda um sêpênta cindíd e travessád n’alma de cósta, d’um ponta nô t. Tá sintí, ma tá rebocá sem rãméd nem ô t ricúr-se, fêt boi ô degradád condênád na pó d’almanjárra, ses nembre e nêrv’ molestrád, tê enformá marca dum pôstema impêdrád, que ta fcá pa

sempe da vida, nas ses cõp ingçád de viúra.

Sem gente tmá fê, mund ta vrá ô t cõsa: tud escúr, ôie já nada, pur assim dizer, tá oá na fund de lântcha; trãbzána de ferramenta tá tapá ronquêra d’impulmõ, cada mõi incravád na cab de sê pá, cristõ fí de malparida esquecíd num pêsadél, aonde raméd que tinha era espêjá carvõ, espêja fitív, sim c’ma máqna, tmalavez tê tá fri c um lãnhe, des- contra vontade, sê cumpanhêr que tâi méme e ninguém tá oá na dritura.

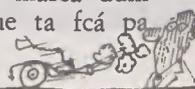
Barriga de déd tá platchí; palma de mõi tá inclêjá tê fcá sem sintí dôr; cada qual desespêrad pa cabá sê tarêfa, sanháda na pá, braç num firuzura ta trabáa ele só, sem pecezá ser tmád cõnta, moda s’ele saísse de otrum cristõ.

Dent daquês lantchõna, bó dzê ca-tumba de férr, n’dêm quem é amig. É purjá lionád pa cada um safá sê vida, pêquê um dia de trabái é muta cõsa na caldêra dum probrêza.

Quem é frac ta fcá p’atras. Guindástre n’dá cansá e imbarq e saída de carvoêr é marcad n’arrelõge, ântes méme que vapõr btá fêrr’ na fundiadõr.

Qand sirêna de Cumpaínha ta pitá hora d’escânse, tud marmita t’estapá num afronta de meníne fõmênt. É posta de pêxe frit, é tchitchárr intêr pa cmê c’arroz, ô antõ catchúpa guisád na tucín e batata dôce. Puêra ta proveitá d’antrá na tud cõsa e ta bem câi na bõcád pa güêla abáxe, num costmár da vida, aonde que pêcadõr ta matá sê fome depressa, c’sê línga já pirdíd saíb de gõsto de tempêr. Cõrp sõ ta pdi escânse, limpêza e um sõne pêsád p’esquecê tant cansêra que t’escandongã-l na-quêl’estrompadura.

Qand vontade de cmê tá passá, espõs, gente t’oá pa sê cumpanhêr. Cada cuspada é prêt e impapád cmõ lecatrõ. É percíse mut dia passá pa desimpatchá estámb daquéle gõsma ingrudad pur dent.



CARVÃO

Luís Romano

(Tradução em português aproximado)

= estória do tempo em que o Inglês mandava no Mundo =

... por uma frincha da porta por onde o povo passava, um por um, lá no fundo daquela rua encardida, o chão a rever friagem a encher-se de chegadores de carvão, cada um com a sua marmita dependurada numa das mãos, e noutra a segurar sua pá, mais afiada que nem navalha de barba.

Era um renque comprido de cabeças de gente, com suas queixadas e braços levantados, olhos a pedir uma esmola de trabalho, para aquele Homem nem tomasse fé nem atenção, a dar que pensar como ele não tinha consciência nem sangue de cristão da mesma casta. Nem a parecer da mesma nação da família!

Quem era mais grande firmava nos bicos dos seus pés, a buscar altura para ser notado, no meio daquela afronta de falas e pinchos, o povo impaciente porque o sol já tinha nascido e a folha dos contratados estava a encher-se num dizendo-e-fazendo, justamente no derradeiro dia do carregamento daquele vapor-carvoeiro.

... por aquela greta da entrada eles foram, a enfiar para os seus pontos de trabalho.

Aqui fora, na rua, quem sobejou ficou ajuntado, a modos de bicos no curral de coima, cansado e espinhado de moscas de ferrão, porque a vontade era achar um refúgio para agüentasse o governo da casa, já que as almas-desamparadas tinham trazido aquele vapor para que viesse encher-se de carvão, depois de tantas semanas sem movimento na baía de Porto Grande.

Quem era mais antigo não cansava de repetir:

— Agora é dito como Sam Vicente um dia ficava sem vapores, a acabar o trabalho e a acabar a alegria!

Daqui a nada o apito deu sinal para carregar: — então surdiram rumas e rumas de sacos a desbordar

das lingadas, a entupir carrinhos de ferro, para que mulheres puxassem, aos cachos, aquelas cordas a cortar a elas os botões dos peitos, suas cabeças mergulhadas para o chão, a modos de bois na canga, naquele andar subjugado e entalado no meio de duas linhas de ferro fincadas no cimento. Eram guindastes a subir, a descer cargas de pedras de carvão para dentro daquelas lanchonas de bandouga estancada, a balançar naquele mar borrado, coberto de azeite de máquinas e de vez em quando estراçalhado nas palhetas dos rebocadores.

Para esta banda: mãos de gente, feito formigas a arrumar pedras de carvão nos sacos, a levantar aquela poeira escura para enformar um caminho escrito no chão, conforme aquelas juntas de mulheres vinham a pinchar suas cargas a desbordar, desde o quintalão, para na volta rebocarem cheios de sacos vãos, num vaivém sem manquejar. Quem estava a olhar de longe pensava como aquelas gentes tinham endoudecido suas cabeças. Daqui do cais é que tomava-se ciência, direito, daquele desespero.

Para a mão-de-baixo; só chegadores alombados nas suas pás, a rasparem o fundo dos lanchões, a onde pedras eram arrumadas no cosso, porque os guindastes não paravam nem estavam a dar tempo para fazer um cigarro, mesmo que o suor molhasse toda a roupa, quanto mais se uma cãibra nevalhasse a criatura com a sua ferrada, tu dizias lume, no lombo sempre abaixado. Anda por castigo tinha essa poeira maldita que entrava pelas ventas de cada um, a tapar olhos e bocas, a tomar a falta e o fôlego, a entupir todas as portinholas.

Para a mão-de-riba: puxadores de cabos com seus lombos calejados de uma cicatriz feita uma lombriga, que ficou neles dessa corda, sempre a puxar de carvão, anos como areia. Quem entrava agora modernamente, sentia, assim como ferro quente, aquele ardume de malagueta, a modos de uma serpente acendida e atravessada na alma das costas, de uma ponta noutra. Sentia mas rebocava sem remédio nem outro recurso, feito boi ou degredado condenado no pau-de-almanjarra, seus membros e nervos molestados, até enformar a marca de uma apostema em

pedrada que ficava para sempre da vida, nos seus corpos enguichados de velhice.

Sem a gente tomar fé, o mundo virava outra cousa: tudo escuro, os olhos já nada, por assim dizer, olhavam no fundo das lanchas; a trabuzana das ferramentas a tapar a ronqueira dos pulmões, cada mão encravada no cabo da sua pá, os cristãos, filhos-de-malparida, esquecidos num pesadelo aonde o remédio que tinham era despejar carvão, despejar efectivo, assim como máquinas, talmalavez até a ferir com um lanho, contra a vontade, seu companheiro que está aqui mesmo e ninguém olhava na direitura.

A barriga dos dedos a "aplatir"; a palma das mãos a calejar até ficar sem sentir dor; cada qual desesperado para acabar sua tarefa, assanhado na pá, o braço numa ferocidade a trabalhar ele só, sem precisar ser tomado conta, como se ele saísse de outro um cristão. Dentro daquelas lanchonas, vós dizeis tumbas de ferro, não tem quem é amigo. É pelejar aleonado para cada um safar a sua vida, porque um dia de trabalho é muita coisa na caldeira de uma pobreza.

Quem é fraco a ficar para atrás. Os guindastes não cansam e o embarque e a saída do carvoeiro são marcados no relógio, antes mesmo do vapor botar o ferro no fundeador.

Quando a sereia da Companhia apitou a hora do descanso, todas as marmitas a destapar numa afronta de menino faminto. É posta de peixe frito, é chicharro inteiro para comer com arroz, ou então cachupa guisada no toucinho e batata-doce. A poeira aproveitava de entrar em todas as cousas e vinha cair no bocado para a güela abaixo, num acostumar de vida, aonde que o pecador matava a sua fome depressa, com sua língua já perdida o saibo do gosto e tempero. O corpo só pedia descanso, limpeza e um sono pesado para esquecer tanta canseira que a ele expandongava naquela estrompadura.

Quando a vontade de comer passava, depois, a gente olhava para o seu companheiro. Cada cusparada é preta e empapada como alcatrão. É preciso muito dia passar para desempachar o estômago daquela gosma grudada por dentro.



Setembro de 1878 ia em meados, e não apareciam no céu límpido, de azul polido e luminoso, indícios de auspiciosa mudança de tempo. Não se encastelavam no horizonte os colossais flocos a estufarem como iriada espuma; nem, pela madrugada, cirros, penachos inflamados, ou, em pleno dia, nuvens pardacentas, esmagadas em torrões. À noite, constelações de rutilante esplendor tauriavam o firmamento, e a lua percorria, melancólica, a silenciosa senda.

Como que se percebia no abismo do espaço infindo a eterna gestação do cosmos, operoso e fecundo, em flagrante criação de mundos novos. E, na gloriosa harmonia dos astros, na expansão soberba da vida universal, a terra cearense era a nota de contraste, um lamento de desespero, de esgotamento das derradeiras energias, porque o sol sedento lhe sorvera, em haustos de fogo, toda a seiva.

Olhares ansiosos procuravam, em vão, o fuzilar de relâmpagos longínquos a pestanejarem no rumo do Paiuí, desvelando o perfil negro da Ibiapaba. Nada; nem o mais ligeiro prenúncio das chuvas de caju.

O sertão ressequido estava quase deserto: campos sem gados, povoações abandonadas. E a constante, a implacável ventania, varrendo o céu e a terra, entrava, silvando e rugindo, as casas vazias, como fera raiosa, faminta, buscando e rebuscando a presa, e fazendo, com pavoroso ruído, baterem as portas de encontro aos portais, num lamento tom de abandono.

As pastagens de reserva, nos pés de serras, protegidas por espessa faixa de catingas impenetráveis, onde se criavam famosos barbatões bravios, haviam sido devoradas ou estruídas e pesteadas pela acumulação de rebanhos em retiradas numerosas. E, a grande distância, sentia-se o fedor dos campos infeccionados por milhares de corpos de reses em decomposição.

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos-d'água, mananciais que nunca haviam estanca-

do, já não marejavam.

Os socorros, distribuídos pelo Governo, não podiam chegar aos centros afastados, por falta de condução, ou eram os comboios de víveres assaltados por bandos de famintos, malfeitores e bandidos, organizados em legiões de famosos cangaceiros.

Em tão aflitiva conjunção, era natural que os retirantes, por instinto de conservação, procurassem o litoral, e abandonassem o sertão querido, onde nada mais tinham que perder; onde já não podiam ganhar a vida, porque à miséria precedera o fatal cortejo de moléstias infecciosas, competindo com a fome e a sede na terrível faina de destruição.

Luzia encontrara em Sobral abrigo e fáceis meios de subsistência; mas pressentia iminente perigo no capricho ou paixão brutal de Crapiúna. Era forçoso procurar outro refúgio, e por isso espreitava, ansiosa, os mais ligeiros sintomas da moléstia da mãe, sinais de melhora, para empreenderem a anelada viagem aonde a distância a preservasse dos contínuos sustos e vexames afrontosos. Não confiava no projeto de mudança para a ladeira da

“Luzia-Homem” é uma das mais marcantes personagens femininas da literatura brasileira. O cearense Domingos Olímpio (1850-1906) publicou seu romance — o primeiro da seca, como observou Lúcia Miguel-Pereira — em 1903.

Mata-Fresca, dependente de condição, que não resolvera ainda aceitar, além de que, ficaria a duas léguas, apenas da cidade.

Ja não ia, diariamente, ao trabalho. Ficava em casa, tratando com desvelado carinho, a pobre mãe, cada vez mais trôpega. Felizmente, o capitão João Braga lhe abonava as rações, e Alexandre não se descuidava de repartir com elas quanto ganhava, apesar de relutante recusa, oposta à sua espontânea generosidade. Ele vivia folgadamente, porque passara de apontador a fiel do armazém, onde havia grande depósito de mantimentos e todos os valores do almoxarifado. Tinha de mais para si, e doía-lhe no coração não poder aliviar as necessidades dos pobres, seus companheiros de infortúnio.

Um dia, pela manhã, encontrou Luzia desanimada: a mãe passara mal a noite, inquieta, afrontada, como se lhe apertassem o peito ou não houvesse bastante ar respirável no estreito quarto.

— Deus não quer, filha — dizia a velha com o seio ofegante e mal articulando as palavras. — Deus não quer... Seja feita a sua... santa... vontade...

— Mãezinha tem tido isto tantas vezes — ponderava Luzia, afetando serenidade. — Isto é puxado... Cheire este frasco...

— Parece que tenho ar encausado... aqui... Olha, sinto uma bola... qualquer coisa que me tapa o fôlego. Abre bem a porta... Abana-me... Se eu tomasse o vomitório de papaconha...

— Como está, tia Zefinha? — inquiriu Alexandre, chegando à porta do quarto.

— Como quem está se acabando... Ai Jesus!... Que aflição!...

— Por que não toma aquela garrafa que o doutor receitou?...

— Tenho medo... Disse-me a Chica Seridó que tem veneno... doreto...

— Então ela sabe mais que o doutor?!... Tome, experimente...

— Ah, Alexandre; já pedi, roguei, não sei mais que fazer para mãezinha tomar a receita — observou Luzia, quase em lágrimas.

— Há de ser o que Deus for servido...

— Mas tome sempre, tia Zefinha. Faça-me esta vontade. É para seu bem...

— Enfim — concluiu a velha condescendendo — vá lá... No meu estado, só um milagre... Não quero que você diga que não o atendi antes de morrer...

E tomou uma colher da poção, administrada pela filha.

— Aqui está na garrafa — disse Alexandre repetindo o que estava escrito no rótulo — uma colher das de sopa antes de cada refeição. Quando voltar do serviço, quero encontrar vosmecê aliviada. Adeus, Luzia! O sol já está alto. Vou andando... E eu que devia estar no armazém às seis em ponto...

Desde o dia em que foram alvo das chufas da malta de vadias, capitaneadas pela Romana, Alexandre apenas uma vez pedira a Luzia, com muitos rodeios e acanhamento, resposta à proposta de casamento. Ela, porém, nada lhe respondera, limitando-se a, com um gesto de desânimo, indicar-lhe a mãe, como se a doença dela fosse invencível obstáculo.

Occultava ao moço, resignado, nutrido de esperanças, o haver recebido cartas de Crapiúna, cada qual mais apaixonada, cada qual mais recheada de expansões de amor, acrisolado pela resistência; todas salpicadas de alusões iradas ao outro mais afortunado, e ameaças de não poder sofrer os estos de ciúme que o devoravam, ou de acabar com a própria vida, porque para ele só havia Deus no céu e ela na terra.

Ao menino, que lhe levava as cartas, Luzia respondia invariavelmente: — “Diga a esse homem que me deixe sossegada, que não se meta com a minha vida!” Mas, por um impulso de curiosidade, muito humano e sobretudo muito feminino, tivera a frequência de lê-las, o que ela considerava uma vergonha, senão crime injustificável. Também não ousara contar a Alexandre que o soldado havia aparecido várias vezes na residência. Uma noite passava ele com o Belota e tivera o atrevimento de fazer-lhe uma serenata cantando à viola, quase no terceiro da casa, modinhas e canções eróticas que terminavam nesta saudosa endeixa:

“Vou me embora vou me embora,
Como fez a saracura;

Bateu asas, foi cantando:
Mal de amores não se cura!...”

Ouvindo-o Luzia tremia de indignação e terror, suspirando de alívio, quando se sumiu ao longe o pesqueiro batido, acompanhando a voz fanhosa de Belota, a cantar:

“Quem quiser ser bem querido,
Não se mostre afeiçoado,
Que o afeto conhecido,
É sempre o mais desprezado.”

— Não sei como essa gente ainda tem coragem de cantar — gemia a velha Zefa. — É uma falta de coragem...

Pouco depois da partida de Alexandre, prometendo voltar cedo com o doutor Helvécio Monte, surgiu o pequeno mensageiro com uma carta, que deixou sobre o pilão, por ter Luzia recusado recebê-la. Entretanto, não pôde ainda resistir à curiosidade, e reincidiu na culpa nefanda de abri-la. E leu:

“Minha Santa Luzia — Esta tem por fim unicamente, dizer-lhe que se há de arrepender da sua ingratidão e quem lhe diz isto é o seu amante fiel até a morte — Crapiúna.”

— É preciso acabar com isto, custe o que custar — murmurou a moça inflamada de cólera. — Este malvado me há de desgraçar...

Passou o dia preocupada, e procurando espairar com desvelos à mãe, mais acalmada com a poção de iodureto de potássio, o venenoso remédio, que, na opinião da Seridó, fazia apodrecerem os ossos, caírem os dentes e pôr o estômago em carne viva, quando seria mais eficaz a purga de mel de abelha e um emplastro de sabão da terra com um pinto pisado vivo; ou com o vomitório de cardo-santo, chá de erva-doce para desempachar o ventre, e raiz de pega-pinto por causa da retenção de urinas.

— Com esses remédios sarara a defunta Desidéria — afirmava a feiticista — que padecia de um puxado com apertos do coração e uma dor que lhe tomava o fôlego, respondia — lá nela — nas cruces e alastrava pelo braço esquerdo, que às vezes ficava esquecido. Vivera a enferma muito tempo, trabalhando



como uma negra, apanhando sol e chuva; e, se não fora uma ataque violento que não deu tempo para nada ainda estaria vivendo, com a graça de Deus. Remédio de botica havia levado muita gente desta para melhor vida.

Luzia inquietava-se com a demora de Alexandre, que era pontual à hora do jantar, servido sobre uma tosca mesa improvisada com uma tampa de caixão de pinho, apoiada em quatro forquilha.

O sol descambava deixando as cumeadas áridas da serra do Rosário, quando apareceu Teresinha quase a correr e de semblante apavorado.

— Que foi? — perguntou Luzia sobressaltada. — Que aconteceu? Que é do Alexandre?...

Teresinha tomou-lhe do braço, levou-a para fora do alpendre e disse-lhe, com voz sacudida de tristeza:

— Uma desgraça!...

— Brigaram? — inquiriu Luzia ansiosa, encarando no semblante da moça ruiva para lhe apreender a misteriosa notícia.

— Imagina que eu voltava da obra, e, quando dei por mim, foi

com a gralhada de Romana, aplaudindo com as parceiras. Aquelas não-sei-que-digariam como doidas varridas. Uma dizia: foi bem feito! A outra resmungava: Bulir com o de-comer dos pobres!... Que miséria!... Se fosse só feijão — grazinava a deslambida da Romana. — Meu Deus, perdoa-me... Passou as unhas no dinheiro. Quem houvera de dizer — rosnava a Joana Cangati, aquela sirigaita, que tem o bucho caído — que aquele sonso...

— Mas... que aconteceu, mulher de Deus?

— Cheguei-me a elas e soube então... Imagina como fiquei estatelada, e caí das nuvens quando me disseram que Alexandre estava preso...

— Preso!... — exclamou Luzia aterrada. — Preso?!... Preso por quê?...

— Foi o que perguntei. Então a avoadada da Romana começou a caçoar: "Ora, o moço precisava preparar-se para o casório; não teve dúvidas; passou a mão..."

— Mas... é mentira!...

— Eu também tenho Alexandre em conta de pessoa incapaz de se sujar com o alheio; mas a verdade

é que foi preso e lá está, na casa da Comissão, com o Delegado...

— É impossível, Teresinha. Você não acha que Alexandre é incapaz de tamanha miséria?...

— É o que lhe estou dizendo, minha camarada. Está preso e não tem quem puna por ele: todos o acusam, porque tinha a chave do armazém; apareceu hoje fora de horas...

— Oh! Meu Deus! Era só o que faltava! Juro que é falso! Caia eu morta, se não tenho certeza do que digo.

E, dirigindo-se, firme e resoluto, ao quarto, abrigou-se no amplo lençol branco, dizendo à mãe, surpreendida pelos modos agitados:

— Volto já, mãezinha... É um instantinho... Teresinha fica...

Sem atender às observações da velha, passou rápida ao alpendre, e suplicou:

— Você faz companhia àquela pobre... minha amiga. Faça-me esta esmola pelo amor de Deus...

— Que vai fazer?

— Não sei... Deixe-me...

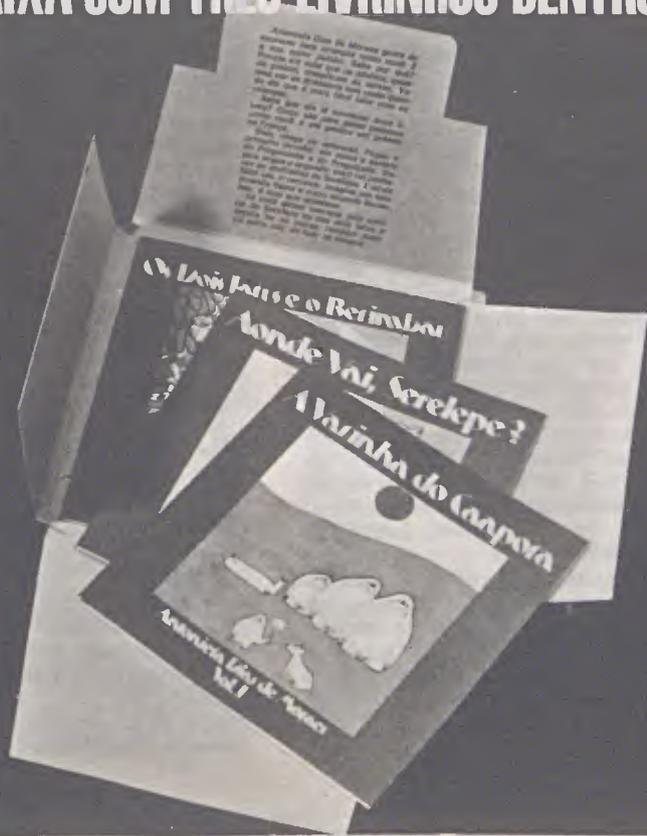
Com um movimento violento desvencilhou-se de Teresinha, que tentara detê-la, e partiu em desvaivada corrida.

A VARINHA DO CAAPORA É UMA CAIXA COM TRES LIVRINHOS DENTRO. PARA CRIANÇAS DE 7 A 70 ANOS.

Nas Livrarias ou por Reembolso Postal.
Pedidos à Vertente Editora Ltda.
R. Monte Alegre, 1434.
05014 — S. Paulo (SP)



Cr\$ 30,00



OS CINCO PREMIADOS DO PARANÁ

APRESENTAÇÃO

Affonso Romano de Sant'Anna

Começo por dizer que eram 2.535 contos escritos por 845 candidatos e que, diferentemente do que sucede em certames como esse, a comissão julgadora leu todos e releu várias vezes muitos deles. A tal ponto que muita vez o diálogo era, de memória, em torno dos números de inscrição dos candidatos: — O que acha do 787? — Bom, acho que o segundo conto é fraco, e o 577? — Sim, o primeiro conto é bom, mas os outros... Parecia jogo de víspera: bastava cantar certos números e os julgadores dissertavam sobre as características do texto, de cor.

— Se o resultado foi justo? Bom, isto já é outra estória. Foi o resultado possível. Pessoalmente gostei de ver Sérgio Gesteira tirar o primeiro prêmio. Seus três contos — “A Montanha do Galo Interrompido”, “Crianças para Doer” e “Formosa dos Paraquedas” pareceram-me bastante inventivos em diversos níveis: 1) inova a língua conseguindo surpresas contínuas na frase; 2) inova o conceito de personagem, trabalhando mais com metáforas do que com indivíduos subjetivamente configurados; e 3) produz uma narrativa meticulosamente bem urdida que manipula bem a subversão das lógicas espaço-temporais e todas as lógicas cotidianas.

Digo agora algo quase espantoso: entre os cinco jurados — Fausto Cunha, Cassiana Lacerda, João Manuel Simões, Luís Costa Lima e Affonso Romano de Sant'Anna, somente dois coincidiram, inicialmente, na indicação do primeiro colocado. Alguns dos indicados para primeiro lugar em algumas listas não figuravam nem em último lugar na lista de outros. Como explicar tal dissonância? Não são todos (do júri) escritores com alguma prática tanto da crítica quanto da criação literária? É possível que a harmonia de “formação” e “gostos” da comissão julgadora fosse apenas aparente. Sendo assim, isto talvez tenha sido uma virtude: porque nada seria mais insupportável do que uma uniformidade de critérios e gostos. Por exemplo: nada mais injusto do que um júri “vanguardista”, que vai premiar “maneirismos” onde pensa premiar “invenção”. Igualmente, seria lastimável um júri que só preferisse contos regionalistas ou aquelas estorinhas bonitinhas pa-tá-tá, pi-ti-ti, heim-heim-heim, heim-heim-heim.

Dizia-me outro dia Silviano Santiago que está se passando algo raro com a crítica brasileira: de repente, os critérios e “modelos” de julgamento foram renovados. Os desavisados estão perdidos. Já não basta premiar uma obra de “vanguarda” ou “retaguarda” para qualificá-la. Isto não diz muito. Por isto a crítica bra-

sileira atravessa um momento curioso: tirante essas resenhazinhas-por-af-elogiativas, pouco existe de criação sistemática de categorias e valores de julgamento. Dentro das universidades muitos aprenderam a examinar ad nauseam um texto. Mas se lhes perguntarem: afinal, o texto é bom ou não? Não sabem nem como responder.

Os 2.535 contos poderiam ser analisados ainda sob uma outra ótica: poderiam servir para um estudo da linguagem “literária” brasileira hoje. Aí caberiam em diversos escaninhos: muitos escrevendo (“maravilhosamente”) como Guimarães Rosa; outros soando uma perfeita Clarice Lispector; muitíssimos escrevendo como Valdomiro Silveira — José de Alencar — Bernardo Guimarães. Rubem Fonseca também fez escola. A narrativa fantástica está se tornando mais comum. Entre um conto muito bem escrito à maneira de Guimarães Rosa ou Machado de Assis, e um texto pessoal, ainda que com algumas incertezas, sou mais o texto pessoal. E preciso que se entenda que linguagem é um problema de vida ou morte: ou se cria a sua própria ou não se deve pedir ingresso na literatura. Aliás, ingresso pode pedir, mas para sentar atrás de uma cadeira já ocupada, caso o autor não tenha a audácia ou petulância de querer ver o mundo com seus próprios olhos e não através dos olhos (ou da escrita) alheios. Claro que existe um período de aprendizado: Cabral começou pelas mãos de Drummond, num certo momento tanto os poetas da Geração 45 quanto os concretistas escreviam igualmente (não há muita diferença entre Péricles Eugênio da Silva Ramos, Mário Faustino e Décio-Haroldo-Augusto nos idos de 1950, basta conferir).

Parece que o Concurso de Contos do Paraná é o que recebe mais originais em todo o país. Particularmente acho isto positivo. Não vejo como negativo o fato de que tenha separado somente 100 originais para releitura. Um país que tivesse 845 contistas geniais seria insupportável.

De toda essa leitura saí convencido de que se pode e se deve ensinar a “escrever”. O exemplo realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ nos últimos anos, através do Curso de Criação Literária, me parece deveria ser seguido. Num laboratório de texto se aprenderia uma “gramática” inicial da narrativa ou da poesia, se adiantaria o aprendizado através de seminários dinâmicos onde todos expressassem suas idéias e aprendessem (importante) a serem criticados e a defender seu texto. Digo isto, porque grande parte dos concorrentes estava escrevendo de ouvido. E ao que se sabe

os grandes compositores sabiam músicas a fundo. Escrever de ouvido é repetir processos que estão aí pelas antologias e páginas de jornal, geralmente cheirando literatura do século passado, confissões íntimas ou anotações sobre o cotidiano, que cronistas profissionais sabem fazer melhor. Pode-se aprender a “escrever”. Claro que somente os mais bem dotados e obstinados serão grandes escritores. Mas estou convencido, por outro lado, de que nossa literatura está, mais do que nunca, precisada do escritor médio, de milhares de escritores sabedores de seu métier, sem a pretensão de genialidade. Há uma lei da dialética que ainda não foi desmentida: é da quantidade que pula a qualidade. E, para uma cultura, deve ser melhor ter centenas de escritores que saibam eficientemente as técnicas de seu métier do que ter dois gênios isolados e desbalanceados ante o clima geral de indigência mobresca.

O VII Concurso Nacional de Contos do Paraná premiou Sérgio Fuzeira Martagão Gesteira (1.º lugar, carioca), Souza Freitas (2.º lugar, paulista), Antônio César Drummond Amorim (3.º lugar, mineiro), João Agostinho Macedo Gomes (4.º lugar, carioca) e Lourenço Carlos Diaféria (5.º lugar, paulista). O Prêmio Dalton Trevisan para o melhor paranaense classificado coube ao curitibano Luís Fernando Amaral Avi. E o Guimarães Rosa, também oferecido pelo governo do Paraná, para o melhor livro de contos publicado em 1975, foi destinado a Antônio Bulhões, por “Outra Terra, Outro Mar”. Gesteira recebeu Cr\$ 45.000,00 e os demais Cr\$ 15.000,00. Publicamos aqui um conto de cada um dos cinco premiados. A FUNDEPAR pretende, em breve, lançar um volume com os 15 contos.

Fausto Cunha, Affonso Romano de Sant'Anna, Luís Costa Lima, João Simões e Cassiana Lacerda Carollo, foram encarregados de ler 2535 contos e escolher os cinco melhores autores. Julguem também vocês.

FORMOSA DOS PARAQUEDAS



Sérgio Fuzeira Martagão Gesteira

Teria havido uma tribo famosa, de nome Formosa, na região da Cálida antiga. Dedicados à navegação pluvial (o rio de lá era imenso), seus habitantes latiam em dó menor e temiam a força da erosão. Eram de mármore. Cultivavam gatos em enormes aquários e sabiam, de cor, a língua inglesa.

Especialistas em larvas de vulcão, passavam o dia mamando. De noite passeavam por ruas ermas e lamacentas (a lama de lá era imensa) e quase nunca caíam da bicicleta.

Copulavam-se às oito e meia, sem desespero, e apavorados. Não tinham olhos: viam-se com os pés. Com os pés moviam-se e com as mãos espalmadas realizavam rituais claros.

Minha tia deitou com um deles. Formosa, titia desceu de paraquedas "para sentir os coices do vento em minha carne de pêra": eles, que nunca haviam possuído uma tia amarela, berraram quando viram, da ponta do queixo até chegar aos ombros, o enorme pescoço que Formosa exibía. Era um pescoço com belas rendas de pêlo, colhidas a camelos que ela plantava numa areia.

Tendo conhecido a lei que joga um sexo para o outro sexo, eles desejaram, por quatro segundos respiratórios, as duas nádegas inchadas que ela trazia por trás. Minha tia negou esse amor que eles tanto pediam. Foram na pista do medo dela. Ela estava um caracol, eles a encontraram na praia. Ela fugiu nadando pelos rios de chuva péssima. Em oito de agosto desistiram; no dia quarenta e um de setembro Formosa morreu congelada e foi coberta pela neve, onde ainda repousa.

Uma página de seu diário foi encontrada por expedição que passava pelo local. Depois de descongelada, o pescoço de minha tia começou a mover-se. Os cientistas tiveram grandes dificuldades para explicar o fenômeno, mas o chefe tudo atribuiu à extensão ou espessura do pescoço, considerados por todos "descomunal, quase árvore". Admitem que na queda do reco-teco Formosa tivesse ficado presa pelo queixo. Ora, pesando 230

quilos, o mais provável é que o pescoço se tivesse alongado na queda e que ela tivesse pousado respirando ao comprido. Seccionaram-lhe o pescoço, puseram-no dentro de um frasco de vidro enorme, expediram-no para o Instituto: queriam saber se tinha veneno, se não era uma espécie de cobra.

Quando à página do diário eles não têm quaisquer dúvidas: foi escrita a sangue, com caneta enchida quatro vezes em pontos diversos da carótida. Admitiram também que minha tia fosse hemofílica: ela teria perdido muito sangue quando escrevera a página do diário.

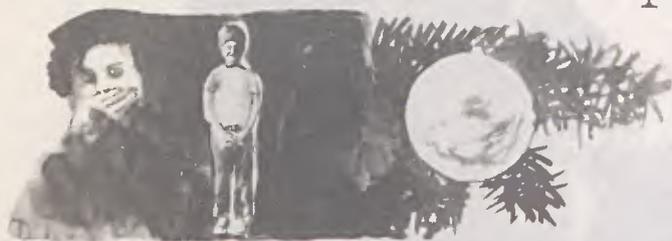
Ontem, confirmou-se a hipótese: ela perdeu muito sangue. Os cientistas acompanharam os pinguinhos deixados pela veia dela, grande escritora. As manchinhas levaram-nos a uma caverna. Aí encontraram outra página muito suja, que foi decifrada pelo maior telescópio de que se tem notícia. Interessante é que, desistindo de utilizar o próprio sangue, minha tia passou a ficar admirável: foi quando voltou à caverna para saber toda a verdade. E soube. Lá escreveu a outra página com lápis de grafite oriental, que encontrara debaixo da prateleira em que os habitantes de Formosa tomavam leite cru. Assim, a página escrita a sangue precede a página escrita a grafite oriental. Entre as duas, ponha-se um tempo de "longas noites químicas", de acordo com as previsões meteorológicas do astrônomo-chefe do Observatório de Orenoco.

A página que minha belíssima tia escreveu a sangue constitui o primeiro parágrafo dessa história. O último parágrafo, transcrito na íntegra, constitui o trecho mais expressivo das páginas escritas a grafite oriental. Os estetas reunidos para avaliar as imagens do diário de minha tia lamentam a morte de Formosa, achando que, desdobradas um pouco mais, suas imagens, sobretudo as escritas a sangue, engendrariam "formas boas de histórias, muito mais compridas do que seu pescoço".

Admitem, porém, a favor de minha tia, que Formosa teria escrito as páginas em "condições precárias, sem a luz, por exemplo, de um abajur".

"Eles são de lábio azul. Alimentam-se das lagartixas que passeiam nas paredes dessa caverna. Cultivam esfinges, em homenagem a um deus murcho. Jogam baralhos e quem vence tem direito a mais lagartixas. A pouco e pouco uns ventos os vão erodindo e alguns perdem os lábios. A chuva também os encharca, embora domem a chuva em baldes grandes, em que navegam como se fossem formigas. O calor dos vulcões em que são especialistas derrete o mármore que têm no corpo e na alma. Meio derretidos, confundem-se com as próprias lamas das ruas em que andam de bicicleta, para esquecerem da morte nesse planeta. Quando já se estão desfazendo, mamam-se dentro desta caverna, para ver se o que sobra de cada um acaba formando um outro corpo, ainda inteiro, com que possam continuar a respiração. Não têm sangue, como eu, que estou pingando. Falam bem de meu ânus (as línguas deles são curtas), não posso entregá-lo a eles. Eles são viscosos. Com os pés e sem olhos caminham esfregando-se no vapor que está saindo das paredes. As lagartixas fogem, porque não querem ser bebidas, e eles dizem que são águas que têm sede, que precisam beber as lagartixas. Falam de um mar de carne. Fazem estátuas com a carne de passarinhos. Estão gosmentos, agora. Arrastam-se pelas paredes da gruta, suando as pedras do corpo, deixando placas de mármore na parede. O que me perseguiu acaba de virar estalactite. Estão bebendo as gotas de sangue que eu deixo cair do pescoço. Os gatos de seus aquários quebraram os vidros e aprenderam, de cor, a língua inglesa. Alguns já viraram saliva, outros pingam das paredes gotas de rocha quente, incandescente. O que virou estalactite dormiu comigo e passou a ficar derretido. Só que ainda me ama e vem descendo do teto. Diz que gosta do meu sangue, ele que não tem sangue. Estou sendo respirada pelo nariz da caverna. As lagartixas estão com medo, entre as frestas das pedras. Eu vou fugir para a neve. Ele me olha e se aproxima, ele sabe que virou estalactite só porque dormi com ele."

TRAMA DE NATAL



Souza Freitas

Seriam, quando muito, quatro horas da tarde daquela sexta-feira. No coração da gigantesca metrôpole (1), indescritível era a azáfama das pessoas em sua faina diária. E o calor era de rachar mamona.

Assim de gente na esquina, tudo doido esperando o sinal abrir pra atravessar a rua. Alguns mais doidos, atravessando sem esperar mesmo. Em corridinhas rápidas, se desviando dos carros feito toureiros de Madri, parara-tchibumbum-bum.

E a gordona lá no meio da turma que esperava. Carregada de pacotes, olhando afobada pros lados, ver se via um táxi.

No braço esquerdo, dependurada e semi-aberta, trazia a bolsa. João, de apelido Merdinha, já tinha percebido; não tinha é decidido o que fazer. Em todos os casos, foi chegando, varando o amontoamento de pessoas. Quase em cima da gorda, achou que não podia deixar passar. Ela estava com toda a atenção virada pra rua, atrapalhada e ofegante com a pacotaiada.

De leve, Merdinha levantou a tampa da bolsa e sentiu uma carteira, a qual com a ponta dos dedos pescou. No instante exato mesmo em que o sinal abriu.

Estava-se em dezembro e todas as lojas mostravam-se decoradas com sugestivos motivos natalinos.

Engalanada também estava a cidade, tendo em vista a aproximação da festa máxima da cristandade.

Quase ao fim da rua Álvares Penteado (2), duas negas envergando uma vestimenta de Papai Noel — que lhes deixava, naturalmente, as pernas de fora — distribuíam cofrinhos aos passantes.

E João Merdinha — trombadinha (3) de profissão e assim cha-

mado por ser considerado pelos colegas de trabalho como um cão, medroso e bunda-mole — escondendo rápido e rasteiro a carteira sob a camisa, misturou-se ao povo que atravessava em atropelo a rua.

E enveredou João Merdinha pelo Viaduto do Chá (4), alegrinho mas preocupado: era preciso não se afobar, manter a calma, e também se livrar logo da carteira.

Lá pro outro lado do Viaduto, por perto daquele edifício de mármore que era dos Matarazzos, viu o ceguinho e teve uma idéia.

O ceguinho, pra mor dos pecados, tinha as pernas entrevadas e atendia em uma cadeira de rodas. Oclinhos escuros, comme il faut, trazia no colo uma caixa com pacotinhos de lâminas de barbear que de vez em quando anunciava, e uma tabuleta dependurada no pescoço, desejando boas festas e feliz 75 para todos os seus amigos e clientes.

Pouco mais adiante da rua Álvares Penteado, no denominado Largo do Café, uma pequena banda do Exército de Salvação (5) entoava músicas alusivas ao Natal, atraindo igualmente a atenção dos passantes e motivando não poucos a deitarem alguma contribuição no caldeirão usado por aqueles obreiros soldados de Deus para o recolhimento de auxílios aos menos favorecidos pela sorte.

Compunha-se citada banda de um acordeonista, um pistonista, duas jovencinhas loiras (6), que cantavam e tocavam pandeiros ornados de fitas multicores, e uma senhora, cuja função era a de permanecer frente ao caldeirão, agradecendo as contribuições e distribuindo folhetos enaltecedores da caridade e do amor ao próximo.

Merdinha, então, jeitoso, como se fosse o tomador de conta do ceguinho, estacionou atrás da cadeira de rodas.

Tirou o dinheiro da carteira, jogou-a debaixo da cadeira do ceguinho, e foi olhando o bolo de notas: quatro de um cruzeiro, uma de cinco, duas de dez e aquela que não podia ser mas era, porra: uma de quinhentos, inteirinha e novinha.

Eta gordona mãe, alegria dos desamparados.

Gozou Merdinha, pois, aquele divino instante em que o corpo e alma se fundem em puro êxtase.

Quase em seguida, todavia, a marcha dos acontecimentos viria a demonstrar quão bem acertado é certo rifão (7) da sabedoria popular.

Aleluia! Aleluia!

Ao término de uma sessão musical do Exército da Salvação, o pistonista, após passar um lenço no rosto suado, tomou um ar decidido — no qual não ia, evidentemente, nenhum animus abutendi — colocou-se ao lado do caldeirão e dispôs-se a enfrentar os passantes de maneira mais prática.

Nesse quase igual instante, Merdinha sentiu a grande alegria que por inteiro o tomava ser substituída por um frio na barriga.

Em meio ao povo, varando em sua direção, vinha Fudidão.

Colabore com o Natal dos pobres, clamava o pistonista, misturando seu apelo aos demais circunvizinhos: olhai, três doces por mil; cabra, cabra, compre o bilhete da cabra, vai dar cabra, mééééé.

Putá velha no ramo, Fudidão era assim feito um líder. Tinha sempre elevados protestos de estima e distinta consideração entre os trombadinhas. Morava com uma menina lá pelos lados da Vila Nova Cachoeirinha, de onde vinha para a cidade e para o trabalho. Constava como sendo dono de um 38 e de variados planos. Achando-se, dessarte, que não demoraria muito para deixar aquelas atividades praticamente amadorísticas e dedicar-se a empreendimentos outros de maior fôlego.

Rápidos e fragmentados pensamentos se entrecruzaram na mente de Merdinha.

Não teve nem dúvida de que tinha sido sacado. Um azar do cacete. Dúvida também não tinha

do que iria acontecer. Por bem ou por mal, Fudidão iria querer levar a grana.

E aquele quinhentinho. Notinha estralando de nova.

A não ser que ele se escafedesse. Ou pelo menos tentasse. Tomando — achava melhor — pela Líbero Badaró (8).

Desse o que desse: audaces fortuna juvat!

Em passos rápidos e com muita agilidade, Merdinha atravessou por entre os carros para o outro lado.

Sabia que se saísse correndo, iria atrair demasiada atenção. E isso cegaria tudo, que estava todo mundo meio de olho nos trombadinhas.

Sabia igualmente que Fudidão teria o mesmo pensamento.

Virou-se pra conferir. Não deu outra. Fudidão adotara a mesma tática. Mas vinha — isso era ponto pacífico — em sua perseguição.

E a constatação do fato trouxe o pânico de volta à Merdinha. Aumentou os passos. Em mais uma virada para a retaguarda constatou que Fudidão também acelerara a marcha. Caçador farejando promissora presa não iria abandonar aquela sedutora pista nem a pau.

Quase pensando em se mandar correndo rua abaixo, Merdinha, subitamente, resolveu guinar para a direita, arremetendo-se pela Ladeira Miguel Couto (9).

Esbarrando em um e outro, desembocou logo no Largo do Café.

Em uma mirada, então, tomou tento de todo um quadro: a bandinha do Exército da Salvação em pleno funcionamento no local, dois cavalarianos da Polícia Militar vindo pela Álvares Penteado e Fudidão apontando na ladeira.

A conjuntura, com efeito, assemelhava-se a uma verdadeira bosta.

Solene inspiração, entretanto, levou Merdinha a adquirir, em tal momento, um completo domínio de si mesmo e um total sangue-frio.

Nada mais fez, assim, do que se misturar ao aglomerado de pessoas que cercava a banda.

Ploc, ploc, ploc, ploc, marchavam os cavalarianos na altura do lugar onde as moças vestidas de Papai Noel distribuía cofrinhos.

Notando que Fudidão, mui prudente, estacionara em um canto, colocando-se em atitude de férrea vigilância, Merdinha, demonstrando despreocupação e procurando não

despertar qualquer atenção de algum componente da roda, tirou as notas do bolso e, disfarçadamente, acertou-as na mão, deixando as de um cruzeiro por cima.

Os cavalarianos, por sua vez, haviam se detido nas imediações, pondo-se, também, a observar com certo interesse aquela execução musical.

Fudidão, cautelosamente, se acercara mais, deixando transparecer um certo desnorreamento ante uma situação que percebia estar fugindo ao seu controle.

Se destacando entre os assistentes, Merdinha, naquele instante, começou a avançar.

As loiras soldadinhos cantavam e chacoalhavam os seus pandeiros de fitas coloridas.

A velha soldada, montando guarda ao caldeirão, ao ver Merdinha se aproximar, sorriu-lhe docemente.

Que assim fosse, ouviu ele, a qualquer chose malheur est bon.

E depositou as notas no caldeirão.

No final daquele dia, a abertura de um caldeirão de contribuições causou intensa comoção entre os abnegados combatentes daquele exército.

Um donativo de quinhentos cruzeiros.

Numa orgia de cores, o sol morria no horizonte.

Um milagre certamente.

Na avenida São João, o uivo de uma sirene.

Parara-tchimbus-bum-bum.

(1) São Paulo, o maior centro industrial da América Latina, segundo consta.

Dizem também as estatísticas que em São Paulo existem mais alagoanos que em Maceió. A partir disso, pode-se avaliar a quantidade de outros nordestinos, nortistas, mineiros e baianos em geral estabelecidos na cidade e periferias.

Interessante notar, por outro lado, um costume comum a muitos desses tipos: reúnem-se aos domingos na rodoviária paulistana e seus arredores. Quando, então, batem papo, trocam impressões, moitejos e aleivosias. E sobretudo assistem à chegada e partida dos ônibus.

Nessa rodoviária, aliás, o uso de banheiros limpos só é admitido mediante o pagamento de ingresso.

Por fim, quem visitar São Paulo não pode deixar de ir no CEASA — o maior centro de abastecimento da América Latina, salvo engano ou melhor juízo — e saborear a sua deliciosa sopa de cebola.

(2) A rua Álvares Penteado faz parte do chamado antigo centro de São Paulo.

Nela, propriamente, entre outros estabelecimentos, localizam-se vários bancos, a Bolsa de Valores de São Paulo, uma

filial das Casas Pernambucanas e uma banca de jornais e revistas.

Banqueiros e executivos por ali lotados, rendendo-se às exigências da época, atendem em escritórios refrigerados e viajam em aviões particulares.

Sobre os bancários, de se anotar os dizeres de um cartaz colocado à porta de um banco numa daquelas manhãs de dezembro: O Banco do Estado de Minas Gerais não pagou aos seus funcionários o aumento concedido por lei. Vejam se é possível!

Quanto aos cofrinhos, faziam parte de uma campanha promocional da Caderneta de Poupança Haspa.

O passante, portanto, de posse do cofrinho, deveria enchê-lo de moedas para, após, depositá-las em uma caderneta de poupança. Seguramente um bom negócio, considerando-se que poupar ainda é a melhor forma de lucrar.

E na Haspa você vai ver como é gostoso ganhar dinheiro.

(3) Trombadinha: denominação dada àqueles petizes que, desviando-se da senda da virtude, ingressam desde logo nos tortuosos caminhos do crime e da safadeza.

Menores em sua maioria, dedicam-se a saquear o próximo de uma maneira mui objetiva e direta.

Vale dizer, avançam na vítima escolhida — geralmente pessoas de idade — lhe arrebatam o dinheiro ou demais haveres de valor e interesse e escapolem velozmente, ziguezagueando por entre os pedestres e o trânsito.

Oriundos sabe-se lá de que miseráveis e numerosas proles, costumam se reunir em pequenos bandos, quando passam a viver ao sabor das circunstâncias, pouco se atendo a eventuais laços familiares.

Certa manhã, ao parar o carro num estacionamento no Largo do Arouche (debaixo do minhocão), um cara assistiu o despertar de um grupo de trombadinhas.

Tinham seu ninho na parte traseira de um velho prédio, do outro lado do muro de estacionamento.

Naquele instante, estavam galgando o muro, abandonando suas acomodações depois de uma noite de reparador repouso.

O cara teve a impressão que teria visto uma ninhada de lobos.

Quando alguns deles foram se dirigindo pro seu lado, o cara ficou com o cu-na-mão.

Mas eles estavam querendo apenas cigarros. E o cara deu.

Em serviço, agem sozinhos; ou em dois ou três, numa tática conjunta.

Um outro cara foi vítima de uma operação trombada perfeita.

Ao sair de um boteco, no instante em que ia juntar o dinheiro do troco ao restante que trazia no bolso, levou um tranco de um trombadinha, enquanto um segundo, ato contínuo, lhe catava o dinheiro.

Ao tomar equilíbrio para perseguir os dois que se mandaram, levou, então, por trás, de um terceiro, uma rasteira que o prostrou por terra, lhe tirou qualquer ânimo de tentar reaver o dinheiro e o deixou — como com justificadas razões disse — putíssimo da vida. Mirabile dictu!

Outras vezes, porém, o golpe se resu-



me em atacar a vítima e lhe tirar de qualquer jeito o dinheiro.

Numa outra passagem, um trombadinha derrubou um velho, passou a mão num rolinho de notas que o velho havia acabado de tirar do banco e disparou rua abaixo.

Esparramado no chão, o velho abriu um berreiro, pega, olha o ladrão, segura ele.

Diante do que, o trombadinha passou a dividir sua atenção com a fuga e com olhadas para trás, já que a rua era exclusiva para pedestres e alguns, condoídos da situação do velho, haviam saído em sua perseguição.

Foi a perdição do trombadinha: preocupado com a retaguarda, descurou-se da vanguarda.

Um nego, colocado à frente e alertado pela gritaria, cortou-lhe a carreira, acertando-lhe fulminante porrada na cabeça.

Nesse ínterim, chegaram os demais perseguidores e o cobriram de tapas e pontapés.

Veio o velho também. Peguem o meu dinheiro, matem ele, clamava. Vae victis!

Outrossim, o fato de alguns não hesitarem em lançar mão de instrumentos perfurocortantes ou mesmo perfurocontundentes em seus ataques e defesas, concorre sobremaneira para o maior agravamento da delicada questão dos trombadinhas.

Nesse sentido, foi muito comentada uma escaramuça policial contra os trombadinhas, consistente em levá-los até a cidade mineira de Camanducaia e lá soltá-los, todos pelados, numa madrugada chuvosa.

(4) Viaduto do Chá: imponente obra arquitetônica erigida sobre o Vale do Anhangabaú.

Entre outras serventias, apresenta grande atração para os desiludidos do amor, desacoroaçoados da vida e tutti quanti colocarem termo à própria existência, dali se atirando em tresloucado gesto.

Sabe-se, exempli gratia, que num dia apenas, com uma diferença de poucas horas, jogando-se de referido viaduto dois infelizes seres buscaram um ponto final para as respectivas aflições.

A média, contudo, não é essa. Fosse, e aquele já tumultuado sítio da capital paulista viraria um cu-de-boi completo e acabado.

Conta-se também o caso do sujeito que ao invés de pular do viaduto propriamente resolveu pular da passarela que é algo assim como um apêndice inaugurado em outubro de 1970 para dar escoamento e ao mesmo tempo segurança contra o intenso trânsito automobilístico aos pedestres com destino à parte baixa do Vale e que pode-se dizer dividiu aquela construção em primeiro andar e segundo andar.

Pois bem, preferindo o primeiro ao segundo andar, o sujeito errou o pulo e de certa maneira se fodeu.

Caíu em cima de um ônibus, de onde resvalou para o chão, vivinho da silva.

Manquitolando e quiçá com algumas escoriações generalizadas, o sujeito se arrastou para a calçada e, indiferente à curiosidade geral, misturou-se e desapareceu em meio à multidão.

Anote-se, finalmente, que esse problema ligado ao Viaduto do Chá não vem recebendo das autoridades competentes a atenção que merece.

Grades altas, colocadas sobre as muradas laterais do Viaduto, quem sabe impediriam, ou pelo menos tornariam mais difícil, a continuação desses constrangedores espetáculos.

Ou talvez ainda, chilo sá?, como nos circos, uma rede estendida na parte inferior do Viaduto, destinada a colher, eventualmente, em suas seguras malhas, esse precioso e insubstituível bem que é a vida humana.

(5) Os últimos idiotas deste mundo, segundo propaganda veiculada pela entidade nos jornais.

(6) Logo classificadas de gostosinhas pela maior parte da platéia masculina.

(7) Alegria de pobre dura pouco.

(8) Rua das mais representativas do velho centro. Numa de suas esquinas, situa-se o Othon Palace. Hotel no qual, durante um campeonato de fórmula-1, levado a efeito em São Paulo, hospedaram-se alguns componentes de equipes de tal esporte.

A propósito do assunto, aliás, conta-se do campeão de fórmula-1 que, desejando jogar tênis, exigiu dos organizadores da corrida providências imediatas para tanto. Ou seja, uma boa quadra e um professor no assunto. Isto porque ele, campeão de automobilismo, jogava tênis muito bem e queria bater-se com um adversário à altura.

E tem também o caso daquela equipe que, mal descendo no aeroporto de Viracopos, declinou aos organizadores do certame a sua vontade: empreender um safári ao Amazonas.

Quanto à Líbero Badaró, de se ressaltar que vários bancos também estão localizados ao longo dessa antiga artéria paulistana. Além, naturalmente, dos mais diversos estabelecimentos comerciais.

(9) Não mais que um simples lance

de ligação entre duas ruas consiste a Ladeira Miguel Couto.

O seu nome, contudo, advém de uma das nossas mais insignes personalidades.

"O mais moço dos quatro filhos do casal Francisco de Oliveira Couto e Maria do Espírito Santo, veio o Miguelzinho trazer alegria àquele lar humilde, no dia 1.º de maio de 1865, na cidade do Rio de Janeiro."

"(...) Aos seis anos matricula-o a mãe na escola primária onde, graças à iniciação materna, bem depressa aprende a ler correntemente. E para aproveitar bem todo o tempo vago — pois há grande virtude no trabalho, mesmo para as crianças — o menino ajuda o irmão mais velho na farmácia, e leva recados aqui e ali.

É nesse tempo que passa a ser conhecido pelo apelido de Miguelzinho da Botica."

"(...) Em Niterói o nosso Miguelzinho torna-se o Dr. Miguel Couto, o médico, professor e cientista que ninguém podia conhecer sem admirar e querer bem."

"(...) Não malbaratava tempo algum. Ocupava em algo de útil para o futuro todos os seus poucos momentos de lazer."

"(...) As horas preciosas que Deus nos concede além das que temos de dedicar ao trabalho de cada dia, são a pedra de toque de nossa personalidade. São elas que, em grande parte, decidem nosso destino para este mundo e o por vir. Usemo-las, caros jovens, para construirmos um caráter que resista vitorioso a todos os vendavais da sorte e atrações do mundo, do diabo e da carne."

(Luiz Waldvogel, "Homens que fizeram o Brasil", oitava edição, 175.º milheiro, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, 1953).

AGOSTINHO NETO

NAS
LIVRARIAS
E BANCAS
O NOVO
LANÇAMENTO
DA
CODECRI:

POEMAS
DE ANGOLA

Apresentação de
JORGE AMADO

AGENDA

Antônio César Drummond Amorim



DEZEMBRO
16
TERÇA-FEIRA

Antemorrer.

Romper com todos os laços, temores, preocupações, ações que comprometem e metem medo nesta hora — agora, em que me prometo: romper (antemorrer). E nem me venha com suas comoventes estórias de coragens e fortalezas de espíritos etéreos, superiores. Eu assumo a minha irresponsabilidade e não interessa discutir aqui se o ato é de medo ou de coragem. Há muito que todos os seus princípios e conclusões deixaram de se constituir em teses que, de alguma forma, pudessem me abalar.

TERÇA-FEIRA, 16 de dezembro.

DEZEMBRO
17
QUARTA-FEIRA

Cada dia será menos um. Outro senso: menos muitos. Sempre menos, e doravante será isto, não preciso dizer mais. Idéias, atos, fatos — tudo é dispensável. Autômatos, palhaços, sempre os terão, — eis: ao menos uma vez, a vez é minha. Adeus, e passem bem, ainda que eu não esteja para comprovar seu êxito. Avante nos seus bons propósitos, que prosseguirei firme e forte rumo à minha decisão. Avante!, e a comprovação de que você está certo, de que eu estaria errado, seria ainda dispensável, tanto quanto minha sinceridade e votos. Ave!, — hoje quem saúda sou eu.

QUARTA-FEIRA, 17 de dezembro.

DEZEMBRO
18
QUINTA-FEIRA

Dia-universal-dos-pequenos-caprichos.

Questionar, por exemplo, princípios docilmente apreendidos no correr de uma lida, sim senhor, sem dúvidas e porquês. Veja como não se rompe com fantasias: — Vrfr. giras. gir. de fat. de acord. c/ posiç. do sol. Abr. um vagal. p/vr. dond. vm. aqu. luz. apanh. um rai. de lu. Vrfr. se é prat. Se a ág. é inod. incol. insíp. Pq. a coruj. é sáb. D. mais d. são quatr.



Se é a ter. q. gir. ou se é o so. Se Br. de Nev. er. bran. c/ a nev. Rmtr. circ. a tdos. her. es. quadr. agrder. p/ tdos. mom. sonha.

QUINTA-FEIRA, 18 de dezembro.

DEZEMBRO
19
SEXTA-FEIRA

Voltar.

Voltar sem revoltas, um: acrr. ctas., e que apresento minhas justificativas. Eu era inocente, era, portanto inculpada. Não, não é tempo para vinganças. Aproveitar a visita e, como fazem nesta época, de-sejar-lhe feliz natal e próspero ano novo.

DEZEMBRO
20/21
SÁBADO/DOMINGO

Sábado — e ainda existem veículos. Mas me propus: nada mais me prende — como?, se os sonhos permanecem? não discutir. Cansar o ônibus-circular, rodando com pela mesma passagem, até que as luzes da cidade se acendam e se decreta a noite: GARAGEM. Resistir a comparações. Despedir-me daquele gato de madrugada adentro. Não matar: — perdoar-lhe, porque não faz o que sabe. Depois, dormir sem sonhar, cansado de circular a esmo — e não me refiro ao dia. Domingo. Dia do Senhor. Mandar celebrar missa de sétimo dia pelos frangos que morreram no domingo passado. Perdão, Senhor, o riso é amargo.

DEZEMBRO
22
SEGUNDA-FEIRA

Escrever. Remeter bilhetes de amor às antigas, sempre atuais. Papel de caderno — aquele mais barato muita lembrança, poucas e pálidas folhas. Não, não empenhar os mortos. Perversidade não ter feito em vida. Aproveitar o que ficou de velhos tempos. Desenhar um pato a partir de dois. Tudo acontece a partir de dois, mas já não tempo para filosofias ou arrependimentos. Construir um barquinho de papel, juro, não desaprendi. Puro, voltar ao princípio, para de novo vê-la naquela idade. Dormir, sonhar com os mor-



tos, como se não estivessem. Recriar diálogos incriados, para reviver em paz.

DEZEMBRO
23
TERÇA-FEIRA

Hoje, cada vez menos lúcido, achar o final. O esconderijo onde. Nunca se revelou. Procurar na tarde provar que ainda sou. Entrar — final do jogo — fazer o gol morto aos meus pés, Viajar, não muito para longe. Aos gritos, invadir uma caverna — todos invadiram, menos um, e onde ficou uma coragem hoje enfim recuperada. Acertar o ponto que errei, para completar a série de treze. Deixar aviso: não quero prêmio, não interessam prêmios — era só de teimosia.

DEZEMBRO
24
QUARTA-FEIRA

Rabiscar umas linhas a el rey d. manuel contando a verdade, nada mais que a verdade.

Acordar de madrugada para esperar como tanto, esperar que alguma coisa aconteça de fato.

Chegar à conclusão de que nada acontece.

Reivindicar uma noite plena de risos e lágrimas.

Madrugada seguinte e já véspera, dizer o que não disse, fazer o que não fiz.

DEZEMBRO
25
QUINTA-FEIRA

Resumir tudo neste dia — como puder e nem sei como? Não chorar. Vejo: a programação foi falha, não importa. A resolução está tomada. O dia é este. Cair da noite — incursão pelos terrenos de medo. O prédio é alto, vinte e dois andares. Do vigésimo, a queda será fatal. Convenham, razoável é a altura. Aí pelo décimo, à minha maneira, poderei repetir a piada: até aqui, tudo bem (tudo mal). Todos podem voar, o vôo é uma questão de coragem. Senhor Aniversariante, me desculpe, não estarei para seculares cumprimentos — afinal, matéria atrai matéria... ADEUS, MUNDO CRUEL.



AMANHÃ É OUTRO ANO

Agostinho Macedo

O telefone toca uma vez, duas, três. Na terceira Fábio atende, metucioso como sempre. A mão de dedos longos, unhas tratadas, a pulseira de prata dinamarquesa, segura o aparelho plástico vermelho.

— Alô? Dois dois zero um sete cinco.

A voz esperada responde do outro lado.

— Ah, é você. Até que enfim. Deo gratias. Não, não é nada. É que já estava imaginando alguma coisa.

— Tá, então tá bem. Era isso que eu queria ouvir. Olha Jô, você sabe, eu não sou do tipo possessivo. Mas certas datas, aniversário, natal, fim de ano, sei lá, talvez seja a minha formação burguesa, mas não agüento ficar só. Nesses dias eu preciso ter alguém, preciso falar com alguém.

Não consigo ficar só. Mas também não aceito qualquer companhia, é claro.

É, talvez eu seja um pequeno burguês, mesmo. Mas a verdade é que sinto essa carência. Falta de companhia, sei lá. Você me conhece, Jô. Ou será que não?

— Não, é claro, eu não quis ofender. Você é uma das raras pessoas com quem me sinto bem. Em quem posso confiar. Que me agradam.

O quê?

— Não, não brinca, por favor. Eu falo sério. É, é isso mesmo. Amor? E por que não? Só porque sou retraído, solitário, esquivo? Mas afinal é o meu feitio, bem! Eu sou assim mesmo. Quanto mais gosto de uma pessoa menos eu demonstro. O meu amor cresce na proporção inversa da minha extroversão.

— Ah, gostou, né? Não, o que é isso? Eu falo sério. Olha, quer saber uma coisa? Sem máscara, sem apelação, eu acho que jamais gostei de alguém como de você. Eu sinto isso. Com a pele, os poros, o tato, os olhos. E um troço aqui dentro, dizendo que você é a pessoa certa. Olha, é como se você fosse assim um vinho muito bom. A gente começa sentindo o buquê, misto de perfume e gosto, olfato e paladar. Depois, quando ele desce, é aquela posse total. Você sente que suas veias se dilatam e o recebem, que a sua mente se abre e se embebe nele, que os seus olhos são agora e apenas o reflexo dessa nova vida.

— Olha, poeta é a senhora sua — não, é claro. Eu estou só brincando. Bem, vamos fazer uma coisa. Eu te espero. Você vem até aqui, ceia comigo — sim, só nós dois, eu dispensei a governanta hoje — e, depois, se você quiser, vamos até à praia. Eu sei que você gosta de ver o pessoal dos centros, a festa de Iemanjá. É, pelo menos é folclórico.

— Não, não estou brincando. Você sabe que eu respeito as crenças dos outros. Qualquer crença, afinal. E só quero que respeitem as minhas, em troca. Bem, vamos fazer uma coisa? Vamos usar roupa branca esta noite, nós dois, tá? Dizem que dá sorte. Tudo branco. E tem que

ser nova, hein! Depois? Bem, talvez uma buate, sei lá. A gente dá uma esticada por aí. O importante é passarmos a noite de fim de ano juntos. Depois, não sei. Amanhã é outro ano.

— Tá, então ciao. Eu te espero. É, dez e meia, onze horas. Ciao. Um beijo.

O apartamento de Fábio, na Urca, estava preparado para uma ceia a dois.

A toalha bordada, do linho da Madeira, cobrindo a mesa de louro. A luz indireta azul velava apenas o ambiente, até o candelabro acender.

De cada lado, dois açafores de prata discretos, as camélias de botões brancos, as folhas verde-escuro cerosas.

Fábio olhou os cristais cinza translúcidos — presente de um amigo finlandês, como era o nome dele? — e os talheres de prata e marfim, o desenho suave. Sorriu quase contente e abriu a janela da varanda para o mar.

Aspirou o ar morno e calmo prenhe de maresia, ligou o som. Jazz, clássico? e ficou pensando em Jô. Afinal, se conheciam há tão pouco tempo. Um encontro fortuito no foyer do teatro, a troca rápida de olhares e um cartão. Depois, dois, três encontros. E agora aquela necessidade inadiável, incontrolável de ficar junto.

Decidiu-se e escolheu uma fita de jazz. Não, melhor, vou começar com esta. Negro spirituals. Um coro fantástico, que lembra o sul dos Estados Unidos, os negros, as plantações de algodão, o soul, a África. Jô me falou um dia, não sei onde, que adorava esta música. Vou começar por aí. Esta noite tem que começar muito bem. E terminar melhor ainda.

Afinal, é a noite de Iemanjá, a noite dos sonhos a realizar.

Já tinha telefonado para o bufê, eles sempre o atendiam da melhor maneira, quando dava uma festinha. Desta vez tinha encomendado uma ceia simples com faisão e champanhe. 'Não, não. O resto? Disso cuidam vocês. Eu não quero me preocupar com isso. Quero apenas que seja simples e de bom gosto. Só para começar bem esta noite. A noite de Iemanjá.'

Olhou-se no espelho e viu o corpo moreno e esguio colado na roupa branca. Uma ruga aqui e ali e os primeiros cabelos já grisalhos externando classe. Afinal, não é impunemente que se passa dos quarenta, o cabo Bojador. O das Tormentas. Mas sorriu feliz para a imagem refletida. Estava ótimo. Mas que horas são? Onze e meia? Não é possível. Jô não é de atrasar. É pontual, como eu gosto. Será que?

— Alô? Dois dois zero um sete cinco sete.

— Jô, o que houve? Puxa, é quase meia-noite. Você esqueceu?

— Sei, sim.

— Não, claro que não.

— Claro, eu compreendo.

— Não, não. Não fico chateado, não. Eu sei, eu sei.

— É claro, é a sua família, afinal. Certo, não se preocupe. Não, bem. É claro. Olha, um feliz ano novo para você. Tudo de bom. E para a sua família também. Ciao. Um beijo.

Bateu o telefone logo mudo e olhou o mar. Só. Noite de fim de ano só. Logo hoje, Jô. Família de São Paulo, que dro-

ga. Sei lá. Por que será que as pessoas ainda têm família?

Desligou o tape-deck e saiu. As praias estavam repletas de centros, grupos enormes da zona norte, muitos longos e black-ties da zona sul. Era a noite de Iemanjá. E o mar se preparava para receber as suas oferendas, as preces e os sonhos.

Fábio foi andando, os pés descalços arrastando a areia do Leme ao Leblon. Lá no fim, mais um centro fazia as suas oferendas na praia. As velas ardendo, os atabaques e os cantos entoando as preces pagãs. Sonhos, mal-me-quer-bem-me-quer.

E Fábio fazia a sua prece também, instintiva e séria. Amanhã, amanhã meu Deus, eu começo vida nova. Amanhã é outro ano. Beijou a medalha pendente no peito. No relevo de prata, a imagem de Nossa Senhora da Conceição. E a lembrança da mãe.

No fim da praia viu o grupo. E uma figura esguia, morena e máscula, os traços duros se diluindo no canto dos lábios em sorriso. Nos olhos, o convite implícito.

Dia seguinte, a ressaca a custo controlada, Jô saiu do banho e passa pela sala. A família reunida, vinda de São Paulo para a passagem de ano no Rio, envolve a televisão e assiste ao Jornal Nacional. O locutor colorido e asséptico, a voz grave e modulada, lê o noticiário pausado: "O corpo nu encontrado hoje de manhã, na praia do Pepino, ainda não foi identificado. A vítima é um homem de quarenta anos presumíveis, mãos finas revelando bom trato. Nas imediações não se encontraram quaisquer peças de roupa ou objetos que pudessem fornecer alguma pista. O corpo apresenta profundos cortes, produzidos por objeto perfuro-cortante e que, segundo a perícia, devem ter causado a morte. No ombro esquerdo, duas letras minúsculas tatuadas: JO. A polícia afirma não ter qualquer pista para identificar a vítima ou o criminoso. Como sempre. Boa Noite!"

Jofre desliga a televisão e a imagem se desvanece enquanto ele se encolhe no sofá. De branco, os olhos cerrados, ele sorve o bourbon longo em silêncio, os lábios pálidos apertados.

Tio Nelio vira-se para a mulher e comenta:

— Deve ser mais um desses tarados, como o tal Pasolini. Não sei se tenho pena ou raiva de um tipo desses.

Tio Artur, bem informado, acrescenta:

— Vocês sabiam que só este ano foram mortos dez homossexuais? É tudo crime misterioso e que a polícia não conseguiu desvendar até agora.

Tia Lina, o resto encarquilhado, arrisca em voz baixa:

— Também, não fazem falta nenhuma. Que Deus me perdoe.

E se benze.

O rosto suave da mãe aparece na porta da sala.

— Jô, meu filho, posso servir o jantar?

— Claro, mãe. Claro.

— O que é isso, meu filho? Está se sentindo mal?

— Não, não é nada, mãe. É o calor.

Levanta-se e liga o som. Negro spirituals. O canto dolente e sofrido dos negros fala de um deus distante, liberdade e amor.



COMO SE FOSSE UM BOI

Lourenço Diaféria

Bater perna não é profissão, bem sei. Mas sou cidadão andejo e traquejado nesse ofício que é separar a verdade da lorota nos anúncios de emprego. Manjo os malhos. Freqüentador habituê das páginas de classificados, farejo de longe as armadilhas. Pouca gente sabe como eu sacar de pronto as safadezas dos patrões.

Vabagundo, jamais. Digamos que sou exigente e que não entro em qualquer. Peruo muito, zanzo, porém prefiro isso do que vender barato prum portuga à-toa, desses que controlam a copa por baixo do bigode. Quando aceito trabalho é por tarefa e com direito a vale semanal. O que é combinado não é caro.

Certo que não tenho lugar fixo. Contudo, eis uma situação que não me esmorece. Pra quem é erradio desde os quinze, autonomia de vôo é isto: o poder falar sim e não, ou vou pensar.

A matula diz que penso muito, cismo. Nem por isso nunca morri de fome. Também não me importa ter de dormir em baixo de ponte, cachorro lambendo a boca da gente. Não existe nada mais maternal do que uma marquise de prédio. Mas isso é pros desvalidos, caras sem madureza que desembarcam na rodoviária e já vão entrando pelo cano da cidade e pelos bueiros da vida. Gente que não se vira, sonhando que aqui a bóia e o grude são servidos no buçal.

Ora, digo e faço o contrário. Se o estômago ronca e azucrina, não fico esperando cair maná do céu. Vou ao Mercado, afano uma maça argentina, mando com casca e tudo; se é tempo de pêra vou de pêra e se é estação de abacaxi, não pergunto se é ananás. Época de pês-sego, compro uma caixa, vendo duas; compro duas, vendo cinco. Levanto o numerário pruma calça de brim na Vinte e Cinco de Março em qualquer Salim. Água não falta, torneiral. Pisante, dispenso; prefiro tênis: afinal o pé, dá torção e deslanche. Ai do amofinado que não aprende a correr nestas artérias. Têm truques. A rua Direita não recomendo, é rua de duas mãos, estreita e sem visão. O Viaduto do Chá foi bom, hoje está manjado. Foi ali que Pernetá se esbagaçou contra o carro, de bobeira. Gosto da Barão de Itapetininga às sextas-feiras, quando as donas vêm ver vitrina. Tira é todo praça com pinta de polícia disfarçado. Para desguiar de letra, cumpre observar a costeleta. Muitos usam brilhantina.

Viração é isto: saber circular, saber parar; conhecer que nas quartas tem feira na Pompéia; domingo na Lapa, Brasilândia e Penha; quinta no Sumaré, terça no Carrão; sábado na casa do cacete. Toda feira rende pra quem sabe operar, sem ficar sujo. Afanar carteira, coisa de marmota. Melhor servir as madames,

chegar humilde, perguntar se querem carinho. Mas perguntar pras que já têm carinho e empregada. Elas agradecem, dizem obrigado, viram o rosto. As vezes nem dizem nada, fazem cara de nojo ou pena. Essas são as melhores. A gente não descola. Acompanha. O que já salvei nessas coletas não está escrito. Até de um queijo inteiro me abonei. Queijo-de-Minas, sem sal, que é o de que mais gosto.

Divide-se. É de bom gesto dividir com a súcia. A parte melhor pra gente, sem dúvida. Dividir não aleija. Dois quarteirões abaixo das bancas de peixe, na esquina, a gente reparte os comestíveis. Dinheiro, cada um com o seu, que dinheiro não estraga o bolso de ninguém.

Nunca brigar, a menos que tanto. Em último caso, sempre atrás do muro, de mão limpa, sem lâmina. É meu jeito: pernada, rasteira, mão fechada, godeme, uma cabeçada bem no meio da tromba, sem fraseio. Dar e levar. Ver de não ficar por baixo, manietado, apanhando na cara de tapa, porque pega ódio.

Direi que viver ao léu cansa. Mas pedindo penico é pra pinto. A gente que tem família, chega uma hora que aporrinha demais se virar o tempo todo que nem pião na roda pra escapar da tasca. Mas pai, mãe, irmãos, eles estão pior que a súcia, mas desamparados que bengala de cego. O cunhadinho quer dar conselho, a irmã chora pelo nariz, diz que eu não devia ter fugido. Vontade de voltar nunca tenho, jamais terei. Vez ou outra vou bater uma caixa com o pai, não pra ficar muito; apenas pra eles saberem que a gente ainda respira. Pai é pai.

Fui esperar na porta da fábrica de sabão, em frente da estátua. De longe, em baixo do pontilhão, encostado no cimento, campanando. Do alto da chaminé espirrou a fumaça branca do vapor, atrás do vapor veio o apito. Na mesma hora o vigia abriu a porta, desceu os degraus, deu passagem ao tropel dos operários. Todos com pressa, tropeçando, correndo para aproveitar o sinal de trânsito aberto. Os homens primeiro, depois as mulheres, várias com pano na cabeça, quase todas fricoteando.

Prestei atenção para achar o velho no bolo. Não vi o velho na primeira leva, nem na segunda. Devia sair daí a pouco, devagar, sem atropelo; não era afobado nem gostava daquela confusão, estouro de boiada.

Quando não havia mais ninguém para sair, o guarda de uniforme marrom jogou o quépi para trás, coçou a testa e fez menção de fechar novamente a porta de ferro. Me mandei depressinha para o outro lado da rua, toquei de leve seu braço. Ele retrocedeu, me encarou, supôs-me um bacurau catando emprego. Expliquei: estava procurando o velho, que tra-

balhava lá. Estranhava que não tivesse saído, mudou de turno? O vigia indicou com o dedo de unha suja a cabina da direita, onde estava o homem sentado junto ao relógio e aos cartões de ponto. Na chapeira, pra mais de vinte fileiras de cartões de ponto. Era a primeira vez que via aquela casa.

Perguntou o nome do velho, eu disse — Chico Batalha, Ele falou — assim por apelido é difícil. Expliquei que não era apelido, era nome mesmo. Eles quis saber a seção. Disse que não me lembrava, ultimamente ele engraxava e lubrificava as máquinas, porém faz tempo.

Arrastando a cadeira e as pernas como um cágado entevado, o homem fingiu que examinava os cartões um a um, mas quem não vê logo que aquilo é bafó, o homem não ganha para procurar cartão de ninguém, e como é que eu podia adivinhar o número do velho?

— Aqui todo cara tem número.

Desconfiei que o cidadão padecia de reuma; arfava bastante. E devia ter alguma inflamação nas virilhas, pois andava de perna aberta. A mão-de-obra que eu lhe estava dando! Fiquei simplesmente olhando, como quem diz — bom, e daí? Ele deve ter pensado — esse casca-ferida está a fim de me tomar o pélo. Meteu a cabeça fora da janelinha, gritou:

— Ô, você que é antigo: conhece algum Batalha aqui?

O outro não conhecia. O homem da cabina voltou a descansar as nádegas na cadeira, falou — sem número, nada feito. Isto aqui é uma cidade. Só se eu fosse um computador para guardar o nome da macacada.

— Meu pai não é macacada.

Ergueu os olhos, descobriu minhas narinas latejando como duas asas de borboleta. Quando perco o rebolado, meu nariz treme. É engraçado. Mas isso assusta muito as pessoas que não me conhecem direito.

— Bem, vamos dar uma tentada no Pessoal.

Ele estava impressionado com minhas narinas. Puxou o telefone do gancho, pediu ramal à telefonista, esperou a ligação e anunciou que havia um rapazinho na portaria procurando o pai Seu Chico Batalha. Se podiam verificar qual o horário que o funcionário estava fazendo agora.

Tapou o fone com a mão, como se quisesse perguntar um segredo — Francisco Batalha do quê?

— De nada. É Chico Batalha só.

Foi o que repetiu no telefone. Deu para ouvir a risadinha no outro lado. Depois da risadinha se ouviu música. Aquela música que eles colocam no aparelho para fazer hora. Ia demorar um pouco.

O sujeito aproveitou para puxar conversa fiada.

— Não mora com a família?

Fiz não ser comigo. Quem muito fuça muito entruta. Fiquei olhando a fábrica: o telhado manchado de fuligem, as redes de proteção nas janelas cobertas de teias pretas, o pátio de manobras com caminhões estacionados, luzes acesas no fundo de estreitos corredores e o bodum de sebo derretido. Não sei como o velho foi se meter naquilo, acho que ele trabalhava naquela droga desde antes de

eu nascer, portanto acabou por se acostumar, não ligava mais pro treco. Levava marmita, mandava brasa no arroz, ovo, chuchu, limpava a lata com um apetite de mastim, apesar do fedor do ar.

Me disse um dia que havia vaga nos armazéns, se eu topava.

Coisa simples, mas de responsabilidades: eu tinha de ajudar a contar as latas de óleo, os pacotes de sabão, fazer o inventário mensal. Um controle morrinhento, que se amiudava. Haviam descoberto que um gato carregava com os pacotes de sabonete — desfalque pequeno mas contumaz. Passaram a revistar os trabalhadores na hora da saída. Homem, de cueca. Mulher, de calcinha e sutiã. Debalde. Não se farejou nem isca — e os sabonetes voando. Contratou-se detetive particular ganhando por hora, com almoço, merenda e jantar por conta da firma. Boiuiu como cortiça. No fim do mês rombos ainda maiores no estoque.

As contagens passaram a ser semanais, na ponta do lápis. Olhos por todos os cantos. E o larápio invisível arrombando sem gazua e sem pé-de-cabra. O almoxarife, desesperado, sugeriu por escrito que se defumasse o galpão das mercadorias, pois o sumiço já levava jeito de obra de algum encosto bravo. Correu também outra versão: o furto era vingança do fantasma de antigo faturista demitido sem justa causa, que se jogou sob o bonde 17.

Uma manhã bem cedo, sofreu pane o caminhão de lixo que todos os dias recolhía a calíça dos patamares e os detritos expelidos pela tubulação dos tanques de decantação. Embatucou, a partida rangia mas não pegava. Dez braços empurraram o trambolho do meio do caminho e mandou-se vir outra viatura para o transbordo, sob os protestos irados do motorista e de seu ajudante, que de modo algum concordavam com a operação. Homem, mas o lixo não podia ficar ali, pegando mosca. Ponderou-se. Os dois embraveceram, subiram pra cima do caminhão, berrando: — Ninguém mexe. Ninguém mexe.

Apitou-se convocando a guarda de segurança, guincharam-se os arruaceiros.

No transferir os muafos da viatura emperrada, escorregaram visguentos dois sacos de plástico transparente gordinhos de muamba. Tinha sabonete ali para lavar os pés de dois regimentos de infantaria.

Os ladrõesinhos fingiram espanto, mas se abriram no sopapo. Pra gaiola.

Na cozinha, à noite, o velho contou a história.

Eu ouvia, senti pena dos mãos-leves. Falei — pombas, o que tem pegar uns sabonetes?

O velho não respondeu. Só me olhou, como quem espia o fundo de um poço seco.

O telefone toca, o homem da chapeira atende. Recebo a informação: o Senhor Chico Batalha está afastado por motivo de moléstia grave.

Não perguntei o que era, não queria mais trisca na fábrica. Falei ré-logo pro homem da chapeira, rodei no tênis.

O vigia abriu a porta para dar passagem, reparei na coronha do revólver e no punho do cassete. Podia eu fazer várias coisas: voltar pra guerra lá na rua

Cantareira, procurar minha turma, me jogar pros lado da Vila Leopoldina, onde me esperavam carretos e caixas vazias de madeira pra empilhar; voltava a defender o meu nos biscates, via meu pai outro dia qualquer.

Fui andando pela rua Guaicurus, passei pelo Tendal, fiquei espiando um pouco os lombadores descarregando os quartos de traseiro e dianteiro. No fundo da carroçaria dos caminhões ficavam as fissuras e miúdos de boi, sacos de aniagem estourando de rins e bofes, rabadas e fígados. Os lombadores jogavam os quartos nos ombros, desciam as escadas de ferro pisando firme nas botas de borracha branca. O sangue coagulado no avental, o cheiro de manança fresca, pareciam reses saída do corte. Vidinha madrastra, porém com macetes. Muito rei da carne começou como lombador promovido a açougueiro. Mas era preciso saber afanar.

Cheguei ao viaduto da Lapa. Sabia que estava caminhando na direção da doença do velho.

O moquiço era a mesma esculhambação de sempre. Caindo pelas tabelas, o destrambelhado portãozinho de ripas de madeira, telhado de zinco. Desci a pirâmbeira, me cuidando pra não cair. A poeira ocre grudando no céu da boca. Cabeças de vizinhos me estranhando. Cismam que eu tenha vindo aprontar, mas não dou pelota.

Entreí sem bater, minha mãe mal me viu lá do tanque já correu pra mim enxugando as mãos no vestido, fez que ia me abraçar. Não posso enfraquecer numa hora desta. Se amoleço, ela recomeça as lamúrias interrompidas, abre a torneira das reclamações, me joga na cara a velha conversa de arrimo de família.

— O que o pai tem?

Ela funga. Vou entrando. O velho está encolhido na cama. Perto do que foi, parece um cavalo cabano. Mexe o pescoço com dificuldade na minha direção, sequer se espanta. Pelo jeito está tão mal que nem tem vontade de se espantar. O barraco está escuro, o cômodo sai da penumbra aos poucos: o criado-mudo aparece cheio de pomadinhas e conta-gotas, vidros de remédios.

Cheiro de mofo, de vômito, de urina seca.

— Qué que o senhor tem, pai?

Reencontro seus olhos de boi. Ele aponta a perna, faz uma careta, repuxa as rugas do rosto. Levanto o lençol com receio do que vou ver, descubro a perna roxa como quaresmeira.

— Foi no médico?

Anuiu com a cabeça. A mãe:

— Tem que cortar.

Eu não tinha nada que sair da rua Cantareira, onde carregava caixotes de alface; não tinha que deixar os trampos do Tamanduateí, onde sempre salvava o meu; não precisava ter vindo cá ouvir esta barbaridade. Podia estar batendo uma caixa com os donos dos boxes do Ceasa, passando a saliva nuns e outros, me virando. Descarregava um caminhão de coco, me arranjava com os chapas. Ficava por lá mesmo. O que tinha eu de vir enfiar o nariz nesta nojenta perna?

Fui até à pia, tirei o surto da cara. Me enxuguei na toalha de saco, bebi um

café ralo. Espiei a paisagem: o riachão, o calipal, a avenida asfaltada lá longe, o morro, a barraca, os quimbembes trepados uns sobre os outros no loteamento clandestino que a imobiliária vendeu a prestação, latas e zinco, pedaços de tábuas, a igreja dos crenes, a capela da comunidade que abastecia de água os lotes, uma outra telha francesa, a voçoroca por onde rolava a enxurrada nos dias de chuva, a gente cabaneira, os maloqueiros. Meu povo.

Lá isso é vida?

A tarde passei sentado na cama, ouvindo os gemidos do velho, que ele abafava com a mão. Quando tossia, rangia as molas de arame. De dinheiro, nem chum. O velho comera as unhas e os dedos das míseras economias. Camelara a vida toda e agora o que tinha, e mal, eram quatro ou cinco notas de dez, uma remendada com fita adesiva, no fundo da gaveta. Pendurado nos pequenos fiados, desacreditado para novos fornecimentos. A mãe batendo roupa, torcendo, coarando.

Ali não dava pé, me botei em campo para arrumar internamento. Antes passei nas bocas no intuito de levantar algum. Me expliquei, contei meu rebolado, visitei os homens dos caixotes, desconfiados de minha conversa. É a lei da guerra. Me arranjei com uns picuás, não era nota esticada mas suportava um tranco. Pagava depois. Na rua Santo Antônio fui me informar nos guichês, subi de elevador, desci pelas escadas, entrei por uma porta e saí por outra. Eu sabendo que a perna do velho devia estar uma pólvora. Nem fome tinha. Comi uma fatia de melancia gelada, cuspiendo os carcos. Me mandei pra Santa Casa, desviei dos pobres sentados na calçada, cansei de sentir cheiro de éter. Dei sorte que peguei pela frente um enfermeiro afetado, me ensinou os corredores. Mandaram-me esperar lá fora com uma senha na mão.

Encontrei na fila uma zinha da rua Guaianases com uma ferida na boca — grossa e purulenta. Punha o lenço na frente para disfarçar. Pombas, meu pai estava mal, mas não assim. Aquela boca ia dar defeito pro resto da vida da menina.

Só depois é que soube que a operação de meu pai tanto podia dar completamente certo como completamente errado — velho defeito da medicina. Cheguei pro Senhor Chico Batalha e expliquei o caso. A dor nesta altura do campeonato parecia maior do que sua resistência, ela estava vencendo a parada, mas eu imaginava que ele fosse ficar puto. Meu pai era um leão, passara a vida no batente, sem fraquejar, chegou a me sustentar no ginásio. Ele não ia gostar de ficar sem uma perna. Mas fui com calma: disse — depois a gente arranja uma cadeira de rodas, o senhor anda por tudo isso aí, lê jornal, ouve rádio, compro um televisor. De araque. No íntimo sabia que não podia fazer nada disso. Cadeira de roda naquele morro era rolar na ribanceira.

O velho não ficou chateado. Deu um suspiro, apertou os lábios:

— Seja o que Deus quiser.

Isso é que me deixa passado. Isso é que eu não entendo.

O velho vinha com a Bíblia em baixo do sovaco. Abria numa página, lia um pouco, murmurava palavras, fechava os olhos, parecia viajar para muito longe. Sabia coisas e coisas de cor: a Bíblia em baixo do sovaco.

A cirurgia foi muito simples — garantiu o enfermeiro com quem fiz amizade. Não sei bem o que ele estava querendo comigo, me convidou para comer uma chuleta com farofa, eu fui. Pediu vinho gelado, uma porção de rabanetes com sal.

Quis saber o que eu fazia. Me viro — disse. Me viro do meu jeito. Meu pai estava dormindo sob efeito da anestesia, ia demorar um pouco para voltar de todo. Mas é uma operação muito simples, garantiu o enfermeiro. Enquanto mordida os pedacinhos de churrasco, contou que eles primeiro desinfetam o doente, depois dão uma injeção na espinha, depois amarram uma faixa de borracha bem apertada na perna, para prender o sangue. Depois fazem o resto: com um bisturi cortam uns vinte centímetros abaixo do joelho, pra deixar o coto. Quando o serviço é bem feito, o paciente pode usar tranquilamente uma perna mecânica. O talhe na carne acompanha o desenho de um ângulo de ponta para cima com as hastas curvas e bem abertas — e traçou, com a faca, um risco na chuleta. Aí têm de achar o osso lá dentro. Pegam a serra elétrica manual, roque-roque, quatro dedos para dentro da carne, que é para depois enrolar e costurar sem problema. A cicatriz fica de lado na perna. O importante é saber trabalhar com a lima, a grosa e a rugina, limpar bem o osso, descolar o periosteio. Tudo muito simples. Como descartar um mocotó.

Eu olhava para o prato do cara, via o suco da carne escorrendo. Já comi muita galinha na enxurrada, sou uma boca santa, mas direi que perdi o tesão do almoço. Bebi de uma golada um copo e mais meio copo de vinho, me subiu um calor na testa. Achei o ar abafado. O cara ali na frente falava um dicionário de palavras difíceis, acho que estava querendo me impressionar; uma hora apontou um pedacinho de sebo — está vendo isto? É aponevrose. Todo homem tem. E todo boi. O mundo inteiro tem aponevrose.

Arrotou mais uns quinze minutos de sapiência sobre como se corta um tríceps, um tendão, um músculo tibial, uma canela, uma barriga da perna, e só depois é que pediu como sobremesa pudim de caramelo.

O velho acordou com sede, pedindo água. No quarto, nenhum podia beber até o dia seguinte. Molhar os lábios podia. Meu pai falou:

— Dói e coça.

Quando o médico veio dar uma espiada, pedi licença pra perguntar se estava tudo certo, se eles tinham mesmo cortado a perna, pois a perna estava doendo. O médico, completamente careca:

— É impressão. Seu pai tem a impressão de que está doendo. A medicina chama a isso de dor fantasma do amputado. Fique tranquilo, rapaz.

Isso pra ficar tranquilo, quando recebi aviso para passar na administração.

Eles iam me transferir um problema de praxe: enterrar a perna do velho. Imaginei fosse gozação do peça de óculos que

estava do lado do balcão, mas logo percebi que a brincadeira era para valer. Tinha uma espécie de bedel especializado no ramo que podia me fazer esse horrível favor, mas tudo dependia de conversar. Somando os dois bolsos da calça eu tinha um lenço, um chaveiro e oitenta e picos. Não dava pra falar inglês. Depois, eu estava com o dia livre. O velho voltara a ressonar, não adiantava ficar de sentinela. Nem podia. As visitas eram medidas e racionadas. Minha mãe ficava de guarda no pátio, mais tarde chegaria o cunhadinho. Assumiu:

— Manda vir que eu enterro.

Se arrependimento matasse ninguém precisava pular do sexto andar.

Assinei um maço de papelada, que nem li, e desci a uma saleta anexa ao necrotério, onde me aguardava uma caixa não muito comprida, trescalando a clorofórmio. Minha vida era carregar caixas na zona do mercado, mas nunca apreciei pacotes. A perna do velho estava lá dentro, muito feia, conforme tirei uma fina. Podia também não ser a perna do velho, mas não tinha nenhuma vontade de levantar dúvidas ou ficar discutindo. Perguntei se o hospital não tinha um jornal atrasado pra embrulhar aquilo.

Subi a rampa e saí na rua. Caminhei até à avenida São João, esperei no ponto do ônibus. Embora não pesasse grande coisa, era uma carga incômoda. Tomei a primeira condução que apareceu, não podia perder tempo. Deu azar que o ônibus estava meio lotado, o cheiro da caixa se espalhou no coletivo: os passageiros me olhavam com revolta e estranheza. Vi um cara tirar um caborje do bolsinho do paletó e se persignar. Procurei ficar bem na frente, perto da porta de saída, onde havia mais ventilação. Todavia, quanto mais o vento entrava tanto mais a coisa piorava. Não me mexia. Quando o ônibus passou em frente à fábrica onde meu pai gastara aquela perna e todo o resto, deu-me gana de descer e entregar o presente na portaria. Porém isso de nenhum valimento seria. Não se pode fazer cabedal de certos desaforos. Ali morrera um pouco a vida do velho. Que descansasse em paz. Tal não é sabedoria, é manha: quando não posso brigar, não bato.

Dali até à Vila Formosa foi outro tanto, mas no segundo ônibus as pessoas não são de torcer o nariz a fedores. São gente vivida, escolada, casca grossa e acostumada a servir de cabrestante ao que der e vier. Gente educada pelas vicissitudes.

Do alto do cemitério se avista um bom pedaço da cidade. Pra quem conhece, é fácil identificar as bandas podres, as vilas, os rebotalhos; e, bem ao longe, os prédios do poder.

Cheguei, expliquei meu rebolado. Mostrei as guias e os papéis. Provado que era parente de sangue, eu ali, encostado na paciência, aguardando a boa vontade da burocracia.

— Uma perna só? — perguntou a cabuleté.

— Por hoje, sim.

Qualquer demora me deixa escamoso. Pra mim as coisas têm de ser servidas quentes. Se marco um encontro na esquina, para acerto ou trampo, dou tolerância de meio minuto contado no pon-

teiro. Não apareceu no tempo regulamentar, só na próxima.

Cara que espera às vezes acha.

A caixa foi examinada de todos os lados. Chegou um cidadão uniformizado de coveiro com andar de especialista em abrir sepulturas. Falou que podia ser lá no canto da esquerda, perto da mureta de proteção. Ou se eu tinha preferências. Não tinha preferência nenhuma, mas mexi no bolso, dando a entender que ele é que devia saber como livrar a cerveja. Assinei num livro. E depois parti atrás dele, acompanhando-o pelos caminhos dos mortos. Aquela pândega toda já estava cansando minha beleza, antes tivesse jogado a perna do velho no rio Pinheiros, queria ver a confusão que ia dar quando descobrissem, picado de mosquito, o pedaço de gente nas grades da represa. Estava fazendo uma enorme força para não me sentir mais lixo do que já era. O coveiro não abriu o bico. Num determinado ponto, parou, começou a furar o buraco.

Fiquei na dúvida se devia fazer uma oração, prestar uma última homenagem à perna. Procurei pensar em outras coisas: não via a hora de encontrar a tropa, partir para a gandaia, talvez encher a cara.

Tomava meia garrafa de fogo-paulista, ia dormir dois dias seguidos embaixo de um pontilhão. Depois, tudo recomeçaria: os biscates na zona cerealista, as pernas das no Mercadão, os papos com os motoristas de jamanta no Parque Dom Pedro, a náusea dos esgotos, a esperança de levantar um numerário para descer até ao mar e voltar tostado de sol salgado da areia.

Pedi licença para olhar pela última vez a perna.

Molhei a mão do coveiro com vintinho, saí chispando.

Minha roupa tinha agarrado a morrinha da caixa, eu fedia. Voltei pelo mesmo caminho, tomando as mesmas conduções, mas desci vários pontos antes. Andei um bom pedaço sem olhar para ninguém. Em cima da calçada, os pobres de todas as horas esticando as mãos.

Os automóveis zunindo, brecando, os rapazes mariscando, as mulheres limpas desfilando os perfumes vespertinos. Mais um pouco a boca da noite vai engolir tudo, cobrir as feridas, as campas, fumar a cidade em lentas tragadas.

No passo vagaroso cheguei ao pátio do hospital quando as luzes já se acendiam. Encontrei minha mãe descabelada, chorando, solitária como uma galinha na chuva. Nem precisou me dizer nada.

Me larguei para o necrotério.

Na mesa de mármore, o Senhor Chico Batalha dormia sem respirar. Seu olho estava meio aberto, cinza. O rosto quieto. Não tinha ainda aquela cor ruim dos falecidos. O livro que ele sempre lia estava ao lado, como se ele tivesse acabado de fechá-lo. Podia ir com ele para o túmulo, mas achei que devia resolver isso depois, com calma. Meti-o, portanto, embaixo do meu sovaco, antes que chegassem as pessoas que iam chorar. Eu é que não posso amolecer. Vou fingir que não estou ligando a mínima e que pertencem a uma terra onde não é preciso ser covarde, nem valente.



LOS HEREJES

Arturo Uslar-Pietri

O venezolano Arturo Uslar-Pietri nasceu em Caracas em 1906 e ocupou diversos cargos públicos, inclusive o de ministro. Mas foi na literatura que logrou os melhores resultados, com livros como "Treinta Hombres y Sus Sombras" — de que tiramos "Los Herejes" — "El Camino de El Dorado", biografía romançada do diabólico conquistador Lope de Aguirre, "Las Lanzas Coloradas", fascinante história dos habitantes da planície de Boves, "Barrabás y Otros Relatos", "La Ciudad de Nadie", "Estación de Máscaras" e "Un Retrato en la Geografía". É também vasta sua obra de ensaísta político, dramaturgo e poeta.

—¡Ay comadre, comadrita! Qué grande es lo que me pasa... ¡Ay comadre! Mi angelito. Mi negrito querido. ¡Mi muchachito, comadre! ¡Ayayay! Si parece embuste... Esta mañana lo dejé jugando. Se tomó su guarapo. Tan contento. Y mírelo ahora, comadre. Mírelo, mi Panchito. Aquí lo traigo...

La mujer llorosa y agitada descubría en el envoltorio de trapos que llevaba en los brazos el cadáver de un niño. Era un indiecito menudo, cabezón, verdense de muerte, con un ojo abierto y otro cerrado. Todas las mujeres y los niños que la seguían volvieron a agruparse para mirar al muertecito, mientras ella lo mostraba a aquella comadre que se había asomado compungida a la puerta de su rancho para vela.

—Ay comadre. Mírelo... ¡Qué cosa tan grande!

Así venía de rancho en rancho por toda la cuesta. Rodeada de sus gritos, de sus gemidos, del murmullo creciente de los que la seguían. Ya dos o tres mujeres descalzas, de largas trenzas, de las que la rodeaban, habían empezado a encender velas.

La que asomaba a la puerta, preguntaba sorprendida:

—Ay comadre. Bendito sea Dios. ¿Y cómo pasó eso? Su angelito, comadre.

Y antes de esperar la respuesta empezaba ya a sollozar junto con la otra. Junto con las otras. Todas lloraban a impulsos parejos.

—Ay comadre. Yo sabía que algo malo me tenía que pasar. Yo lo sabía. Pero a mi muchachito, comadre. Eso nunca. Yo lo sabía. Dios castiga sin palo y sin piedra.

Ya avanzada el grupo bajando la cuesta hacia otro rancho. A cada momento se le iba agregando más gente.

Desde lejos mujeres, niños y hombres se acercaban.

—Vamos a ver. Es Macacha. La del zanjón. Se le murió el tripón. La castigó Dios.

—Ave María Purísima —decía una mujer encendiendo una vela y corriendo hacia el grupo.

Ya Macacha se había detenido ante otro rancho y volvía a descubrir la cabeza del niño muerto.

—¡Ay mi hijo! Yo sabía que me iba a pasar. Si yo cuando pasaba por la casa de esos protestantes les hacía la cruz como al diablo. Si yo nunca me quise acercar. Y sabía que otros iban. ¡Pero yo no! ¿Por qué no te asomás a ver nada más, Macacha? San Miguel Arcángel me ampare. Yo ¿cuánto? Que por qué no entras un saltico, que lo que hacen es cantar unas canciones y te dan un real? Pero yo nunca. Pero de la tentación del diablo y cuando regresaba al mediodía para la casa voy y me meto.

Era la misma historia repetida a la puerta de cada rancho, pero todos los que la volvían a oír abrían grandes ojos de asombro, se persignaban y apretaban las manos sudorosas.

—Dio nos ampare y nos favorezca.

—Yo nunca me he acercado a esos malditos herejes. Yo no quiero nada con ellos. Y ya lo saben ustedes —decía una mujerona, dirigiéndose a dos zagaletos que la acompañaban—, que si los veo acercarse a esa casa los voy a majar a palos.

Macacha continuaba. Todas las caras volvían a ponerse tensas.

—Y voy y entro. Me quedé pegadita a la puerta. Yo misma me decía: Macacha, ¿por qué te has metido aquí? Ay señor, qué hora tan menguada. Eram unos poquitos los que estaban. Un "musiú" cantaba en el pianito. En lo que me dieron mi realito salí corriendo. Ay, pero ya el mal estaba hecho. Mi angelito, mi negrito, mi muchachito querido.

—¿Pero de qué se le murió, Macacha, el muchacho? —preguntaba el ancho mulato vestido de ropa limpia blanca y brillante.

—¿De qué va a ser, Nicanor? Castigo de Dios. Si yo lo dejé bueno y sano por la mañana cuando salí a hacer la tarea.

—Castigo de Dios, Macacha, Ave María —decía el hombre descubriéndose. Las luces de las velas ondeaban en las manos agitadas.

—Cuando regresé iba asustada. Algo me va a pasar. Algo me va a pasar, Virgen del Carmen, amparame. Desde que entré en el rancho vi que la vela de la Virgen estaba apagada en la repisa de los santos.

—Se apagó la vela sola —comentaban todos, repitiendo.

—¿Eso fue en lo que se murió el angelito, comadre? —preguntaba una vieja recién llegada.

—No. Pero lo encontré muriéndose. Estaba acostadito en un rincón en un solo quejido. Ay comadre. Parecía un perrito aporreado. Ya casi no podía abrir los ojos. No tenía fuerzas. Tenía una puntada muy grande. Virgen del Carmen, ¡sálvame! Me puse a gritar. ¡Sálvame! Yo no lo hice por mala. Mi muchachito no tiene la culpa de que yo entrara en casa de esos herejes.

—Ay comadre, qué cosa más grande. Yo quise encontrar el realito que me dieron para ponerlo debajo de la Virgen. Pero se me había desaparecido. Reales del diablo, comadre. ¡Reales del diablo!

El grupo se había ido engrosando con numerosos hombres. Algunas de las mujeres que llevaban velas rezaban roncamente el trisagio:

—Santo, santo, santo —se oía entre las voces de Macacha.

—El diablo los mandó para tentarnos. No tienen santos, comadre. No tienen santos.

—A los santos los desnudan y los rompen —dijeron voces de hombres.

—¡Herejes!

—¡Diablos!

—Creo en Dios Padre Todopoderoso —murmuraban las voces.

—Yo no sabía que eso era tan grande, señor. Que mientras yo estaba allá dentro con esos herejes mi muchachito se estaba muriendo. Por un realito. Allí estaría mi negrito, mi angelito solito, quejándose con esa gran puntada. Sin que nadie lo oyera. Sin que nadie pudiera venir. Nadie. Y su mama cantando para el diablo.

La voz saltaba en trémulos ímpetus de desesperación. A ratos, como enloquecida, la mujer apretaba el cuerpecito en los

brazos y corría un trecho cuesta abajo, hasta topar con otras gentes. Toda la muchedumbre se movía con ella.

— Hasta la vela de la Virgen se apagó.

A fuerza de oír repetir, cada vez con nuevos detalles, todos parecían irse unificando en un mismo sentimiento.

—Ay comadre, qué cosa tan grande. Ya yo me acabé. Yo no resisto esto.

Muchos hombres que regresaban del campo se incorporaban con sus machetes de trabajo bajo el brazo.

—Nadie estará tranquilo mientras esos diablos estén aquí.

—!Herejes!

—!Diablos!

—Ay, no se les ocurra acercarse a esa casa. El castigo es seguro.

—Pobre Macacha.

—Diablos malucos. Su pobre muchachito.

—!Ay! Quién me mandaría a entrar. Si yo sabía que algo muy grande tenía que pasarme. Si esos son los enemigos de Dios.

—!Ave María Purísima!

Las manos volaban sobre la muchedumbre en rápidas señales de la cruz.

—!Mueran los herejes!

—!Mueran los diablos!

Eran voces de hombres. Eran voces chillonas de muchachos. Se alzaban por sobre el temblor de las velas.

Machaca marchaba adelante, parándose a trochos, y la turba la seguía como un arroyo oscuro.

Sus mismas palabras iban reencendiéndose a pedazos en muchas bocas.

—Ay San Antonio. Mi muchachito.

Desde que llegaron al pueblo esos satañases yo sabía que algo malo iba a pasar.

—Dios nos debe castigar porque hemos dejado entrar al diablo.

Parecían detenerse menos. Tan rápidos como el murmullo y las oraciones eran los pasos. Se acercaban al pueblo.

—!Mueran los herejes!

—San Miguel Arcángel, ampáranos. Ayúdanos.

A medida que avanzaban por la calle del pueblo iban añadiéndose más y más personas.

Muchos de los hombres que estaban a la puerta de la pulpería se incorporaron. Los muchachos recogían piedras.

Los recién incorporados preguntaban:

—?Qué es lo que pasa?

—A una mujer del pueblo Dios la castigó matándole su muchachito.

—Por meterse en casa de los herejes.

—El diablo la tentó.

—Virgem del Carmen.

A la que le quedaba más cerca repetía Macacha:

—Ay comadre. Ni un santo hay en esa casa. Al entrar a mí me dio una cosa. Aquello es del diablo. Y fue a pagar mi pobre muchachito. Pero éste es un aviso. A todos les puede pasar.

—Hay que acabar con esa casa del diablo.

—Todo el que se haya acercado se ha condenado. Se le morirán los hijos. Y su alma irá a dar la última paila del infierno.

—Ave María Purísima.

El paso se iba haciendo cada vez más rápido. Era un tropel revuelto. Las voces se alzaban agudas y estallantes.

—!Mueran los herejes!

—!A quemar la casa del diablo!

Iban más y más de prisa. Se empujaban los unos a los otros. Los muchachos atravesaban por entre la masa atropellando a los mayores. Iban envueltos en polvo y voces.

—Eso es lo que yo hago con los herejes. !Eso! —decía un peón de bigote caído lanzando un escupitajo negro de tabaco mascado.

Se alejaban de las últimas casuchas por el camino real. La masa compacta, rumorosa. Pasaron junto a una arboleda. Boredearon una acequia. Pequeños grupos de gentes que venían por las veredas que atravesaban el campo se iban incorporando.

—!Que los maten! !Que los maten! —chillaban algunas mujeres.

—Vamos a acabar con esa plaga.

Y a ratos las voces se unían en un grueso coro:

—!Mueran los herejes!

Ya todos llevaban palos, machetes, piedras. Iban como en un ruido de tropel de ganado...

Macacha avanzaba adelante con el muertecito apretado contra el pecho. Sudoroso el rostro, rojos los ojos, alborotado el cabello, repitiendo en un rezongo gimiendo:

—!Mi querido negrito, Dios mío! !Mi pobre muchachito! Qué pecado tan grande. No podía vivir!

Y luego se volvía a una de las mujeres con velas:

—Ay comadre. Dios me ampare. Cuando entré en esa casa del diablo yo sentí que algo muy grande me iba a pasar. Me dio una corazonada muy fea, comadre. !Ay, Señor!

La otra, y las otras respondían con el rostro desfigurado, tenso, las llamas en los ojos.

—!Los herejes. Bichos malos. !Mandados por el diablo a hacer maldades!

A cada momento, entre el abigarrado montón volaba una mano persignándose.

Todos iban sintiendo como prisa y como angustia a medida que avanzaban:

—Vamos a volver a rezar el trisagio —decía una cascada voz.

Pero voces hombrunas se alzaban.

—!Qué trisagio ni qué trisagio! Lo primero es acabar con esos bichos.

El tropel adelantaba cada vez con más prisa.

—!Hay que pegarle candela a esa casa como potrero apestado!

Todavía lejos, hacia un lado del camino, empezó a verse la casa donde tenían su capilla los protestantes. Era una casa blanca, de zócalo azul y puertas verdes, con techo gris de cinc.

No se veía a nadie en los alrededores.

Al irse acercando hubo como un refrenamiento. Avanzaban cada vez más lentamente. La casa se destacaba nítida, impresionantemente sola en medio del campo. Anchas y abultadas nubes grises hacían fondo en el cielo. Parecía como si fuera a llover. Un viento húmedo cortaba los cuerpos.

Muchas mujeres no se atrevían a ver con fijeza hacia aquella casa que ahora les parecía tan extraña, tan cerca, tan sola. Amenazante, grande, como llena de un temor de muerte.

Eran más ya los que se persignaban que los que gritaban.

Los muchachos apretaban con fuerza los pedruscos en las manos hasta sentir dolor.

En la ausencia de los gritos y del apresuramiento el rumor de los rezos parecía crecer.

Macacha iba como más aislada, más delantera. Los hombres se habían ido poniendo en alas rodeando a las mujeres.

Seguían avanzando, aun cuando muy lentamente. Muy lentamente. Como a veinte pasos de la puerta se detuvieron. Hubo un breve y gran silencio.

De pronto sonó como una detonación. Como el estallido de un disparo que a todos sobresaltó. Alguien, algún muchacho, de atrás, había lanzado una pesada piedra contra el techo de cinc.

Pero no hubo más. Todos sobrecogidos parecían esperar.

Fue entonces cuando se abrió la puerta verde de la casa y salió una niña grande. Alta, flaca, descolorida, con dos trenzas de cabello amarillo colgándole a la espalda.

Vio como sin comprender. Aquellos rostros, aquellos palos, aquellas miradas. Las mujeres, los hombres, los muchachos. Todo el espacio parecía lleno.

Con una voz rara, ida, difícil, descolorida, como su cara, como su vestido, como su pelo, como sus largas piernas flacas, dijo. Todos le oyeron decir con una fría impresión:

—Padre y madre están fuera. Yo estoy sola. Que quieren?

Macacha la ve. La ve a ella sola. No ve sino aquella cabeza sin color. Aprieta al niño muerto con una fuerza convulsa. Tiene el pie descalzo sobre una piedra. Nadie ha respondido.

Pero de repente, como quien corta una arteria y salta la sangre, Macacha brama:

—?Qué queremos? Qué queremos? Qué queremos?

Se agacha.

—?Qué queremos? —resuena. Oye repetir.

Suelta el cadáver.

—?Qué queremos?

Toma la piedra y salta bacía la niña.

Han estallado de nuevo todos los gritos. Más terribles y altos que nunca.

—!Mueran los herejes! Mueran!

Como una marejada la masa se precipita deshecha. Retumban las piedras contra la puerta y el techo. La grito se alza encendida como fuego.

Macacha corre tras de la niña. Lo que le ve ahora es la espalda menuda. Las dos trenzas rubias flotantes. Cerca. Entre el griterío y el estruendo de los golpes.

—?Qué queremos?

Casi al alcanzarla le descarga sobre la cabeza la piedra. La niña rueda un trecho entre a la tierra y la yerba. Los que vienen detrás de Macacha la apedrean ya tan quieta en el suelo. Ya quieta. Ya tan quieta como Macacha, que mira floja, ausente, agotada. Tan floja como el sonido de los pesados pedruscos sobre la carne floja e inerte, blanca y manchada de sangre.

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: PROBLEMA DE INDÚSTRIA OU DE EDUCAÇÃO?

Nelly Novaes Coelho

Mais do que nunca, ultimamente, os setores ligados à orientação educacional das crianças e jovens se vêm preocupando com a chamada "crise de leitura" que o mundo visual e tecnicista do nosso século vem provocando. Em congressos, colóquios, seminários ou debates ligados ao Ensino ou à Indústria do Livro, se tem falado também da urgente necessidade de se ampliarem as redes de distribuição do livro e postos de vendas; de se dinamizar o movimento editorial; de se multiplicar o número de bibliotecas públicas e escolares; etc., etc. Não há dúvida, pois, de que os incontáveis e complexos problemas decorrentes dessa "crise de leitura" e das tentativas para saná-la estão sendo enfrentados desde há muito pelos pequenos grupos que, em cada setor e em cada Estado, vêm arcando com o ônus de tentar resolvê-los.

Diante de tão complexo problema, é evidente que as opiniões se dividem: uns apontam lacunas nos setores que devem responder ao **o quê** e ao **como?** e outros insistem no **onde?** Isto é, uns se preocupam com a matéria-em-si: o **o quê** sugerir como leitura às crianças ou jovens; ou qual critério seguir para a seleção dos livros, por entre a massa de publicações; ou ainda **como** interessar o jovem leitor por essa atividade básica em sua formação, que é a **leitura**, normalmente repudiada como tarefa enfadonha ou inútil. E obviamente perguntam-se também **como** fazê-lo; como concorrer com a influência maciça dos "meios de comunicação de massa", que cada vez se expandem mais.

Outros, por seu lado, preocupam-se com os **meios de divulgação** do livro, e perguntam-se **onde** a crescente massa de estudantes poderá encontrar livros suficientes à crescente demanda imposta pelos novos métodos didáticos, se não dispomos de uma infra-estrutura de base sólida que alicerce uma política do livro, esclarecida.

Na realidade, este último parece ser o problema mais sério a ser atacado de frente, para uma eventual solução ao distanciamento que continua a existir entre o leitor e o livro. E isso principalmente pelo fato de o livro ser um produto ambivalente, — isto é, um **produto industrial** que deve ser, ao mesmo tempo, instrumento de **lazer**, de **cultura** e de **educação** (ou vice-versa, conforme o ângulo em que nos coloquemos...). Sem dúvida, é por essa ambivalência que o livro se transformou, em nossa época, em um problema quase angustiante e sem solução a curto prazo. Só quem o vive, dia-a-dia, em atividade profissional diretamente ligada a ele, é que pode realmente avaliar-lhe as proporções.

Em nossos tempos, como produto industrial que é antes de ser qualquer outra coisa, o livro percorre uma longa cadeia de operações para vencer o espaço aparentemente curto que medeia entre sua criação pelo escritor e a sua chegada às mãos do leitor. Entre as etapas básicas desse processo, do autor ao editor, do editor às livrarias e das livrarias ao leitor, há toda uma gama complexíssima de atividades auxiliares e essenciais, que por várias razões não estão sendo realizadas a contento. Pensando apenas na segunda etapa e no que se segue (isto é, deixando de lado a etapa-base inicial, — o eterno e cruciente problema do autor em busca de editora, e partindo já do livro realizado e em estoque), apontamos apenas três grandes óbices à sua ampla circulação e fácil acesso ao eventual leitor:

1. **A dificuldade de distribuição** por parte das editoras. (Como alcançar todas as livrarias do país, ou mesmo da própria região? e no caso de alcançá-las, como receber com segurança o pagamento dos livros vendidos, a não ser através de uma monstruosa engrenagem comercial?)

2. **A impossibilidade das livrarias comprarem todos os livros editados.** (Qual o capital e espaço exigidos a uma livraria que quisesse manter em estoque todos os livros publicados diariamente no país?)

3. **A inexistência de uma crítica esclarecida** que não só possa orientar a produção editorial, como também divulgar o valor cultural da obra, e assim promover a sua valorização comercial, interessando, conseqüentemente, as livrarias na compra, devido à certeza de venda imediata. (No entanto, dada a mutação acelerada do conhecimento e dos valores em nosso mundo, onde encontrar uma crítica competente que se resigne a trabalhar arduamente, para não receber nada ou quase nada por seu trabalho? Lembremos que Cultura em nosso mundo pragmático e financista é ainda dos setores "privilegiados" que devem viver de idealismo e sem o amparo do "vil metal"... E mesmo que o crítico se resigne a isso, resta uma última pergunta: onde estão os **meios de divulgação** de seu trabalho? Em dois ou três heróicos suplementos e revistas literárias?)

E se nos detivermos na área especificamente educativa, veremos que, simultaneamente àqueles três óbices fundamentais, outras perguntas surgem: Onde estão as "salas de leitura"? as bibliotecas especializadas? os postos de venda acessíveis a toda a população estudantil? etc., etc. E aqui voltamos às duas perguntas iniciais: **o quê?** e **como?** Bem sabemos que, mesmo que fossem criadas, aos milhares, as "salas de leitura", as bibliotecas, e que postos de venda com preços acessíveis ao grande público fossem espalhados pelos quatro cantos do país, ainda

restaria o grande e fundamental problema: Onde está o **personal técnico adequado**, e em número suficiente, que possa dar a **necessária orientação** à grande massa de jovens leitores?

Não há dúvida de que aí está a **ponta da "meada"**, a tal "ponta" que, se encontrada, poderia ir puxando o fio corretamente e desmanchando o emaranhado. A nosso ver, a precariedade da orientação educacional é ainda um dos maiores problemas em meio ao vasto processo comentado mais acima.

Muito se tem responsabilizado a influência maciça e nefasta da linguagem visual que caracteriza o mundo de hoje, pelo repúdio que as crianças e os jovens (e os adultos, não?) têm pela linguagem escrita. Assim, para a maioria dos que têm a seu cargo a orientação da população em idade escolar, esse fenômeno irrecusável da aversão pela leitura vem servindo de escudo protetor contra suas próprias falhas, na orientação que deviam dar aos seus jovens educandos e não sabem como.

A verdade é que, embora vivamos em plena era da imagem e do som, o livro ainda continua a ser o instrumento ideal no processo educativo. Daí a importância que a literatura infantil e a juvenil assumem no atual processo da educação. Bem sabemos que só a partir do momento em que a criança ou o jovem aprendem realmente a ler é que adquirem a capacidade de se empenharem em atividades culturais conscientes (interesse pela pesquisa, capacidade de análise e síntese; capacidade de valorização do real; conscientização do "eu" em face da vida exterior; desenvolvimento de uma mentalidade crítica e criativa, etc.). Exatamente a capacidade que será a matéria-prima a ser trabalhada pelo mestre no processo da aprendizagem em seus vários níveis, principalmente através dos textos, ou melhor, da biblioteca de consulta. E neste caso, já a leitura da criança ultrapassará amplamente os limites da leitura "infantil", e a dos jovens os limites da "juvenil", para aventurarem-se com proveito em áreas mais complexas: enciclopédias, livros-documentários, artigos jornalísticos, reportagens, etc.

No entanto, paralelamente a essa nova importância que a moderna pedagogia vem dando aos textos, já é tempo de aceitarmos também a presença irreduzível dessa "cultura selvagem" (no dizer de Jean Onimus) que caracteriza o mundo atual e tentarmos descobrir o que nela existe de positivo, isto é, o seu poder de atingir fundo a criança ou o jovem, em virtude da inata disponibilidade que eles apresentam para a aventura e para o jogo. Como diz Edgard Morin, "... numa sociedade em rápida evolução e, sobretudo, numa civilização em transformação, como a nossa, o essencial não é mais a experiência acumulada, mas a **adesão ao movimento**." É justamente essa "adesão ao movimento", especialmente veiculado por essa "cultura selvagem", que poderá ser explorado em favor de uma nova abertura para a literatura, e não bloqueado como muitos persistem em fazer.

A influência dessa "cultura às avessas"

existe de maneira irredutível à nossa volta. Assim, o problema que agora se coloca é muito menos o de encontrarmos meios de combatê-la, do que o de utilizarmos o que ela tem de positivo para o desenvolvimento cultural das crianças e dos jovens e, ao mesmo tempo, denunciarmos o que ela tem de negativo. Certas "estórias em quadrinhos", certas "novelas de televisão" ou certa publicidade (mural, radiofônica, de imprensa, televisada...) podem ser tomadas como ponto de partida para levar os alunos a se interessarem por leituras correlatas, ou desenvolverem o seu espírito crítico de avaliação. Práticas como essa, e outras mais, já estão sendo exploradas com grande proveito, embora ainda em pequeníssima escala. E se é verdade que por um lado são perfeitamente exequíveis em larga escala (pois não dependem de complexo equipamento audiovisual, slides, gravadores, etc.), por outro lado, são praticamente inexecutáveis, pois dependem de um professor preparado para essas novas trilhas, e que possa responder conscientemente a pelo menos duas das perguntas que foram colocadas no início: o quê? e como transmitir o prazer e a essencialidade da literatura aos educandos?

Encontrar hoje esse professor não é nada fácil, basicamente devido à acelerada expansão da rede escolar em nossos dias, e à conseqüente necessidade de uma profissionalização cada vez mais prematura do corpo docente, em todos os níveis de ensino. Na deficiente formação dos professores (e profissionais em geral) está um dos problemas cruciais da escola

brasileira atual. A pedagogia emerge penosamente das esclerosadas diretrizes do passado e vem enfrentando uma dupla frente de ataque: de um lado a **democratização do ensino** e de outro, a **renovação dos métodos didáticos**. Obviamente, dois fenômenos que, na prática, colidem e se excluem mutuamente: a democratização do ensino congrega as **massas culturalmente despreparadas**, e a renovação dos métodos exige **elites superpreparadas**. Estamos no início do processo, daí o desequilíbrio: onde encontrar as elites superpreparadas que possam atender ao vertiginoso aumento das massas que ocorrem ao estudo?

É para esse problema de base, sem dúvida urgentíssimo, que, com prioridade, devem ser encaminhados os estudos que visem à solução do problema leitor/livro. Problema que fatalmente atinge também a criação do próprio livro infantil e juvenil, pela nova conscientização do escritor em face do novo mundo que tem pela frente.

Assim, uma das metas prioritárias para a eventual solução a curto prazo do problema leitor/livro (paralelamente a uma política do livro esclarecida) deverá ser a urgente preparação (em cursos breves e intensivos) dos professores, orientadores educacionais, bibliotecários, etc. para que tenham condições de dinamizar as relações educando/livro, transformando a literatura em lúdico e eficiente instrumento de educação. Só entrando em contacto vivo e criativo com a experiência da leitura (silenciosa ou oral), é que a criança ou o jovem poderão sentir-se atraí-

dos pelo livro, — ponte indispensável entre o indivíduo e a cultura a ser assimilada, no processo de formação de sua personalidade.

Sem uma estrutura de base que promova ou atualize a formação do corpo docente na área da Comunicação e Expressão; e sem uma crítica esclarecida que oriente escritores, editores e livreiros... dificilmente poderão ser sanadas as lacunas que hoje existem no processo de relações leitor/livro.

Bem sabemos que, sem medidas concretas, todas as discussões serão estéreis e os diligentes esforços dos poucos abnegados que se preocupam com o problema cairão no vazio. Só do entrosamento dos esforços governamentais e dos grupos de professores, escritores, críticos, bibliotecários, técnicos de educação, editores, livreiros, etc., conscientes do problema, poderão surgir planos concretos a serem realizados a curto prazo, e que sirvam de ponto de partida para as verdadeiras soluções que poderão ser atingidas só a longo prazo.

Felizmente a conscientização do problema já está em marcha...



UM LIVRO SOBRE OS ANOS 70 NO BRASIL COM TODAS AS SUAS IMPOSSIBILIDADES

Nas Livrarias ou por Reembolso Postal.
Pedidos à Vertente Editora Ltda.
R. Monte Alegre, 1434.
05014 — S. Paulo (SP)



Cr\$ 50,00



MÁRIO CHAMIE

Mário Chamie publicará em julho pela Quíron "O Objeto Selvagem", que reúne os seus nove livros, dois dos quais inéditos: "Configurações" (1956) e "Conquista de Terreno" (1968). Assim o poeta paulista explica o título "O Objeto Selvagem": "O texto ou poema que alimenta a sua coerência e identidade através de mudanças e redimensões internas é um objeto selvagem, que se dá num momento e se ultrapassa em outro, iludindo a sua aparência domada".

HELENO MASTROVIGA

— Um pouco de sal na comida
não é o sal da vida.

Dizia-se Heleno
Mastroviga
pensando na morte
por divisa.

— O sal da vida
só tem mesuras
não tem medida
só tem agruras
em sua desdita.

— Mais que o sal,
certo feno,
dizia Heleno
Mastroviga,
é fruto de ideologia.

— De ideologia
que faz da vida
a conta de tanta
morte pressentida.

— E se o sal pusesse
a vida na vida
não haveria a morte
com sua perícia
madastra e forte.

Assim se dizendo
com mais valia
Heleno Mastroviga
mascava o feno
da ideologia,
doce veneno
de sua vida
sem mais nem menos.

ANTÔNIO DE RAPINA

— Dá cá o pé, papagaio de merda,
era o que se dizia
Antônio da Silva,
em seus cuidados de domador.

O que domava
não domava o tempo
no seu espaço caviloso.
Não inaugurava o covil
do seu poço.

O espaço da memória
não ensinava ao verde-
gaio a memória do tempo
de Antônio da Silva.

— Dá cá o pé, papagaio de nada,
repetia o domador
que no verde-gaio se via
no abismo de sua hora.

Nessa dádiva morta
Antônio de Rapina
raptava a hora grave.
Cantava a própria sorte
no bico de sua ave.

HERANÇA

Todas as moedas no bolso.
Todas as moelas no esôfago.
Um baque. Um som. Um veludo
moroso

no gesto deste homem
com todas as moedas no bolso.
Toda moeda tem seu drama,
ganha na hora da morte
na hora do morto
entre papéis e flores
de mofo.

Toda moeda tem sua trama:
quem a ganha,
encarna o morto
carrega o seu regime
a propriedade do osso
no fogo fosco de um crime.

Não um crime de matança
mas um liame de herança
um liame que liga
a ausência do rosto do morto
na presença da moeda no bolso.

Um liame da aurora sem rosto
com o rosto morto do sol posto.

NOVOS: POEMAS

O 2.º lugar do Concurso de Contos do Paraná, 1970, foi de Alberto Villas, que aqui faz as vezes de poeta. Com os livros "O Juízo Final" e "Baile das Máscaras" obteve duas menções honrosas no Fernando Chinaglia. Villas está fazendo jornalismo no Institut Français de Presse, em Paris.

Romildo Gouveia Pinto é de Caruaru, Pernambuco, onde nasceu há 27 anos; agora vive em Recife e também escreve contos. Eustáquio Teixeira Gomes tem 23 anos e é de Campinas, São Paulo, onde trabalha como jornalista e redator de publicidade; tem um livro lançado por conta própria ("Cavalo Inundado") e dois rejeitados pelas editoras ("O Cubo e a Flor" e "Cessação da Flor"). Paulo Roberto Moreira Jantalia tem 21 anos e estuda comunicações e arte na Universidade de São Paulo; participou de concursos de poesias no interior e nunca foi premiado; pretende até o fim do semestre lançar um livro em conjunto com outros poetas e contistas. A única informação que temos de José Júlio de Azevedo é que é paranaense: "A Ciranda da Favela É o Medo" é um dos "Treze Espantalhos Sob Neon e Bananeira", poema longo, Paulo Leminski também é paranaense e autor de um romance, "Catatau", que só agora começa a chegar às livrarias dos grandes centros.

A DANÇA DAS COBRAS

Alberto Villas

o mato rasteiro
ainda verde
apesar do inverno.

o sol frio
batia nas folhas
clareando o pantanal.

as cobras almoçando
inquieta dançando
mascando mascando.

os ratos soltos
presos morrendo
nas garras das cobras.

os ratos
tontas cobaias
de banquete-pecado.

as serpentes contentes
ardentes
sambavam.

engoliam bichinhos
de osso e sangue
com carne e tudo.

a mais verde de todas
cantava comendo
olhando pra gente.

com olhos de fogo
veneno na mente
e mickey-mouse entre os dentes.

UM RIO

Romildo Gouveia Pinto

onde nasci não passa um rio
passa rua e passa estrada
onde passa muita gente
gente que passa pro Rio
(que não passa sem a gente)

onde nasci não passa um rio
passa rua esburacada
onde só passa menino
— virgem, que meninada
e que miséria danada!

onde nasci não passa um rio
passa rua desesperançada
onde vi passar geraldá
passando em busca do Rio
ou em busca do destino
seu destino de empregada
mãe de futuro menino
já sem destino nem nada
como aquela meninada.

onde nasci não passa um rio
passa uma rua desgraçada
onde vi passar geraldá
buscando desenganada
um destino sem futuro
lá no Rio de Janeiro
um destino bem escuro
só pra fazer o futuro
(como o passado e o presente)
daquele Rio bandoleiro
que não passa sem a gente



A TECELÃ

Eustáquio Teixeira Gomes

Minha mulher tece o dia
com seu rosto de menina,
o ar que respira
é o de fêmea cósmica.

Fina luz orgânica
pela casa filtra-se
e do corpo onde amarra
sua condição

insurge-se, denso, o Todo
com seu centro e a não
falaz mas possivelmente
concebível explicação.

Mulher. Minha? Do ar?
O adorno secreto
das chaves do pânico?
A coisa justa e à mão?

Tão à mão que o ar
cresta-se no em torno
de outras ondas de ar
como em armação

que se constitui
da laranja em torno
em que docemente
ela põe a mão.

Mais que o ar é o vento,
mais que o vento o tempo,
mais que o tempo o sonho,
mais que o sonho o centro.

E onde o centro, onde?
Minha mulher tece teias
entre laranjas, cubos,
o ponto de fusão,

a difusão e o reencontro
de eternidade e fogo.
Mulher. Minha? Do ar?
Mais da rebelião.

Entre a rosa e a morte
envolve-se no cético
dia fluindo do nada
(como do nada o seu centro).

Assim disposta na tarde
contém-se no observar
qual elemento que seja
capaz (ou não) de explicar

a doida movimentação
dos elementos de ar
que a vestem do (secreto)
segredo de respirar.

Veste-a o ar, e do ar vestida,
para na porta em par
onde a dualidade a espera
com uma nudez mais atual.

AOS MEUS COMPANHEIROS LEÕES

Paulo Roberto Moreira Jantalia

aos meus companheiros leões,
e aos companheiros de sempre,
às palavras que me chegam
e às que não me partem,
depois de todas as horas contadas
reconheço a minha casualidade,
a ela,
à sua causa.

à esfera fúnebre que risca
o papel absolutamente,
e às esferas de sempre,
à procura do leite seco
para preenchê-lo,
e a esta noite, azul que é leite vazio,
de três máscaras
nos fantasiámos,
às duas negras,
à branca,
por esta magia.

canos e folhas repousam na
superfície dura de cimento em falso
em que me apoio,
chove, à chuva,
ecoa, ao som,
ilude, à imagem,
morre, à morte,
cantam as inúmeras faces de vida.

a estes olhares, então,
aos dentes brancos que mordem
e riscam, a este sangue,
ao azul deste coração etéreo
latejando entre as nossas unhas,
de animais crus.
distantes.
ao rock feito nos troncos das
árvores secas,
(às valas poéticas cavadas na areia)
tomando as formas do chão.
unhas entupidas de grãos,
desgastados das cordas,
cacos,
a eles,
pela esperança fria de vidros
partidos.
e pela esperança fria dos vidros
partidos.
dedicamos.

A CIRANDA DA FAVELA É O MEDO

José Júlio de Azevedo

A ciranda da favela é o medo
e a roda marcada de balas-rondas
[dirigidas.

A criança percorre o túnel do
[tempo
entre o neon da avenida grande
e a lamparina interior verminose.
O jaspé da bola de gude
tem o gosto de masturbações

[prematuras
sob a noturna luz das bananeiras
no pecado ensanguentado das
[paineiras
quando o estilingue mata no pássaro
a mistura míngua do almoço ralo
[como a sopa de um funeral precoce
no prato úmido de diarréias
[goteiras.

O azul maior é o azul do céu
quando a ferida gangrena
a perna bananeira.

O calor que protege é o calo
[depreciado
e a água benta da eucarestia, a que
[sustenta
(uma futura justiça em troca da
[novena).

COMPORTEM-SE, MENINOS

Paulo Leminski

Comportem-se meninos
Estamos num território neutro
Terra de ninguém
que alguém descobriu
e vendeu para sempre
onde os vitoriosos são farsantes
a moral é vitoriana
os vencedores trapacearam
e os vencidos
— os derrotados
— os abatidos
— os desolados
— os descampados
— os abolidos
— os sonâmbulos usando a
[maquilagem dos suicidas
seus inimigos principais
— os metralhados
só porque se desesperaram
e sacaram primeiro
a mentira da legítima defesa
matando Deus e todo mundo
são aclamados como imbecis
[pelas ruas.

NOVOS: CONTOS



UM DOMINGO COMO OUTRO QUALQUER

Wander Cairo Levy

Wander Cairo Levy, goiano de 26 anos, é redator de uma agência de publicidade em São Paulo.

José Antônio Simch da Silva, jornalista gaúcho que também reside em São Paulo, tem dois contos publicados em "Há Margem", uma das recentes coletâneas de autores do Rio Grande do Sul.

Antônio Carlos Braga é mineiro e tem publicado contos em jornais e revistas.

No canto esquerdo da sala, perto da janela, um tapete cor-de-vinho com desenhos geométricos em tons claros. Sobre ele, os pés envoltos por um par de sapatos vindos não sei de onde. Mas, sem dúvida nenhuma, de muito longe. Acima deles, duas pernas recheadas de varizes disfarçadas por longas meias brancas subiam em direção a uma poltrona de veludo macia e surrada. Apesar de estar contra a luz, eu podia ver o resto do corpo mofado, apodrecido e enrugado da Sra. Antonieta Godoy de Almeida e Silva, minha mãe.

Em frente dela, ocupando todo o assento de uma imensa cadeira de balanço, uma bunda redonda e angulosa, presa por uma calça de algodão e uma saia grossa que corria até os pés. Partindo deste pedaço de corpo, que eu tantas vezes imaginei debaixo de mim, surgia uma mulher quarentona, cheia de carnes e músculos, de sangue e de veias, de pêlos e verrugas, de banhas e pintas, de dedos e algumas cicatrizes. Seu rosto era impessoal, assim como a sua vida, assim como deveria ser uma Sra. Josefina Godoy de Almeida, minha tia e modelo de mulher que eu desejava.

Ao lado, escondido atrás de uma edição de domingo do semanário local, dava para ver alguns pedaços da coisa mais asquerosa e repelente que eu conhecia: o velho rabugento, reacionário, intransigente, putanheiro, saco roxo, pessedista, advogado, burocrata, careca, católico apostólico romano, proprietário de um Morris 47, colecionador de selos, admirador incontestável de todos os Presidentes da República e também o Senhor Otávio Teotônio da Silva, meu pai.

Nas paredes, gravuras desconhecidas, de autores desconhecidos, para pessoas desconhecidas. No teto, pendurados por longos fios encardidos, centenas de peda-

cinhos de vidros ocultando lâmpadas amareladas pelo tempo e pelo dia. Na janela, pedaços de panos transparentes que dissimulavam a luz invasora de uma tarde de domingo dos últimos 9 anos.

A mesa estava desarrumada, suja, após mais uma travessa de frango assado recheado com farofa, arroz de forno banhado em ovo, salada de tomate vermelho com cebola, vinagre e azeite, vinho de missa, jarra de água com cloro, pudim de leite moça com ameixas pretas.

Uma mosca azul, veloz, feia, peluda, barulhenta, sobrevoava em vôos rasantes o resto do prato que podia ser meu, da velha, da quarentona ou do velho.

Ninguém falava nada, ninguém ouvia nada, ninguém existia ali. Era apenas por um acidente geográfico que todos estavam sentados há mais de duas horas naquele lugar.

O silêncio era tão profundo que dava para ouvir levemente o som de uma música saída provavelmente de um rádio, provavelmente de um rádio da casa vizinha do lado esquerdo da minha casa.

Raft... o velho acabava com mais uma página do jornal e corria os olhos ávidos pelas notícias policiais. Quem sabe não tinha sido assassinado um conhecido, talvez mesmo um amigo, não tinha sofrido um assalto um inimigo, não tinha sido atropelado um parente ou qualquer coisa assim que daria bom assunto na casa de sicrano, beltrano ou fulano hoje à noite.

Pelo visto não tinha acontecido nada de interessante na cidade na última semana. Que eu me lembre, nos últimos anos também não tinha acontecido nada de excitante.

De quem era a culpa? Da cidade? Das pessoas? Da vida?

Da janela dissimulada pela cortina transparente eu via uma porção de ja-

nelas do prédio construído em um ano e pouco no nosso antigo campinho de pedradas.

Lentamente, prolongado ao máximo o prazer de estar lá em cima, uma garota de mais ou menos 16 anos limpava com uma flanela embebida em álcool o vidro da janela do 5.º andar do prédio em frente.

Raft... a página policial foi virada e a reunião de hoje à noite na casa de sicrano, beltrano ou fulano continuaria sem assunto para desespero geral.

Descaradamente a Sra. Antonieta Godoy de Almeida e Silva roncava baixinho, mas roncava. Creio que esse era o único momento que ela falava alguma coisa interessante, que ela chamava a atenção das pessoas.

Lentamente a garota de mais ou menos 16 anos perdeu o equilíbrio e num vôo espalhafatoso despencou lá de cima até o jardim aqui de baixo, caindo que nem fruta madura no meio dos espinhos da roseira.

O meu primeiro impulso foi o de gritar de emoção, de alegria, de entusiasmo por ter acontecido alguma coisa naquela tarde chata de domingo.

Mas não. Eu não podia dar essa chance ao senhor Otávio Teotônio da Silva, meu pai. Eu não poderia entregar de graça um assunto tão empolgante à Sra. Antonieta Godoy de Almeida e Silva, minha mãe. Eu não deixaria na boca da Sra. Josefina Godoy de Almeida, minha tia, o relato completo do que só eu tinha visto.

Fiquei imaginando o susto que eles levariam se eu calmamente dissesse: caiu uma empregada do prédio.

E fiquei aguardando até hoje, durante muitas outras tardes de domingo, o impacto e a emoção que eles sentiriam.

DESESCALADA

José Antônio
Simch da Silva

Provavelmente foi só um grande tédio. O homem levantou da cadeira estofada, na sala bem decorada do 10.º andar, passou a mão sobre a cabeça do filho, no berço, e foi para a sacada. Segurou-se no corrimão e passou as pernas para o lado de fora. Pretendia atingir o andar de baixo.

Segurou com força a barra de ferro do parapeito, enquanto enganchava as pernas na estreita parede que separava apartamentos. E foi descendo assim, segurando-se à parede quase lisa até seu pé encontrar a guarda da sacada de baixo. Então firmou-se e pulou para dentro. Não havia ninguém por ali, e ele descansou um pouco antes de reiniciar a descida. De andar para andar ganhava mais segurança nos gestos, embora perdesse em força.

Já perto do sétimo, uma cabeça de mulher apareceu alguns andares abaixo. E seu grito de susto quase o fez soltar-se. Logo surgiram curiosos em outros andares e nos prédios vizinhos. Também na rua as pessoas começavam a apontar para ele.

Fechou os olhos para concentrar-se e continuou descendo. Firmou-se com dificuldade na parede próxima e saltou para a primeira sacada. Olhou para a rua com mais calma: os carros pareciam besouros, baratas, brinquedos — sabe-se lá. Na sala contígua ao balcão onde esteve, apesar da movimentação e do barulho, uma jovem mãe e uma criança que viam televisão não notaram sua passagem.

Seus braços agora doíam com a descida, estava cansado. As pernas tremiam com o esforço.

Sexto, quinto, quarto andar — os moradores dos apartamentos de baixo afastavam-se, dando-lhe espaço. Alguns lhe ofereciam descansar um pouco num sofá, outros sugeriam que agora já podia descer como todo mundo pelo elevador, ou até pela escada, já que gostava tanto de exercícios.

Sem ligar para nada — parecia não ouvir — o homem prosseguia.

No quarto andar, um senhor de óculos escuros, aparência de militar reformado, puxou uma pistola. Até da rua sua ameaça foi ouvida:

— Colocou um pé na minha sacada leva bala!

Fez-se um grande silêncio, atingindo calçadas, andares vizinhos, os outros prédios. Mesmo o ruído de um avião que voava baixo naquela hora deixou de ser ouvido. Quase sem apoio, sustentando-se apenas pelos braços, o que descia ficou imóvel. Mas de repente, aparentemente sem ligar para o que pudesse lhe acontecer, o homem avançou e fincou a ponta do pé sobre a guarda do balcão. E foi aclamado pela massa, que agora exigia aos berros que o velho nada fizesse. Com tantas vaias e ameaças o homem armado guardou o revólver e saiu da sacada.

— Será algum golpe publicitário? — as pessoas se perguntavam.

— Deve ser um louco...

— Mas que coragem!

Outras: "Se for ladrão tem que matar. Se fosse eu empurrava ele de lá. Ladrão tem é que matar".

— Será que ele pensa que é macaco, homem do circo ou o quê?! — exaltou-se um cumpridor técnico em contabilidade.

— Ele é um herói — disse um jovem, com voz pastosa de bêbado. — O grande herói da classe média. Está redimindo vocês.

Mas o homem que descia resvalou antes de se firmar na sacada do velho. Seu pé perdeu o apoio e ele ficou novamente no ar, como um pêndulo, enquanto na multidão olhos se arregalavam e mãos tapavam a boca. Parece, no entanto, que os suspiros abafados conseguiram sair, e chegaram até nosso herói. Com nova força, ele suspendeu as pernas e enganchou-as na barra do parapeito.

Logo estava deitado na sacada, exausto, enquanto o velho da arma chaveava

a porta e se afastava, temendo qualquer coisa. No entanto não havia motivo para medo: o homem não pensava mais na ameaça, só queria um rápido descanso — ainda tinha o que fazer.

Enquanto descia a situação ficava clara: ninguém, de nenhum dos apartamentos por onde passava, tentava ajudá-lo. Porque, era óbvio, ele era o espetáculo, os outros apenas público.

Com grande dificuldade chegou ao andar de baixo. Finalmente, enquanto descansava numa das últimas sacadas, massageando as pernas, uma moradora lhe ofereceu um cafezinho. Não? Um chá, quem sabe?

Também não. E logo o segundo andar, o primeiro. O povo, que antes incentivava, agora aplaudia descaradamente. Ele teve um rápido desmaio ao deitar-se na última sacada. Mas logo levantou-se: ainda faltava a marquise, e o chão.

A plataforma se pronunciava comprida, quase dois metros abaixo. Ele saltou sem medo. Mas o pé torceu e houve um sofrido grito no ar. As mulheres gritaram também, de espanto. Os homens fecharam os rostos, abafando tudo.

— Ninguém toma uma providência? Afinal?... Bem, o zelador chamou os bombeiros, mas eles ainda não haviam chegado. Entre a multidão houve quem se oferecesse para buscá-lo, é verdade. O próprio zelador se prontificou a subir com uma escada.

Mas era impossível essa busca. Ele arastou-se até a borda da marquise, quatro ou cinco metros do solo. Sua chance era alcançar com um bom pulo o poste de luz, a uma distância relativamente pequena da plataforma.

Equilibrou-se na beira, calculou a distância, e se atirou.

Suas mãos seguraram o poste, os dedos fecharam-se sobre o corpo de metal. Mas escorregaram. Ele batera com a testa, com força, e só sentiu que caía, caía. Ia. No chão, antes de perder completamente os sentidos, ouviu que a platéia vaiava. Afinal, ele havia falhado.

O NOME DO BICHO

Antônio Carlos Braga



O lugar onde estavam era relativamente seguro. Havia água, alimentos, e apesar do emaranhado de cipós, galhos, e árvores enormes, era possível se ver a luz do sol de vez em quando. Mas durante as noites, que nunca tinham hora certa para chegar, nem duração determinada, o medo dos bichos ameaçava toda a relativa segurança, fazendo com que os dois se agarrassem chorando em qualquer coisa supostamente firme.

Quando a luz chegava se viam ridiculamente pendurados num ramo rente ao chão, ao alcance de qualquer inseto.

Jásper tentara mudar daquele local diversas vezes. Mas voltava sempre, a consciência acusando-o de desertor. Lívia nunca o seguira nestas tentativas de mudança. Ela achava mais seguro ficar para uma salvação inesperada do que correr o risco de novas situações em lugares mais desconhecidos ainda. Jásper usava seus argumentos fortes e propunha até uma certa prudência na pretendida caminhada:

— Caminhamos enquanto houver luz e paramos quando escurecer. Você sabe muito bem. Aqui, se um bicho qualquer não nos comer, vamos acabar nos transformando, criando raízes, folhas e adquirindo costumes vegetais.

Lívia não acreditava na história das raízes. Aquilo era imaginação do companheiro, sempre pensando coisas. O fato é que, desde quando se viram neste lugar, já não sabiam mais a contagem do tempo, nem quantos dias, meses ou anos haviam se passado. Às vezes acordavam, uma pequena claridade varando as folhas, e mal começavam a se mover, a escuridão novamente fazia noite. Jásper acendia o fogo, Lívia fervia água, cozinhava raízes, frutas, ovos

de pássaros, répteis e alguns insetos maiores. Enquanto isso ele montava guarda com uma lança rústica de madeira, esperando os bichos só conhecidos pelos barulhos que faziam ao longe.

Numa dessas noites-surpresa Lívia viu a cara redonda de um deles entre as ramagens, os olhos brilhantes e os dentes afiados. Entornou as coisas, correu em pânico para o jirau e ficou agachada num canto, gemendo baixinho, dizendo que o nome do bicho era Trom.

— Como você soube disto?

— Ele me disse, Jásper! Disse bem devagar e falava sério.

— Olha aqui. Você está com sintomas de transformação acelerada. Já entende a linguagem deles e daqui alguns dias suas raízes começam a brotar. Aí será tarde. Nunca mais sairemos daqui.

— Não podemos mesmo sair. Como vamos enfrentar os cipós, o pântano, este bicho Trom e sei lá quantos outros?

Jásper ficou calado, pensando, e em seguida saiu decidido dizendo que ia pegar à unha o tal de Trom. Lívia gritou histérica, mas ele já tinha descido do jirau e desaparecido no escuro. Ela contava as noites nos dedos e estava sempre atenta aos ruídos e barulhos. No dia seguinte à 16.^a noite, Jásper apareceu bem disposto, sorrindo, e até um pouco mais gordo. Lívia, que já estava imaginando um modo fácil de morrer, desceu do jirau com suas perguntas:

— Como foi? Você o pegou? O que aconteceu?

— Tudo certo. Peguei-o depois de correr e escorregar umas mil vezes no pântano. O bicho era esperto. Propôs até nos ensinar o caminho para um lugar... não confiei nos olhos dele.

— E então, onde ele está?

— Eu o comi.

— Ah! Você está envenenado, delirando!

— Pelo contrário. Sinto-me muito bem e daqui pra frente vou ser caçador de trons. Deixo os insetos e répteis para você.

Jásper não só cumpriu a promessa, devorando todos os trons que encontrava, como estendeu sua gula a todo tipo de bicho. Não mais montava guarda. Ao contrário, torcia para que eles viessem e tentassem atacá-lo. Assim não precisaria correr pelo pântano atrás de peludos, escamosos, e os terríveis peles-verdes.

Lívia sentia-se mais segura e ajudava na captura dos animais atraindo-os com frases sugestivas, capciosas, cheias de maldade. Jásper se tornava forte, ágil, conhecendo todos os segredos dos bichos pela ingestão de seus corpos. Às vezes sofria perturbações gástricas passageiras, mas logo se recompunha para a caça. Lívia criava raízes profundas na terra escura, engordava de tanto comer passarinhos e insetos, além da seiva forte que sugava do chão. Há muito tempo esquecera o jirau. No começo, entre uma caçada e outra, Jásper tentara mudá-la de lugar. Cortava suas raízes, arrancava as folhinhas novas que nasciam atrás de suas orelhas, debaixo dos braços e entre suas pernas. Depois, com o aumento gradativo do número de bichos a serem vencidos e engolidos, desistiu definitivamente desses cuidados.

Com o tempo Lívia já tinha criado casca porosa. Lançou galhos acima das outras árvores e experimentou diversas vezes o tipo de flor que combinava melhor com o seu jeito verde-escuro.

LIVROS

POÇO E NUVENS

No prefácio de *O Ovo Apunhalado*, Lygia Fagundes Telles conclui uma série de justificadíssimos elogios ao estilo e à imaginação de Caio Fernando Abreu observando que o contista "por pudor, talvez, escamoteia através dos personagens (sempre anti-heróis) a "dor que realmente sente." Em minha opinião, esse pudor — se é que se trata disso — apresenta-se no livro em dose excessiva, fazendo com que a maior parte dos contos nele reunidos deixe, no final, a impressão de inconsistência, de prematura acomodação ante as dificuldades dos temas propostos. Caio Fernando Abreu escreve bem, aliás, muitíssimo bem. Mas isso não basta. Se sua prosa é como uma flauta mágica, conforme diz Lygia em outro trecho do prefácio, convém que o escritor se imunize um pouco contra o próprio feitiço. E o feitiço, no caso, é se deixar conduzir por uma notável capacidade de verbalizar, em linguagem elegante e fluente, excentricidades irrelevantes. O que teria de ser elogiado, não fosse a frequência indistinta em todos os contos que acaba por frustrar a individualização das estórias e dos personagens, resultando no contrário da descida ao fundo do poço proposta pelo autor na abertura do livro. Somos, isto sim, constantemente levados para as nuvens. Nuvens radiantes, de engenhosa conformação periférica, mas, na essência e na leveza, monotonamente parecidas. Exceções: "Retratos" e "Noções de Irene". Neles, a gente ao menos se debruça na beirada do poço. (Editora Globo, 155 pgs.)

Hamilton Trevisan

ANTES DO ZERO

O rapaz mulato, operário, deixa o emprego para lutar boxe. O pai não quer. A irmã passa a ferro o roupão do lutador. Ele quer ficar rico. O canal 9 vai transmitir a luta e a cidade, toda a favela, assistirá. Apanha e vai fumar maconha com os amigos — entre eles há outro lutador "fracassado". Loyola me pergunta, sentado na sua mesa de editor de revista, nos altos da av. Paulista, em São Paulo:

— Você acha que ele sifu? Eu sempre deixo uma abertura. Ele pode ter virado Lampião.

Óbvio: não se resume a vida num fato. "Fracasso" entre aspas, claro, trata-se apenas de uma batalha perdida, haverá outras talvez mais amplas, mais ambiciosas, talvez redentoras.

Há saída também no caso de Anna Maria em "Túmulo de Vidro"? É provável que alguém considere este conto ou novela a melhor história de *Pega Ele, Silêncio*, que na técnica segura do autor prenuncia o importantíssimo "Zero" (os três trabalhos foram publicados anteriormente no volume "Os 18 Melhores Contos do Brasil"). Anna Maria é ninfômana sem orgasmos. Filha de pai rico do interior, vem para São Paulo, torna-se atriz. Bonita, o pessoal do Gigeto, do Redondo, cai matando em cima. Ela marca no caderninho os amantes one-way. Como a anterior, esta história não tem fim. Anna Maria leva uma surra dentro do carro e pergunta — será isso o orgasmo? Em outras palavras: será a vida que levo nesta cidade onde as pessoas se lascam cada vez mais, se danam nos palcos-redação de jornal-cinemas-rádio-televisão-infernhos-fábricas-apartamentos-escritórios-bairros grã-finos, nas ruas, a vida? Nunca é

bom arriscar. Compensa arriscar? Há saída para a miséria da classe média, Loyola?

— A classe média nunca entende o que se passa, só tem medo.

Como classe é evidente que vai pro escambau. Mas aquelas pessoas de Anna Maria, ela mesma, prosseguem, passam por episódios de demência semicoletiva, desgraças que abrem e fecham estradas: "Camila Numa Semana". Caio, jornalista/Camila, universitária. Já se percebe a unidade do livro. O autor mostra o jogo, desdobra a pergunta inicial. Confundidos, apavorados, C/C preferem a cama à rua. Masoquistas, curtem a porrada ao som nostálgico da voz de Narinha Leão. Aceita-se a derrota antes da briga. Mas Caio e outros na certa começam a virar "homens" a partir daí, da semana de cama, medo, álcool e Camila. Outras Camilas serão esclarecidas, vão esclarecer (ainda que por um momento) e partir pro racha? O autor sabe até onde chega a eficácia da crônica. Por isso faz com que os personagens ricocheteiem na década de 60 para chegar a 75, 76, 2.000 — até quando durar a coisa. Você é otimista, hein, cara?

— Porque eu acredito. Se eu não acreditar, então nem vou escrever. Acho que isso me justifica um pouco.

Agora não estou falando com Loyola, mas com o personagem do romance que ele está terminando, "Dentes ao Sol":

— Tenho que achar no meio desta barafunda, desse novelinho, dessa pedra insignificante que foi a minha vida, uma única ação que tenha sentido, justifique eu ter vivido. Existe, ou eu não estaria aqui. A questão é: como encontrar este ponto infinitesimal dentro de 40 anos? (Símbolo, 121 pgs.)

Moacir Amâncio

INFORMAÇÃO

cutido romance *Catatau*, tem prontos os originais de *Monturo*, livro de orientação diversa mas na mesma linha de inovação, e sairá à procura de editores corajosos em outras capitais. Raimundo Caruzo, poeta catarinense que há muito reside em Curitiba, acaba de concluir seu primeiro livro a que deu título de *Poema Para Certa Canção*, de acentuada conotação latino-americana. Fernando Nogueira, contista carioca que também mora em Curitiba, tem na gaveta um livro pronto à espera de editor. (Reinoldo Atem)

— Asterisco, órgão de informação do Centro Cultural Desportivo do SESC em São Paulo, tem agora um suplemento literário.

— A UNILIVRO — Feira do Livro Universitário, de Franca, pretende realizar em setembro uma exposição com livros de literatura brasileira das principais editoras do país.

— O Cogumelo Atômico, folhetim catarinense de divulgação artística, está em seu 21.º número e merece sua ajuda para continuar. A assinatura custa Cr\$ 20,00 e os interessados devem escrever para a

caixa postal 179, Brusque, Santa Catarina. (José Francisco César Filho)

— Nas bancas a revista-jornal O Saco, a primeira revista cearense de circulação nacional. Lançada pela Editora Opção com o objetivo de divulgar os trabalhos dos escritores do Ceará, principalmente os novos, a revista deverá contar, a partir do 3.º número, com um caderno dedicado aos autores de outros Estados. O Saco é uma iniciativa dos escritores Nilto Maciel e Carlos Emilio, que têm como aliados os livreiros Manuel Raposo e Jackson Sampaio. Os trabalhos (crítica, textos, matérias sobre artes plásticas) devem ser remetidos a Nilto Maciel, rua Ama-deu Furtado, 438, Fortaleza, Ceará.

— A Editora Pallas está a procura de um novo slogan para o livro. O objetivo é aumentar o interesse do público pela leitura. As frases (no máximo três por concorrente) deverão ser enviadas, juntamente com o nome, idade, profissão e endereço completo, até o dia 30 de setembro, para Pallas S/A Editora e Distribuidora, av. Mem de Sá, 202, Rio de Janeiro.

— A Tribuna, de Indaiatuba, interior

O noticiário desta seção é fornecido por colaboradores de todo o país.

— Paulo Dantas completa 40 anos de literatura "disposto a tirar o atraso e a recuperar o seu lugar na cancha", depois de um exílio voluntário de cinco anos em Brasília. Além da reedição pela Globo do seu romance urbano, *Cidade Enferma*, de 1955, o autor publica pela Símbolo *Sertão Desaparecido*, com ilustrações de Clóvis Graciano e introdução de Cavalvanti Proença.

— Maria José Giglio, que já teve trabalhos publicados na Argentina e nos Estados Unidos, lança este ano seu 9.º livro de poemas.

— Em Curitiba, quem quiser editar um livro tem de pagar do seu próprio bolso ou procurar editor em outras capitais. É o que estão fazendo os escritores mais combativos, que acreditam no valor do seu trabalho: Hamilton Faria, por exemplo, foi a Porto Alegre acertar com uma editora de lá a publicação do seu primeiro livro de poemas. Paulo Leminski, que financiou a edição do seu dis-

de São Paulo, mantém em sua coluna literária um concurso permanente de poesia. Os premiados ganham livros. Os trabalhos, datilografados num só lado do papel, devem ser remetidos para Luiz Carlos Batista de Moura, caixa postal 105, 13330 — Indaiatuba, SP.

— O Departamento de Cultura da Secretaria de Turismo de Belo Horizonte está organizando o Terceiro Concurso Nacional de Literatura Infantil (o único do

país em que crianças participam do júri). Os trabalhos, em quatro vias, devem ter no máximo 50 e no mínimo 20 folhas tamanho ofício e serem identificados com pseudônimo. Sobrecarta fechada conterá nome do autor e pseudônimo. Quem vencer com a aprovação dos dois júris (de adultos e de crianças) receberá um prêmio de Cr\$ 21.300,00. Se a escolha tiver sido de apenas um deles, receberá a metade. Remessas para: Departamento de Cultura da Secretaria de Turismo, rua

Bahia, 905, 30000 — Belo Horizonte, MG.
— Estão abertas as inscrições para o II Prêmio Nova Friburgo de Literatura, concurso de contos que dá Cr\$ 10.000,00 ao 1.º colocado e Cr\$ 5.000,00 para duas menções honrosas. Informações sobre o regulamento devem ser solicitadas à Prefeitura Municipal de Nova Friburgo, Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, CEP 28.600, RJ.

REGISTRO

1 — Os contos e poemas devem vir acompanhados do nome completo, n.º do CPF, n.º da carteira de identidade, endereço e dados pessoais do candidato. Também são aceitas inscrições com pseudônimo, desde que o interessado indique o nome real.

2 — Mandem apenas um conto ou dois poemas por vez. Limite de tamanho para o conto: 250 linhas de 70 toques cada. Limite para os poemas: 100 linhas de 70 toques cada.

3 — Os trabalhos devem ser datilografados em espaço duplo e numa só face do papel.

4 — Da mesma maneira, os destinados às seções de "conto-notícia" e "estorinha" são regulados pelas normas acima.

5 — Os trabalhos incluídos neste registro também já foram lidos e analisados, podendo eventualmente ser publicados em futuras edições da revista. Por essa razão não devolvemos originais.

6 — Os autores do conto e do poema que abrirem suas respectivas seções receberão Cr\$ 300,00 cada um — que lhes serão enviados através de vale postal — e uma assinatura anual da revista. Todos os demais autores novos receberão, gratuitamente, uma assinatura anual de Escrita.

7 — Os trabalhos recebidos até o dia 20 serão registrados e analisados este mês para eventual publicação 40 dias depois. Os demais entram automaticamente na lista do mês seguinte.

CONTOS E POEMAS RECEBIDOS DE:

Alberto Abadessa Gonçalves
Alberto Alexandre Martins
Alcimar Fernandes Pereira
Alfredo Simonetti
Alípio da Rocha Marcelino
Alvaro Cardoso Gomes
Alvaro Ottoni de Menezes
Ana Maria Martinez
Aneska Fernandes
Ângela Melim
Antônio Carlos Freitas
Antônio Carlos Pricoli
Antônio Gomes dos Santos
Antônio Luiz Lopes
Antônio Munhoz
Aristóteles Correia
Aristóteles Guilliod de Miranda
Beatriz Chacon
Bernadette Lyra
Camões Ribeiro do Couto Filho
Carlos Alberto Soares de Araújo
Carlos Damião Werner Martins
Carlos Roberto Gutierrez
Célia Regina Nigro

César Cecava
Cícero Melo do Nascimento
Clarice Prestes dos Santos
Claude Sachs
Cláudia Canuto
Cláudio Fernandes Toffoli
Domiciano J. A. Neves
Domingos Tadeu Chiarelli
Edmir Pedro
Edmundo Rafael de Moura Ribeiro
Eduardo Alberto da Silva Moreira
Eduardo Alcântara de Vasconcelos
Eduardo Barbosa de Oliveira
Erivelto do Couto Almeida
Fátima de Oliveira
Fernando Nogueira
Fernando Tatagiba
Fernando Zanetti
Flávio Amaral Gurgel Kiss
Francisco Baltazar da Silva
Francisco Sobreira Bezerra
Fred Ribeiro
Germano Prado e Souza
Gérson Rocha da Silva
Gideon A. Rosa
Gilberto da Costa
Gilmar Serra
Glauco Rodrigues Correa
Hamilton Carvalho de Melo
Hamilton Faria
Heloísa Fonseca de Arruda
Inês S. Mafra
Isaac Antônio Camargo
J. G. Silva Filho
Jairo de Britto
João Carlos Viegas
João de Oliveira Rodrigues
Joaquim Benedito Costa
Joaquim José Miranda Borges
Jorge Boabaid
Jorge Luiz Maskalenka
Jorge Vasconcelos
José Agripino de Paula
José Bonifácio Caldas
José Fabiano da Rocha
José Luiz Gulart Prévidi
José Ribamar Éverton Neto
Luciano Cavini Martorano
Luciano Martins
Lucy Assumpção
Luiz Augusto Borges
Luiz Edson Fachin
Luiz Puntel
Luiz Siqueira Paes
Luíza Franco Moreira
Marcelo Cavalcanti
Marco Antônio Gutierrez
Maria do Carmo Silva
Maria Francisca Moreno Nepomuceno
Maria Helena Lima
Mário Souza
Mary Apocalypse

Mizael Dionísio
Murilo Leal Pereira Neto
Narciso Júlio Freire Lobo
Neny
Ney Fonseca
Nilo Sérgio Krieger
Nilo Sérgio Silva Gomes
Nilson Maldonado Avante
Nilson Monteiro
Nortus
O. Reyex
Odil José de Oliveira Filho
Olavo Rubens Leonel Ferreira
Osmar Portugal Filho
Paula Horta
Paulo Luís Barata
Paulo Nubile
Paulo Roberto Aguiar Meirelles
Paulo Roberto de Madureira
Raimundo Caruzo
Regina Dragiça Kalman
Regina Maria de Souza
Regina Vilaça
Ricardo Uhry
Roberto Teller
Rodolfo Lucena
Rogério Raupp Ruschel
Sandra Lúcia Abrano
Saraiva
Sérgio Amaral Silva
Sérgio Lozinski
Sérgio R. Hornstein Jr.
Sidney Cruz
Sônia Muller
Tavinho Paes
Thaelman Carlos Machado de Almeida
Themístocles de Souza Jr.
Tiago Araripe
Tony Bel
Valdemir Mourão
Vanda Batista Maques
Virgílio Mattos
Vitor Alberto de Oliveira Ramos
Wanilton Cardoso Affonso

CARTAS

NÃO A LEO GILSON

O sr. Leo Gilson Ribeiro, em seu artigo "Um Decálogo Cultural para o País das Cruzinhas", sugere que a Censura "seja entregue a representantes mais aptos, do Ministério da Educação e Cultura, das Relações Exteriores". Ele fez mais sugestões no artigo, muitas revelando a visão idealista que tem do processo cultural, como se pudesse ser desvinculado do processo sócio-econômico, mas a sugestão relativa à Censura não pode ficar sem reparo. A sugestão dele equivale a pedir o anexamento de uma prática, autoritária pela própria natureza, a setores presumivelmente cultos ou liberais do poder, os dois ministérios citados. Mas a Censura deve continuar no âmbito policial, entregue às autoridades policiais, para que continue caracterizada de acordo com sua natureza policial. Diante da reivindicação por uma Censura "mais apta", pode-se até ficar pensando se mais apta a censurar ou a tolerar. Evidente que o sr. Leo Gilson Ribeiro pensa numa censura mais tolerante, porque seria feita por gente presumivelmente mais culta, mais compreensiva dos fatos artísticos. Mas quem garante isso? E, mesmo que isso passasse a acontecer, quanto tempo duraria? Ou devemos pensar que o sistema que necessita da Censura permitiria que ela se comportasse com liberal autonomia? Enxergar a Censura fora do sistema que a instituiu é idealismo. A Censura depende objetivamente do comportamento de todo o sistema, porque é parte indissolúvel e necessária dele. Pedir um abrandamento da Censura equivale a pedir um abrandamento do sistema, coisa que certamente não depende de pedidos. Pedir uma censura mais criteriosa, como quer o sr. Leo Gilson Ribeiro, equivale a aceitá-la, e a todo o sistema, desde que codificados em leis. Aliás, recentemente já pediram a incorporação do AI-5 à Constituição. E que validade teria um código de censura, uma tábua de leis da Censura, se a libertação final de uma peça de teatro, por exemplo, está condicionada não apenas à leitura do texto mas também a um subjetivo exame de ensaio geral? Como julgar um gesto, a entonação de uma fala? De que adiantaria um código objetivo e pormenorizado de censura para livros, se não há censores em número suficiente para ler todos os livros editados? Mas, então, talvez passassem a haver. Enfim: não vejo, como artista e censurado, como aprimorar a Censura, pois este não é meu papel. Antes, pelo contrário, acredito que o aprimoramento dela só vem na medida de suas necessidades de maior eficiência coercitiva. Como artista, só posso pedir sempre o fim da Censura. Se a Censura tiver que abrandar devido a nossos rogos, que seja apenas porque sempre estaremos repetindo que a Censura deve acabar, nada menos, nada mais. (Domingos Pellegrini Jr. — Curitiba, PR)

DEVAGAR COM O ANDOR

A maneira da falsa democracia americana, Escrita abre suas páginas para o tão decantado debate literário. A polémica gerada em torno dos escritores gaúchos de Teia e as palavras de seu porta-voz Caio Fernando Abreu são, a esta altura do campeonato, totalmente superfluas e imbecis. Uma revista que pretende formar e informar deve ter primeiramente uma escala de prioridades e uma pauta voltada às importâncias mais prementes e não tentar mostrar uma falsa idéia democrática para alargar seu raio de penetração e aceitação, recebendo aliados que, no fundo, servirão indiretamente à promoção da revista nos mais longínquos recônditos desta pobre nação. ... Em Escrita, Duílio Gomes aparece ao lado de Souza Freitas; Márcia Denser ao lado de Marcelo Marques e Tavinho Paes. Caio Abreu recebe três páginas e meia para dizer entre outras coisas que "uma letra de Rita Lee, para minha cuca, pode ser tão importante quanto um poema de Fernando Pessoa", e mistura Bob Dylan, Norman Mayler, Batman, James Dean e Platão. Bota no mesmo barco Monteiro Lobato e os Beatles e ainda pergunta acintosamente "criticam minha literatura só porque uma personagem chama-se Baby Devil e sua moto Rainbow Trip? Deveria talvez chamá-los Ubirajara e Iracema?". ... Escrita continuará proporcionando seus êxtases literários, desprovidos de ação social para as meninhas da PUC, que colecionarão as capas cada vez mais coloridas desta revista e continuarão discutindo vanguarda e a estrutura na crítica literária francesa não sabendo, no entanto, o que se passa à sua volta. (Furio Lonza — São Paulo, SP)

O critério aberto que deu a Furio Lonza oportunidade de romper o anonimato continuará orientando a escolha de novos pela revista. A seleção condicionada à rotulação maniqueísta de bons e maus é muito perigosa e está na mesma rota que levou ao "Mein Kampf".

BOA BRIGA

Era de se esperar que o artigo, lúcido e objetivo, de Mário Chamie sobre Antônio Cândido e Assis Brasil, provocasse admiração e ataques históricos por aí. Prova de ataque histórico é a carta do sr. Antônio José de Queiroz (Escrita 5), que se diz interessado em literatura, ainda que seja pessoa de atributos intelectuais modestos, conforme confessa. O sr. Queiroz não é propriamente modesto; é limitado e obtuso mesmo. De minha parte, sou professor de português e de literatura brasileira e acompanho, até por dever de ofício, o que acontece nos arcaivos das letras neste país: Como sou assíduo leitor de Escrita (que recomendo sempre aos meus 60 alunos), vejo-me na obrigação de fazer um pequeno esforço para esclarecer e desobstruir o bloqueio mental do sr. Queiroz. Indo direto ao assunto: o sr. Queiroz, ao invés de

discutir os argumentos de Chamie, prefere sacar, como um papagaio, a balela de que o poeta de "Lavra Lavra" provém do concretismo. Não é verdade. Chamie foi um dos lançadores da página Invenção, do antigo Correio Paulistano, em 1960, e que era integrada por autores de tendências de vanguarda diferentes e autônomas. Quando os concretistas viraram maioria e quiseram impor o seu dogma na página, Chamie, mostrando independência intelectual e inteligência aberta, se desligou da página que, depois, foi encampada pelo grupo concreto. A autonomia de Mário Chamie é atestada pelo sr. Décio Pignatari, que o sr. Queiroz cita sem ter lido e falsificando o texto. Diz Pignatari, em sua tese "A Situação Atual da Poesia no Brasil" (publicada nos Anais do Segundo Congresso Brasileiros de Crítica e História Literária, página 387, Assis, 1963): "Mais recentemente (...) muito material se publicou na página dominical Invenção, de O Correio Paulistano, dirigida por uma equipe de concretos e de não-concretos, entre os quais Mário Chamie, de linhagem João-cabralina". O sr. Queiroz, no seu descontrole emocional, acusa Chamie de má fé e de desonestidade, sob o pretexto de que o lançador da vanguarda nova, mudou a expressão "pulo da onça" para "pulo para trás", na mesma tese de Décio. Mas quem dá pulos e saltinhos de desonestidade é o sr. Queiroz, pois se tivesse lido a tese de Décio verificaria que Chamie transcreveu, com precisão impecável, o que lá está escrito, à página 388, e que é o seguinte: "Até onde (a Poesia Concreta) pulará para trás, para o êxito do verso?". O sr. Queiroz afirma ainda que Chamie e o pessoal de Praxis não fizeram parte da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda e nem assinaram um seu comunicado. Ora, todo mundo sabe que esse "comunicado" e essa "Semana" foram montados pelos concretistas e seus acólitos de Minas, exatamente para se oporem à poesia participante defendida e pregada no "Manifesto Didático" de Praxis. Esse manifesto é de 1961 e, aquela Semana, alienada e formalista, é de 1963. O resto não dá para discutir. Como é possível argumentar com um sujeito que chama de "bobagem" os conceitos sérios e fecundos de "vanguarda nova", "signo de conexão", etc., sem contar o fato de que esse mesmo "boboca" confunde "praxis" com "praxismo"? Era isso o que eu queria dizer. O fato é que Chamie é o único intelectual brasileiro, no momento, que faz hoje o que Oswald fez ontem: desmascarar as glórias de encomenda, com competência e humor. E, além disso, Chamie, de longe, é o maior poeta brasileiro da atualidade. Está aí o "Planoplenário" para provar o que é poesia participante e linguagem revolucionária. Que o sr. Queiroz o leia e depois rime esta verdade incômoda: Antônio Cândido há 20 anos que fritava bolinho na Crítica Brasileira e Assis Brasil, com toda boa vontade, não passa de um subcrítico esforçado. Peço, pessoal de Escrita, que esta

carta seja publicada na íntegra, em nome da decência intelectual e da abertura extraordinária que vocês têm demonstrado. Obrigado. (Ademar Francisco de Toledo — São Paulo, SP)

O autor da carta, talvez por prudência, omitiu o endereço. Mas ela foi enviada através do correio de Vila Nova Conceição, São Paulo, SP.

MENINO AMUADO

Estou com o Hamilton (pauta, Escrita 6): o problema de nossa literatura tupiniquim nada mais é do que o reflexo de uma determinada situação global em que estamos imersos (atolados), e só a atividade conjunta, unida, do pessoal que literaturiza, que politiza, enfim, todos os que estão atolados (imersos) nessa situação, consegue superá-la. Isto é que é, Hamilton! Uma posição adversa: o menino amuado Caio Fernando Abreu e sua "revolta" sem objetivos. Parece-me que o garoto ainda não compreendeu e faz questão de não compreender que, se "literatura é vida", ela possui uma tremenda responsabilidade (assim como toda a Arte, como o tem demonstrado a História), no tocante a fazer (tornar) essa vida possível a todos os homens, humanizando o mundo, ampliando as relações humanas, tornando-os conscientes de suas potencialidades, revelando-lhes os diversos caminhos para o seu desenvolvimento. Assim, a literatura passa a ser guia, fanal, farol para a humanidade. Daí também a atitude denunciadora dos impedimentos (e das causas que os geram)

que ela deve assumir. O artista/escritor é assim um sempre revoltado, mas, numa revolta dentro da sociedade, aproximando-se sempre das forças que movimentam essa sociedade e fazem-na desenvolver-se. Qualquer rebelião fora, fugas, tóxicos, retorno ao útero, visão infantil, levam a lugar nenhum. A saída existe e está na participação efetiva na transformação e desenvolvimento da sociedade. Essa posição de repúdio à ordem estabelecida acompanhada da recusa proposital de mover-se contra a opressão, a fome, a injustiça, é por demais velha e conhecida, não passando de uma manifestação pequeno-burguesa-infantil de revolta (ou de manha) que alcançou o seu auge com a geração beat, surgida nos anos 50. E que deu em água... (Cícero Melo do Nascimento — Rio de Janeiro, RJ)

É ATÉ UM FAVOR

Será que eu poderia fazer uma divulgaçãozinha de Escrita em alguns órgãos de comunicação aqui da terra? Não seria possível Escrita sair duas vezes ao mês? Ao lado das bem elaboradas traduções de autores estrangeiros feitas por Escrita, não seria possível vir também o texto original? (Aristóteles Correia — Fortaleza, CE)

Gostaríamos de poder contar com sua colaboração para divulgar a revista. Por outro lado, não temos planos para tornar Escrita uma revista quinzenal: as dificuldades seriam muitas. Quanto aos latino-americanos, preferimos publicar no original.

VANGUARDA

Vocês não podem ignorar as pesquisas de poetas como Mário Faustino, os irmãos Campos, Décio Pignatari, Affonso Ávila, Affonso Romano, etc. Assim a revista no plano da ficção faz o melhor, mas no da poesia vai em passo de tartaruga. Espero que compreenda o sentido de minha crítica, e espero também que vocês continuem publicando Escrita. (Joáquim Branco — Cataguases, MG)

Consideramos inferiores aos já publicados os poemas de vanguarda que nos chegaram às mãos até agora. Não há o menor preconceito.

SESSENTA PESSOAS

Aqui em Caxias do Sul, num rápido levantamento efetuado, constatei que Escrita é recebida de bom grado por quase 60 pessoas. Parece um número insignificante mas comparando com outras revistas já é sucesso garantido. Prometo enviar um levantamento, que foi realizado em março (tarefa para os calouros da Universidade na semana de integração), do número de revistas vendidas aqui em Caxias do Sul, pois os dados informados anteriormente são de apenas um distribuidor. (Tony Bel — Caxias do Sul, RS)

Obrigado.

APELO

Esperemos todos que os universitários consigam manter mais esta publicação. (Rodolfo Reckziegel de Lucena — Porto Alegre, RS)

Nós também.

ABRIL DE 1976 N. 4 Cr\$ 12,00

FICCAO

HISTÓRIAS PARA O FRAZER DA LECTURA

João Antonio
Coelho Neto
Robert Sheckley
Osmard Andrade
Hugo de Carvalho Ramos
Francisco Inácio Peixoto
Valdomiro Santana
Moacyr Scliar
Paulo Amador
Mario Galvão
Ricardo Noblat
Marco Ferrari
Raul Brandão
Paulo Afonso
Bret Harte
Saki

Augusto Rodrigues — Canini — Egon —
Concurso de Contos — Resenhas de Livros



ESSA TERRA

O novo romance de Antônio Torres

O já consagrado Autor de
"Um Cão Uivando para a Lua" e
"Os Homens dos Pés Redondos",
aborda nesse romance o
drama do retirante nordestino.

Capa e
ilustrações de
Elifas
Andrade

ea
editora ática



COMUNIQUE-SE MELHOR COM NOSSOS EQUIPAMENTOS

**máquinas de escrever
somadoras
copiadoras
calculadoras
sistemas contábeis
teleprocessamento
telecomunicações**

olivetti

